

O BESTSELLER MUNDIAL QUE CONQUISTOU QUEM ADORA LIVROS.

A Livraria dos Pequenos Milagres



MÓNICA GUTIÉRREZ

W MARCADOR

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

O BESTSELLER MUNDIAL QUE CONQUISTOU QUEM ADORA LIVROS.

A Livraria dos Pequenos Milagres



DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by [convertEPub](#)

O BESTSELLER MUNDIAL QUE CONQUISTOU QUEM ADORA LIVROS.

A Livraria dos Pequenos Milagres



MÓNICA GUTIÉRREZ

W MARCADOR

A Livraria
dos Pequenos
Milagres

MÓNICA GUTIÉRREZ

A Livraria
dos Pequenos
Milagres

TRADUÇÃO DE ANA RITA SINTRA

 MARCADOR

info@marcador.pt

www.presenca.pt/collections/marcador

facebook.com/marcadoreditora

instagram.com/marcador_editora

© 2024

Todos os direitos relativos à chancela Marcador
encontram-se reservados para a Editorial Presença, S.A.

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

Copyright © 2020, Penguin Random House Grupo Editorial, S.A.U.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida
em qualquer forma sem permissão por escrito do proprietário legal.

Título: *A Livraria dos Pequenos Milagres*

Título original: *La Librería del Señor Livingstone*

Autora: Mónica Gutiérrez Artero

Tradução: Ana Rita Sintra

Revisão: Daniel Santos/Editorial Presença

Arranjo de capa: Sofia Ramos/Editorial Presença

Design da capa: Penguin Random House Grupo

Ilustração da capa: Miquel Antoni Tejedo Castellví

Composição, impressão e acabamento: Multitipo — Artes Gráficas, Lda.

1.ª edição em papel, Lisboa, janeiro, 2024

Ao meu Engenheiro. Por tudo. Sempre.

Era abominável para o senhor Livingstone que Roberta Twist tivesse batizado o seu único filho, na igreja presbiteriana de St Andrew, com o nome Oliver. E não era porque tivesse algo contra os paroquianos presbiterianos, ou contra a espantosa cúpula de St Andrew, mas porque estava convencido de que era preciso muita maldade para deixar abandonado à porta da sua livraria, de segunda a sexta, um menino chamado Oliver Twist.

Edward Livingstone já perdera a conta aos anos desde que se tornara livreiro. Não se tratava de uma paixão vocacional, mas de uma questão de sobrevivência: o senhor Livingstone compreendia melhor os livros do que os seres humanos. Embora esta última observação não fosse totalmente verdadeira — até o livreiro mais matreiro tem as suas exceções —, a vida numa livraria consistia em muitos livros e poucos clientes.

A sua livraria ostentava o orgulhoso letreiro azul com letras brancas em que se lia MOONLIGHT BOOKS e ocupava um velho imóvel de dois andares numa das ruelas do bairro de Temple. Partilhava a sua humilde localização com uma sapataria masculina que já tinha visto melhores dias, lá para os anos 20 do século passado, e com um alfaiate tão idoso — extraordinariamente parecido com o Mr. Magoo — que a maioria dos clientes já não iria precisar dos seus serviços nunca mais. Não importava ao senhor Livingstone a localização algo escondida da sua livraria, pois era um firme partidário de que as vidas sem uma pontinha de mistério não tinham interesse.

Vista da rua, a Moonlight Books era toda ela madeira pintada de azul e montras esmaecidas. Do outro lado dos vidros emoldurados, uma coreografia de romances atraía o olhar dos transeuntes com maior ou menor êxito. Não era o senhor Livingstone quem se ocupava da decoração das montras da loja, mas costumava dar a sua aprovação, num breve resmoneio, aos livros que exibiam. A porta da livraria, também ela de madeira azul, tinha uma curiosa maçaneta em forma de pluma que os visitantes empurravam para entrar, fazendo assim soar o tinido peculiar das campainhas de boas-vindas.

Com quarenta e muitos anos, Edward Livingstone tinha organizado o negócio segundo a sua própria filosofia de leitura: os clássicos no piso de baixo e os autores contemporâneos no piso superior, no pé dos livros de filosofia, viagens, mapas, teologia, história e outras disciplinas, de maneira que nem sequer os autores mais modernos se pudessem livrar do olhar atento de Aristóteles, Plutarco, Tucídides, Voltaire, Rousseau ou Kant, dignos guardiões da modernidade. De pavimentos de madeira polida e rangedora devido à idade, com paredes de uma cor esmaecida — talvez violeta nos bons velhos tempos — por trás de enormes estantes repletas de livros, ambos os andares da livraria comunicavam entre si por uma única escada em caracol, cujos degraus, também de madeira, estavam regiadamente escoltados por um lindo corrimão negro de ferro forjado, filigranado com belas rosas e motivos vegetais lavrados no mesmo metal. O senhor Livingstone acreditava que, para desfrutar dos autores do piso de cima, era necessário ter lido grande parte dos do de baixo, daí a sua peculiar distribuição. Não costumava tecer comentários em voz alta sobre o seu

extraordinário corrimão modernista, mas, se os clientes observadores não estivessem extintos neste século, sem dúvida que não lhes teria passado despercebida a delicadíssima carícia da ponta dos dedos do livreiro sobre a sua superfície escura sempre que transitava por aquela escada prodigiosa.

Era necessário erguer o olhar para os céus da livraria numa noite estrelada para compreender o nome com o qual o seu proprietário a tinha batizado — na opinião do senhor Livingstone, escolhido com melhor critério do que o da senhora Twist em relação ao seu único filho. A coroar, majestosa, o teto alto de vigas de madeira do primeiro andar, encontrava-se uma respeitável claraboia cristalina em forma de pirâmide. Durante o dia, apenas deixava passar a luz, esbatida pelas frequentes chuvas londrinas, mas, se alguém se desse ao trabalho de levantar os olhos numa noite límpida e serena, teria uma panorâmica lindíssima dos céus estrelados com a Lua. Juntamente com a escada em caracol, o proprietário da Moonlight Books considerava a claraboia um dos seus bens mais preciosos.

Edward Livingstone, que tinha um certo parentesco longínquo com o médico, ativista antiescravista e explorador escocês que descobriu as cascatas do rio Zambeze — por ele batizadas como «cataratas Vitória» —, trocara os mapas e os diários do seu antepassado vitoriano pelo papel muito menos aventureiro dos seus livros preferidos. Como um bom livreiro, o seu Mundo era a sua livraria; o seu Estado, a leitura; e a sua Constituição, o índice alfabético de títulos e autores que tinha informatizado há uns anos, apesar de ser capaz de encontrar de memória qualquer exemplar que o cliente solicitasse, inclusive no pior dos seus dias.

O dia em que Oliver Twist venceu, com a sua lógica esmagadora de menino de oito anos, o dogma laboral do senhor Livingstone, até então inamovível, era uma terça-feira. Entardecia com a típica rapidez dos meses de novembro londrinos, as luzes da livraria já estavam acesas e havia três pessoas no andar inferior a dar uma espreitadela pelas mesas das novidades. O soalho de madeira velha e polida rangia sob os pés dos visitantes da Moonlight Books e o livreiro excêntrico estava mais rabugento do que era habitual.

Naquela tarde, Edward Livingstone tinha subido e descido da bela escada em caracol vezes suficientes para perder a conta e o fôlego. Estivera a dispor exemplares recém-chegados — as manhãs de terça-feira estavam reservadas para os fornecedores — e sentia-se tão cansado que teve de se sentar por um momento num dos sofás roxos do piso superior.

— Devia contratar alguém para o ajudar.

A vozita sabichona de Oliver Twist, que acampara com a sua mochila e os seus livros de astronomia no recanto do costume, a secção de História, importunou o senhor Livingstone.

— E tu devias ir para casa.

Oliver, que sabia ter poucas probabilidades de a mãe passar para o ir buscar antes da hora do encerramento da livraria, encolheu os ombros e voltou a enfiar o nariz num enorme tratado sobre as luas de Júpiter. Estava tão habituado à brusquidão do seu anfitrião como este estava acostumado à sua presença silenciosa no andar de cima.

A cada dia, à saída da escola, encontrava-se ao portão com Clara, a empregada dos Twists, que lhe entregava o lanche e o acompanhava em silêncio até à Moonlight Books. Oliver não conhecia com exatidão as obrigações contratuais de Clara, mas tinha uma ideia bastante sucinta do que não contemplavam: ele. A empregada dos pais procurava cumprir o

trâmite de se desfazer do empecilho com a maior rapidez e, se possível, em silêncio. Oliver imaginava que Clara o considerava uma encomenda que devia entregar. Ninguém no seu perfeito juízo puxa conversa com encomendas.

O senhor Livingstone não desgostava especialmente de Oliver. Pensava que tinha dado, muitas vezes, mostras de um valioso senso comum — o mesmo que escasseava entre as dezenas de pessoas que cruzavam diariamente a soleira da livraria — e tolerava com paciência as suas manias de menino sobredotado. Apesar de estar convencido do gosto duvidoso da senhora Twist, pela respetiva contribuição na exacerbação do ódio dos estudantes que não iam à bola com Dickens desde tenra idade — o senhor Livingstone supunha que as famílias modernas estigmatizavam Dickens e fomentavam a leitura de malignos autores afrancesados —, Roberta Twist era uma advogada bonita como a Rainha da Neve e com a mesma predisposição que esta para deixar que o seu coração congelado sentisse pouca compaixão pelo abandono quotidiano do seu filho. O quociente de inteligência de Oliver não interessava ao livreiro, que tentava ignorar os dramas familiares que o rodeavam, mas sabia apreciar na medida certa as observações do rapazito.

Certa vez, quando Edward ainda acreditava ser possível que a presença do menino na secção de História fosse temporária, perguntou-lhe porque passava ali as tardes.

— Não preferes jogar *quidditch* com os teus amigos?

— Não tenho amigos — respondera-lhe Oliver, sentado no chão, no meio de um montão de livros.

— Não é preciso que sejam teus amigos para jogares com eles — retificou o senhor Livingstone, consciente de que a sua lista de amigos tão-pouco estava a transbordar de nomes.

— Gosto de estar aqui.

Nessa mesma tarde, o livreiro voltou a chamar a atenção da senhora Twist.

— Isto não é um infantário, não pode deixar aqui o seu filho todas as tardes.

— Já lhe disse para me indicar um preço por hora — replicou a muito digna Rainha da Neve, com a pasta numa das mãos e o telemóvel na outra.

A advogada, fiel ao princípio de que todos neste mundo têm um preço, era incapaz de compreender que a Moonlight Books se situava à margem de qualquer dito popular.

— Isto é uma livraria. Não cobramos para tomar conta de crianças.

— O Oliver é um cliente. Não suja, não incomoda, não morde — resumiu, antes de sair a toda a brida pela porta.

O filho tinha encolhido os ombros e seguira-a com as orelhas pintadas da cor da vergonha. No dia seguinte, contara ao senhor Livingstone que fora sua a ideia de passar as tardes na Moonlight Books, por oposição à opinião dos pais.

— Inscreveram-me num monte de atividades extracurriculares, mas não gostava de nenhuma. Consegui que me dispensassem de todas.

— Como?

— Fingindo que adormecia nas aulas. Os psicólogos desaconselham os pais a obrigarem os filhos a realizar atividades académicas que não queiram. E só me interessava investigar sobre o espaço.

Edward, que perdera a fé nas teorias psicopedagógicas há muitos anos, não quis indagar

sobre a veracidade da explicação dada. No entanto, sentiu curiosidade em saber porque tinha escolhido a sua livraria.

— Não tenho muitos livros sobre astronomia.

— Mas daqui dá para ver as estrelas quando anoitece — fora a resposta de Oliver.

Não podia culpar o rapaz por se sentir à vontade no único sítio do mundo que ele também considerava um refúgio.

Ainda que não tenha sido essa evidência a dissuadir o senhor Livingstone de continuar a protestar contra as horas que Oliver passava na sua livraria — protestos esses de que Roberta Twist não fazia o menor caso —, nem a de que a sua presença passava despercebida aos demais clientes. Tão-pouco se deveu ao seu respeitoso amor aos livros, ou à sua admiração pela claraboia piramidal, ou ainda por ter ganhado a simpatia do livreiro. Oliver Twist passou a fazer parte do recanto sul do piso superior da Moonlight Books pela força do hábito. Acampava ali todas as tardes depois da escola, sentando-se no velho chão de madeira, tirando os seus tesouros de dentro da mochila (mapas celestes antigos, sextantes, livros, papel e lápis de cor) e submergindo, feliz, na imensidão do Universo. Tantos dias repetiu a sua cerimónia de astronauta livresco que se integrou na memória quotidiana do senhor Livingstone, que se tornou consciente das saudades que tinha dele na semana em que uma gripe o reteve em casa.

Edward sentiu as dores na zona lombar, moveu os pés para comprovar que as pernas conservavam ainda um leve tremor devido ao esforço e maldisse em silêncio a decrepitude que acompanha os velhos livreiros. Talvez tivesse realmente chegado a hora de contratar alguém mais jovem para lhe dar uma mãozinha com as encomendas e com o transporte dos livros pelos degraus da sua orgulhosa escada em caracol.

— Espero que não te estejas a referir a ti mesmo — disse o senhor Livingstone ao seu inquilino quando este sugeriu a ideia.

— Não. Preciso de todo o meu tempo para me tornar o...

— ...o astronauta mais jovem do mundo. Sim, já sei.

— Contrate um universitário. São fortes e não se importam de trabalhar em *part-time*.

— Não é costume meu seguir os conselhos de um fedelho de seis anos.

— Tenho oito anos, dois meses e três semanas.

— Vai dar ao mesmo — grunhiu o senhor Livingstone, lendo o título do livro que sustinha o seu interlocutor. — Desta livraria estou eu a cargo, não os miúdos astronautas das luas de Júpiter.

Se fosse possível o som de umas campainhas soar lúgubre ao espírito, esse seria sem dúvida o da porta da Moonlight Books. O seu tinido anunciou a chegada de novos clientes, ou a saída de algum dos que estavam ali dentro, e Edward Livingstone supôs que deveria descer para ver da caixa registadora.

— Para que conste — disse o livreiro quando todos os ossos da sua coluna estalaram ao pôr-se de pé —, se contratar alguém a tempo parcial para me ajudar, não será por teres sido tu a decidi-lo, mas por causa do peso esmagador das novas edições dos atlas geográficos que me vi obrigado a arrastar aqui para cima durante a tarde inteira.

Edward desceu de novo a sua apreciada escada, comprovou que tudo continuava em ordem — há algum tempo, estabelecera que os acontecimentos inusitados ocorreriam

apenas à quinta-feira — e contemplou com anseio a sua mesa especial. Apenas uma exceção aos seus queridos clássicos residia no piso de baixo da Moonlight Books: os livros ilustrados, a pequena e colorida fraqueza do senhor Livingstone. Não conseguia evitar, apesar dos seus muitos anos enquanto explorador literário e sábio (ou talvez precisamente por isso), ficar rendido às páginas belamente ilustradas de qualquer exemplar com o qual deparasse, quer fosse num catálogo com as novidades de uma editora, quer fosse durante a descoberta — sempre assombrosa, como a do doutor Livingstone original — de uma rara antiguidade. As novíssimas e formosas edições de Benjamin Lacombe, Tim Burton, Iban Barrenetxea, Sara Morante, Charlotte Voake, Stephen Biesty ou Quentin Blake conviviam alegremente numa enorme mesa com edições bem conservadas das gravuras de Maurice Sendak, George Barbier, Alphonse Mucha, Toulouse-Lautrec ou Gustave Doré. Apesar da férrea disciplina e ordem a que o senhor Livingstone submetia os seus queridos livros, esta zona ilustrada era a mais bravia e selvagem, muitas vezes terra de ninguém e de todos, encontro de pintores, cartunistas, gravadores, publicitários, desenhadores e demais ilustríssimos (e ilustradíssimos) habitantes do pincel.

Rematava a mesa destes tesouros um pequeno pedestal sobre o qual repousava uma vitrina suavemente iluminada. No seu interior, o senhor Livingstone tinha depositado, aberto, o diário original do seu antepassado explorador: *Observações Cartográficas, Zoológicas, Botânicas e Geológicas do Sul de África (1849-1851)*. Tratava-se do caderno manuscrito do doutor David Livingstone, que o livreiro herdara de uma tia solteira há uns dez anos. Embora Edward não exibisse a sua histórica relíquia familiar com mais alardes do que aquela pequena vitrina, quem o conhecia sabia o muito que a estimava. O seu zelo no cuidado do manuscrito era tal que nem sequer acedera a mostrá-lo a Oliver, apesar dos protestos do rapaz por a altura da vitrina não lhe permitir contemplar a maravilha do explorador.

Talvez devido a essa pequena ilha anárquica entre os mares disciplinados da sua bem organizada livraria, ou talvez porque nunca ganhara o Prémio Scrooge de livreiro mais resmungão do ano, mesmo tendo sido nomeado em três ocasiões, o senhor Livingstone não tardou a suavizar o sobrolho enrugado e a ignorar o seu princípio de não fazer caso dos bons conselhos de um menino. Nessa mesma tarde, colou um anúncio na porta da Moonlight Books: AJUDANTE PRECISA-SE.

Agnes Martí soltou um doloroso queixume ao consultar na Internet o saldo da sua conta bancária. Já estava em Londres há três meses e ainda não tinha conseguido arranjar o trabalho digno que se tinha comprometido a encontrar quando descera do avião.

— Estou no ir — dissera aos pais antes de deixar a sua cidade natal: Barcelona. — Estou farta de tanta precariedade, de tantas restrições na investigação e de só ter trabalho quatro meses por ano. Cansei-me das escavações de primavera e de mendigar com o meu currículo pelas ruas desta cidade inclemente.

Os pais, que pareciam mais tristes do que impressionados com tal discurso heroico, assentiram sem convicção. Não tinham a certeza de estar preparados para enfrentar a síndrome do ninho vazio, cuja iminência fora frequentemente lembrada por uma tia psicóloga.

— O que queres ir para lá fazer? — perguntou-lhe a mãe.

— Gostava de trabalhar num museu. Um dos grandes. No British Museum.

Agnes pronunciou as duas últimas palavras num fio de voz. Parecia-lhe uma ousadia pensar sequer no British Museum, porque ela nunca tinha sido daquelas que sonham em grande e a vivas cores. Porém, se se atrevesse a verbalizar os seus desejos mais loucos, talvez encontrasse igualmente a coragem necessária para lutar por eles. Não que Agnes fosse uma defensora incondicional da filosofia *new age*, mas todos os seres humanos precisam, nem que seja uma só vez, de acreditar na benevolência dos seus destinos.

Foi a paisagem crepuscular das suaves ondulações de Oxirrincó, durante as escavações de primavera, que fez com que lhe surgisse a ideia de emigrar para Londres em busca de novas oportunidades profissionais. Agnes era licenciada em Arqueologia e, de há cinco anos àquela parte e em períodos descontínuos, trabalhava na jazida arqueológica dirigida pelo professor Josep Padró. Oxirrincó, ou Al-Bahnasa, situada a sudoeste do Cairo, fora a cidade de Per-Medjed do Alto Egito, um enclave cultural e comercial esplendoroso na época helenística e um recanto abandonado após a invasão árabe do século VII. Desde finais do século XX, a Universidade de Barcelona, a Sociedade Catalã de Egiptologia e o Serviço de Antiguidades do Egito lideravam um projeto de investigação histórico-arqueológica na zona. As suas jazidas, a conservação das estruturas recuperadas, as novas descobertas arqueológicas e a investigação sobre a época helenística no Antigo Egito eram o canto da sereia que cativava Agnes a cada ano. Com o pôr do sol, terminada a sua jornada, a arqueóloga passeava pelas belas ruínas, observando as cores únicas de África no suave assentar da poeira sobre os contornos da escavação. Gostava de imaginar que Flinders Petrie tinha caminhado por estes mesmos trilhos de terra e pedra nos anos 20 do século passado.

Era fácil deixar-se levar pelo romantismo da arqueologia, pelo companheirismo dos investigadores e pelo entusiasmo do professor. Mas, em cada verão, quando se suspendiam os trabalhos de campo e Agnes regressava a Barcelona, surgia inevitavelmente o choque perante a insatisfatória realidade: tinha aperfeiçoado o seu domínio da língua inglesa, mas

continuava sem um trabalho estável, vivia com os pais e todos os seus amigos arqueólogos tinham saído do país ou viviam em dificuldades com contratos miseráveis. Resistia à tentação de se dedicar ao ensino, pois tinha medo de sucumbir à claustrofobia das aulas, e enganava o desalento estival redigindo trabalhos de investigação sobre os progressos em Oxirrinco. Até à data, já publicara três, um deles reconhecido pelo professor Josep Padró e outros arqueólogos de prestígio. Sabia que isso não era suficiente para lhe abrir as portas do British Museum, mas ter-se-ia odiado a si mesma se não tivesse tentado.

Desde que se mudara para Londres, espremera os seus contactos até ao ponto de se tornar insuportável, conhecendo de cor a morada de meia dúzia de agências de trabalho na cidade e entregando pessoalmente o seu currículo em todos os museus que visitava. Ninguém parecia carecer de uma arqueóloga da Antiguidade. Nem mesmo nos recantos mais desconhecidos dos respeitáveis templos sagrados dos ingleses.

— Não temos escavações em Stratford-upon-Avon — informou-a, muito séria, a senhora de cabelo branco e óculos tartaruga que tivera a amável consideração de ler as suas referências no primeiro andar da British Library.

— Não tem de ser uma escavação.

— Peço desculpa, mas não compreendo porque quer trabalhar connosco. Sabe que isto é a Shakespeare Society, certo?

— Talvez precisem de desenterrar algum manuscrito. Ou comprovar a sua antiguidade.

— Trabalhamos com linguistas e outros seres estranhos, não com arqueólogos.

— Devem ter historiadores.

— Devia verificar nos anais — riu-se a senhora do seu próprio engenho.

— Os arqueólogos são historiadores que sujam mais as mãos.

— Pois, mas não com o pó dos livros...

— Podia limpá-los.

Foi nesse preciso instante que Agnes Martí tomou consciência de que o desespero e a tristeza a tinham começado a enlouquecer.

Abandonou tragicamente a senhora de cabelo branco e de óculos tartaruga — muitas Julietas teriam admirado a sua dramática saída de cena — e deixou que os seus passos a levassem à estação de comboio de Saint Pancras. Agnes não sentia uma especial inclinação por estações ferroviárias, mas Saint Pancras, com o seu tijolo vermelho, os arcos ogivais e a belíssima estrutura, roubara-lhe o coração de desempregada errante. A espetacular fachada gótica aparecia nos filmes da saga *Harry Potter*, simulando ser o exterior da estação vizinha, King's Cross, muito mais discreta. Agnes sempre se intrigara por que razão não teria J. K. Rowling situado a plataforma nove e três quartos, de onde partia o Expresso de Hogwarts, no interior de Saint Pancras.

Mas não tinha sido qualquer questão literária a fazer a arqueóloga apaixonar-se poucos dias após a chegada a Londres. Se Agnes encontrara uma certa paz e consolo na estação de Saint Pancras, além da sua arquitetura, fora graças a duas pessoas, uma de metal e outra de carne e osso: a estátua do poeta John Betjeman, perto da entrada principal, e a sua companheira de casa, Jasmine, que trabalhava como empregada de mesa no pequeno café que a Fortnum & Mason tinha quase junto à plataforma. A primeira recordava-lhe o espírito romântico da liberdade, mas também a determinação e o empenho de seguir os

ditames do coração. E gostava da segunda, que lhe trazia *earl grey* com espuma de leite e uma fatia do *carrot cake* mais delicioso de Londres.

John Betjeman lutara incansavelmente pela conservação da estação de Saint Pancras quando Londres considerava muito seriamente a sua demolição ou a sua completa transformação depois dos bombardeamentos da Segunda Guerra Mundial. Defendia, incansável, que Saint Pancras era «demasiado bela e demasiado romântica para sobreviver num mundo de betão» e que, por isso mesmo, devia sobreviver. Foi o seu apaixonado romantismo a peça-chave que manteve e conservou o edifício original, que no século XXI constituía um dos tesouros londrinos e oferecia uma fugaz esperança às arqueólogas cansadas.

Agnes adorava a escultura de Betjeman, da autoria de Martin Jennings, em que ele segurava no chapéu com a cabeça erguida e contemplava a luminosa abóbada da estação. Parecia-lhe tão reconfortante como encontrar-se com um velho e querido amigo. Aos seus pés, rodeando-o, um fragmento de um dos seus poemas, «Winter Seascape»:

*Here where the cliffs alone prevail
I stand exultant, neutral, free,
And from the cushion of the gale
Behold a huge consoling sea.*

Naquela tarde de primavera em que tinha chegado ao limite, saudou em silêncio o poeta e dirigiu-se pressurosamente à Fortnum & Mason. Entrou no estabelecimento e sentou-se ao fundo, onde estavam as mesas redondas dispostas para a hora do chá, ainda que Agnes desconhecesse que hora seria essa, uma vez que, pelo que pudera observar até ao encerramento do espaço, os londrinos pareciam tomá-lo a toda a hora. Jasmine, uma mulhereça negra, de olhos castanhos animados e sorriso generoso, saiu das traseiras e alegrou-se ao vê-la. Por intermédio de uma amiga em comum, tinha-lhe arrendado um dos maiores quartos da sua casa e estava deliciada por, desta vez, a sua inquilina se revelar tão simpática.

— O mesmo de sempre?

— Sim, por favor.

Não escapou à empregada de mesa e arrendatária o tom de derrota da cliente, mas preferiu servir-lhe o chá e a fatia de bolo antes de lhe perguntar sobre os seus ares trágicos de Julieta abandonada.

— Despacharam-me da Shakespeare Society.

— Falaste-lhes de Marlowe?

— Disse-lhes que era arqueóloga e que precisava de trabalho.

Agnes mexeu o seu chá com a colher e fixou o olhar no delicado desenho de florzinhas vermelhas e verdes que decorava a chávena de porcelana.

— Se não arranjar algo em breve, vou ter de voltar. Estou quase sem dinheiro e isto está a ser mais difícil do que pensava.

— Porque é que pensaste que encontrar um bom trabalho em Londres seria mais fácil

do que em Barcelona? — perguntou Jasmine, interessada.

— Porque é Londres, a cidade das maravilhas... E dos museus que não me querem.

— Minha querida Alice — a empregada sorriu —, isto não é a toca do Coelho Branco.

— Podia trabalhar aqui — pronunciou em voz alta Agnes, surpreendendo-se a si mesma.

— Na festa de desaniversário do Chapeleiro Louco?

A iluminação agradável, a decoração em calorosos tons de madeira clara e o aroma do chá acabado de fazer convidavam-na a refugiar-se nessa possibilidade.

Jasmine negou energicamente com um gesto da cabeça que pôs em movimento os seus caracóis escuros.

— Não duravas nem uma semana.

— Sou especialista na reconstrução de vasilhas. As vossas chávenas não podem ser assim tão diferentes das *terra sigillata*.

O gerente, um belga franzinote e pálido que corria o risco de ser confundido com o produto num anúncio de vassouras, chamou Jasmine para que viesse atender um casal recém-chegado. Agnes ocupou a ausência da amiga a dar conta do seu deleitoso bolo de cenoura e a fantasiar com a possibilidade de arranjar emprego como provadora de pastelaria.

— Lembrei-me de uma coisa — interrompeu Jasmine os seus devaneios quando regressou. — Há bocado, quando te chamei Alice... Há um sítio...

— A toca do Coelho Branco?

— Não, aqui em Londres. No bairro de Temple. Acho que é mesmo aquilo de que precisas para te esqueceres desses pensamentos tão funestos que te acompanham hoje.

— Há lá muitos museus e sociedades históricas?

— Não.

— Então, porque queres que vá até lá?

— Porque... Já vais ver.

— E que vou lá eu fazer? Contradizer a Rainha de Copas até que peça aos gritos a minha cabeça? Nem decapitada deixaria de andar obcecada com a minha má sorte.

Agnes estendeu à amiga a chávena e o prato vazios, sentindo-se rabugenta e mal-humorada.

— O que vou encontrar por lá, Jasmine? — inquiriu com um suspiro.

— Depende do que estás à procura.

Agnes abandonou Saint Pancras com um peso no coração e a certeza de que a poeira amarela que sujara as botas de Petrie em Oxirrinco lhe havia toldado o juízo quando lhe ocorrera a ideia de emigrar. Já disposta a comprar um bilhete de volta ao país natal com as tristes migalhas da sua conta-corrente, decidiu dar uma oportunidade à sugestão de Jasmine como uma bonita maneira de se despedir daquela cidade extraordinária. Enquanto descia a escada do metro que a levaria à estação de Temple, ruminava na sua derrota.

Entre a margem do Tamisa e a Fleet Street, não muito longe da Waterloo Bridge, os Middle Temple Gardens estendiam-se como um frondoso tapete de boas-vindas ao remanso

de paz que são os carreiros, os pátios e os jardins de Temple. Agnes percorreu-os, absorta no encanto outonal dos canteiros em flor e na diversidade de cores das árvores altas, o seu pessimismo subitamente suspenso. Quando atravessou o arco que era a entrada para Temple a partir de Embankment, pensou que sempre tivera uma ideia muito diferente da City. Caminhar por aquela rede de carreiros pouco frequentados, limpos e silenciosos reconciliou-a com o mundo. Lera no seu *Baedeker* que a maioria dos advogados da City — os membros dos Inns of Court — e demais seres prodigiosos viviam naquelas casas pitorescas, quase todas dispostas à volta de bonitos pátios ajardinados.

Jasmine tinha acertado quando pensara que um passeio ao entardecer naquele pedacinho de encanto inglês seria um bálsamo para a consternação da amiga. Ignorando as nuvens rosadas que se afastavam em direção ao Tamisa e o céu que se tornava cinzento sobre a sua cabeça, Agnes recuperara o espírito aventureiro e percorria, curiosa, novos caminhos. Num acesso de ousadia, tentou visitar a igreja de Temple. Três vezes. Não foi capaz de encontrar uma maneira de entrar até à quarta tentativa, mas celebrou a sua desorientação prescindindo de mapas e bússolas.

Descansou em meia dúzia de bancos extremamente incómodos para desfrutar do silêncio dos jardins diminutos, tão bem cuidados, e, pela primeira vez em muito tempo, conseguiu ver-se como uma Alice perdida no labirinto, sem qualquer temor por desconhecer a saída. E, porque um lugar que dá abrigo aos advogados não pode ser de fiar — por mais pacífico que pareça — e porque esse tinha sido o único dia em que a precavida arqueóloga saíra sem guarda-chuva, começou a chover.

A noite, cúmplice da chuva, abateu-se rapidamente sobre a cidade. A aventura de vaguear sem rumo começou a não parecer tão atrativa. Agnes abandonou a contemplação sentada nos bancos e encetou a marcha em direção ao rio. Ou assim o esperava. Pensou que a vida tinha um sentido de humor peculiar quando deu de caras com a entrada da igreja de Temple. Arrepiou caminho, desorientada, consciente de que a chuva ameaçava empapar cada vez mais os seus longuíssimos cabelos de princesa exilada, tornando-lhe o casaco pesado e arruinando os seus únicos sapatos apresentáveis.

Ao virar da esquina de um nostálgico edifício eduardino, levantou a cabeça em busca do nome da rua. Talvez por os seus olhos estarem cheios de água, os apainelados que emolduravam uma loja singular pareceram a Agnes de um azul onírico. Na mesma cor, um letreiro com letras brancas numa linda caligrafia presidia a montra com uma alegre iluminação que contrastava com a inclemência dos seus pés molhados.

— «Moonlight Books» — leu em voz alta.

Sem outra desculpa que não a de se abrigar da chuva tarde de mais — o seu cérebro encontrava-se agradavelmente desconectado, porventura atrofiado devido à poeira do deserto egípcio que ainda acumulava —, posou a mão direita sobre a maçaneta em forma de pluma e entrou na livraria.

Agnes preferiu acreditar que era o frio das suas roupas molhadas, e não o lúgubre tilintar das campainhas da porta, a razão para ter ficado arrepiada.

O amor de Edward Livingstone por Sioban Clark era profundo como o oceano. Provavelmente, ele não teria empregado essas palavras para descrever os seus sentimentos, no entanto, desde o primeiro ao último lugar mais recôndito da sua consciência, sabia que eram verdadeiras. Conhecera-a quando estavam ambos imersos num mar de livreiros e editores vociferantes. Enquanto todos os que a rodeavam opinavam sobre a idoneidade de subir os preços das edições brochadas até atingir o escandaloso, ela lia. Edward aproximara-se, impelido pela curiosidade — que só um leitor tem sobre outro — de descobrir o título do romance que a deixava tão absorta. Com o passar dos anos, custava-lhe determinar se se teria apaixonado primeiro pela sua agradável aparência, pela capacidade de se isolar da multidão, pela delicadeza com a qual as mãos brancas sustinham o livro ou pelo facto de esse livro ser *O Antiquário*, de Sir Walter Scott. Já haviam decorrido doze anos desde então.

Sioban dera início à sua carreira profissional como comercial na Penguin Classics.

Visitava as livrarias de Londres com os catálogos de novidades e convencia os livreiros de que os autores de séculos passados eram sempre uma aposta fiável. A única razão pela qual nunca tinha entrado na Moonlight Books era porque Edward não precisava de que o convencessem em relação ao que fora publicado antes do século XX; as novidades do catálogo da Penguin chegavam, integralmente e sem discussão, à sua livraria todos os meses.

Na tarde em que se cruzara com o senhor Livingstone no consistório de livreiros e editores vociferantes, Sioban lia para encontrar uma calma que estava muito longe de sentir. Fazia apenas um mês que, juntamente com um bom amigo da época universitária, fundara a sua própria editora. Tinham-na batizado com o nome de Simbelmynë, com a esperança secreta de que um dia lhes tocasse a sorte de publicar alguma obra de J. R. R. Tolkien. Como o capital inicial de que dispunham era irrisório, durante os dois primeiros anos tinham decidido publicar boas adaptações de obras cujos direitos de autor já houvessem expirado. Mal tinham começado, mas Sioban, que pensava que aquele era o projeto mais importante da sua vida, tinha pesadelos com gráficas e distribuidores. As suas inquietudes noturnas haviam chegado a tais extremos que, frequentemente, acordava sobressaltada com a imagem de um frontispício horroroso de *Orgulho e Preconceito* na sua mente, que incluía *zombies* sangrentos.

— Que tal se está em Monkbarns? — interrompera-a Edward naquela reunião do grémio.

Sioban desviou os olhos do seu livro e fitou aquele homem alto e magro, de cabelo escuro, óculos sem armação e pequenos olhos azuis.

— Desculpe?

— É um dos meus livros favoritos — declarou ele, indicando o exemplar no regaço dela. Ato contínuo, estendeu-lhe a mão e sorriu. — Edward Livingstone, livreiro.

Com o tempo, o senhor Livingstone deixou de estar seguro de que aquela primeira

aproximação fora com a intenção consciente de namoriscar com a bela leitora de Sir Walter Scott; mas sabia que os seus sorrisos, habitualmente escassos, eram capazes de desarmar qualquer couraça.

— Sioban Clark, departamento comercial. — Apertou a mão dele. — Desculpe, não, faça parte do editorial... de uma editora. De uma editora pequena. Aliás, nova. Nova e pequena. Oh, por favor, não me deixe continuar a falar, dê-me um tiro ou algo assim.

— Talvez mais tarde. Agora apetece-me muito mais uma chávena de chá. Porque não me acompanha?

— Vamos a isso. Prometo manter-me bastante ocupada a mastigar uma sandes.

Esse foi o primeiro de muitos outros chás com sandes de pepino, a entrada de jantares, de passeios pelo parque, de sessões de cinema a preto-e-branco e de visitas a outras livrarias.

É uma verdade universalmente conhecida que qualquer história de amor que valha a pena começa com um convite para tomar chá.

Doze anos depois, a pequena editora de Sioban Clark continuava a ser pequena, mas a satisfação que proporcionava à sua fundadora era enorme. Com o passar dos meses, havia deixado para trás os pesadelos sobre frontispícios terríveis e distribuidores caprichosos; o seu sono era tranquilo e reparador, exceto, quiçá, durante a semana em que o seu contabilista aparecia com a temível declaração de impostos trimestrais e o balanço de perdas e ganhos. Sioban, que partilhava o contabilista com Edward — um jovem ruivo chamado Percival Donohue —, desejava possuir o talento dele para manter o sangue-frio perante a evidência de que não ganhavam mais do que o necessário para cobrir os gastos dos respetivos negócios e das suas vidas simples.

— Não nos dedicamos aos livros para ganhar dinheiro, nem sequer por ser um negócio, uma forma mais ou menos honrada de ganhar a vida.

— Fala por ti, Edward — queixava-se Sioban quando o seu livreiro preferido se punha com tais presunções filosóficas. — Eu quero comprar uma carteira nova, e este mês não vai dar.

— Que importam as carteiras quando acabas de editar *The Expedition of Humphry Clinker*, de Tobias Smollett?

— Dito assim, fazes com que me sinta julgada e censurada pelo caro Tobias.

— Ele odiava os luxos.

— Era livreiro?

— Escritor e editor — afirmava Edward, feliz. — Os livros não são o nosso negócio, são a nossa vida. Desde quando viver implica proveitos monetários?

— Era uma carteira tão bonita...

Numa noite de lua cheia, durante um piquenique à luz de uma velha lanterna portátil, sob a claraboia cristalina da Moonlight Books, o senhor Livingstone pedira Sioban em casamento pela primeira vez.

— Casa-te comigo — declarara ele, enquanto chocava o seu copo de *chardonnay* contra o da editora.

— Edward!

— Tenho todos os livros do teu catálogo. Isso é amor.

— Amor aos livros.

— Casa-te comigo pelos meus livros.
— Claro que não.
— Casa-te comigo pelo meu dinheiro.
— Tu não tens dinheiro.
— Então, casa-te comigo porque te quero como nunca quis ninguém. Nem sequer os livros.

Sioban silenciara os seus delírios com um beijo prolongado sob a noite estrelada.

— Amo-te, Edward, amo-te muito. E é por isso mesmo que não me vou casar contigo.

O senhor Livingstone estudou ao pormenor o poço de sabedoria que escondiam as íris da sua amada e escutou pacientemente as razões pelas quais Sioban perdera a fé no matrimónio. Fazendo jus aos seus extraordinários dotes de estratégia, não ousou rebater nem um único dos seus argumentos; manteve-se em silêncio e arquivou, consciencioso, a informação. Ela tinha-lhe dito que o amava, o que lhe concedia tempo para a convencer.

Desde aquela noite de lua cheia, o senhor Livingstone refutara cada uma das razões de Sioban e pedira-lhe que se casasse com ele noutras duas ocasiões distintas. A última resposta da bela editora não fora, de maneira nenhuma, tão firme como soara da primeira vez que recusara a proposta. Edward possuía a secreta convicção de que os livreiros pacientes saíam vitoriosos das suas disputas honrosas.

À quinta-feira, a editora passava a tarde inteira na Moonlight Books depois de ir almoçar fora com o seu proprietário. Sabia que esse era o dia da semana dos acontecimentos inesperados e desfrutava em segredo da expressão de mártir de Edward de cada vez que as campainhas da porta soavam para ceder passagem à incerteza. Sioban costumava dar-lhe uma mãozinha com os catálogos e renovar a montra, mas passava quase todo o tempo no andar de cima, na secção de História, a lanchar com Oliver e a escutar, extasiada, as palestras do pequeno génio sobre os mistérios do Universo. Contudo, aquela quinta-feira apresentara-a com um prazer adicional: Oliver gravara, com o consentimento dos implicados, as entrevistas que o senhor Livingstone andara a fazer nessa semana, à procura de um ajudante. O estômago de Sioban começava a doer-lhe do riso.

— E esta foi a terceira. Uma rapariga, estudante de Biologia — esclareceu Twist, antes de reproduzir o ficheiro de som no seu telemóvel.

— *Pode garantir-me que todos os livros desta livraria estão impressos em papel reciclado?*

— *Desculpe?*

— *Com a gramagem adequada e níveis de cloro aceitáveis. Ah, e a tinta, sem excesso de chumbo e certificada pelo conselho regulador de...*

— *Vai comer algum dos meus livros?*

— *E já cá faltavam os preconceitos!* — A rapariga soava muito indignada. — *Disse isso porque sou vegana!*

— E agora seguem-se quase cinco minutos em que a estudante de Biologia explica ao senhor Livingstone a relação direta e malvada, muito malvada, entre a deslocalização da indústria alimentar e as oportunidades de mercado das tipografias — advertiu Oliver.

— Põe a seguinte, por favor.

Sioban enxugou as lágrimas que lhe corriam pelas bochechas. Morria de riso só de imaginar a cara de Edward. Ele, que sempre fora tão reticente a falar inclusive com os clientes, dava por si na situação de entrevistar um bando de lunáticos à procura de trabalho.

— *Conte-me sobre a sua experiência profissional* — ouvia-se a voz do livreiro na gravação de Oliver.

— *Preparo cocktails. Num bar de cocktails. Todas as noites, das nove às duas.*

— *E porque quer trabalhar numa livraria?*

— *Por causa do horário. É compatível com o do bar. E não acho que vender livros seja assim tão diferente de servir bebidas num bar.*

— *De maneira nenhuma.*

— *Há clientes que bebem e clientes que leem, está a ver? Cada um com o seu vício e a ocupar o seu tempo livre como bem entende.*

— *Você é um poeta.*

— Quando se foi embora, bebi um copo de uísque com gelo. Pareceu-me apropriado — interrompeu o senhor Livingstone, assomando pela escada em caracol. — Alegra-me que a minha desdita seja tão divertida para vocês.

Sioban e Oliver encararam-no, risonhos.

— Isto é muito bom, Edward, material de primeira — encorajou-o ela. — Podias publicar um livro como *Weird Things Customers Say in Bookstores*, de Jen Campbell. Ia ter muito sucesso.

— Iam acusar-me de pouca credibilidade.

— O candidato número dez não me pareceu mal — interveio Oliver, procurando o ficheiro de áudio.

— *...e podia experimentar fazer uma demonstração da disfunção do pós-neorrealismo segundo a Escola de Viena. Blindava a montra como um bunker, espalhava tripas de porco pelas paredes e abria uma trincheira que simbolizasse...*

— *Dá-se conta de que isto é uma livraria, certo?*

— *Claro.*

— *Um lugar onde se vendem livros.*

— *Obviamente.*

— *Às pessoas que os desejam ler. Pessoas sem qualquer interesse em tripas de porco.*

Edward revirou os olhos e recusou-se a continuar a ouvir. No andar de baixo, as campainhas voltaram a soar, apesar de já se aproximar a hora de encerramento.

— Odeio-vos — sentenciou antes de descer, com os risos do par nas suas costas.

O senhor Livingstone estava prestes a informar a recém-chegada de que iam fechar quando ficou paralisado na sua extraordinária escada. A rapariga, de longos cabelos molhados pela chuva, deixara o casaco, os sapatos e as meias junto à porta e caminhava descalça sobre o pavimento de madeira rangente da Moonlight Books. Pareceu a Edward que a livraria inteira sustinha a respiração, expectante, quando ela avançou, admirando as altíssimas estantes a abarrotar e detendo-se junto à mesa de livros ilustrados. Alheia ao facto de estar a ser observada, pôs-se em bicos de pés para admirar a vitrina de cristal e o seu valioso conteúdo. Edward sentiu como se uma ninfa descalça tivesse entrado nos seus

domínios, subjugada por uma magia tão antiga como as páginas do diário do seu antepassado.

O último degrau da escada queixou-se por baixo do pé de Edward e a recém-chegada girou sobre os calcanhares na sua direção.

— É o diário original do doutor David Livingstone, suponho.

Ao ouvir a voz da desconhecida, as cabeças de Sioban e Oliver espreitaram disfarçadamente pelo vão da escada.

— Oh, desculpe, que comentário tão estúpido. Já o devem ter feito milhões de vezes.

— Não se fie nisso. Metade das pessoas que aqui entram não levantam os olhos para a vitrina, e a outra metade nem sequer sabe quem foi David Livingstone.

Edward examinou demoradamente a jovem. Pálida, com grandes olhos castanhos e maçãs do rosto ruborizadas devido à mudança de temperatura em relação ao exterior. Achou que parecia triste e perdida. Não, triste, não. Melancólica e perdida.

— Um dos motivos por que me tornei arqueóloga foi por causa da história do doutor Livingstone e do senhor Stanley — confessou-lhe a rapariga. — Mas os meus pais jurariam que foi por causa do Indiana Jones.

— Não a culparia se assim fosse. Ninguém fica tão bem de *fedora* como ele.

O livreiro gostou do sorriso dela.

— Já é muito tarde e não encontro o caminho de regresso ao metro, podia indicar-me, por favor, como chegar à estação?

— Qual estação?

— Uma qualquer, a que estiver mais próxima.

— Não lhe serve qualquer estação. Depende de para onde quer regressar.

O senhor Livingstone gostou de se sentir como o Gato de Cheshire, mas Sioban, que continuava a espiar do andar superior, revirou os olhos.

— Diga-me — interrogou-a Edward —, de onde vem?

— De Saint Pancras.

— Referia-me ao seu sotaque, mas adoro essa estação de comboios. Com a estátua de John Betjeman.

O rosto da rapariga iluminou-se com um novo sorriso.

— Eu também. Venho de Barcelona, mas há tantos anos que falo a sua língua que tinha esperança de ter despachado o maldito sotaque.

— É suave, e jamais diria que fosse espanhol.

— Talvez por ter aperfeiçoado a sua língua em Oxirrinco, numa comunidade internacional de arqueólogos, a seguir as pisadas de Petrie.

— Ele teria gostado, era de Greenwich, e lá são doidos por sotaques bonitos — assegurou-lhe o livreiro. — Sabia que Betjeman foi aluno de C. S. Lewis em Magdalen? — perguntou, retomando a conversa sobre a estátua de Saint Pancras. — Lewis costumava dizer que ele era um hipócrita mandrião.

— Acho que encontrou o seu propósito quando decidiu salvar Saint Pancras.

O senhor Livingstone, que partilhava de uma ideia aproximada sobre o poeta, observou-a atentamente por sobre os óculos e estendeu-lhe a mão.

— Edward Livingstone — apresentou-se formalmente —, proprietário da Moonlight

Books.

— Agnes Martí — respondeu ela, dando-lhe um aperto de mão —, arqueóloga perdida, falida e sem trabalho. É parente do doutor Livingstone?

— Um tetraneto ou algo do género. Disse que não tem trabalho?

Agnes assentiu. O seu cabelo empapado dava-lhe um ar trágico de princesa abandonada sob a chuva.

— Não se assuste — avisou-a o senhor Livingstone num sussurro —, mas vou convidá-la para tomar um chá e, quando o disser em voz alta, dois dos meus amigos mais peculiares vão descer a toda a pressa em busca de bolos. São inofensivos.

— Então, porque me haveriam de assustar?

— Porque temo que lhe irão pedir que venha trabalhar para a Moonlight Books.

Continuava a chover a cântaros quando Agnes foi convidada formalmente para um chá com bolo de nata na Moonlight Books. Enquanto o senhor Livingstone preparava a chaleira na divisão das traseiras que fazia as vezes de escritório e armazém, Sioban e Oliver apresentaram-se sem demasiadas formalidades e contaram-lhe a tradição do último chá das quintas-feiras.

— Acontece no canto dos românticos — explicou o menino conforme a acompanhava ao lugar indicado.

Agnes não teve de perguntar a que se referia ele ao deparar com os cadeirões forrados em veludo cor de ameixa e uma mesinha baixa na esquina em que confluíam as obras de Shelley, Byron, Coleridge, Wordsworth, Goethe, Keats, Scott e demais fervorosos sofrendores que padeciam da enfermidade incurável do romantismo.

Talvez fosse pelo bolo de nata; ou pelos agradáveis habitantes daquela livraria de soalho de madeira e escada de ferro forjado; ou pela veloz incursão da advogada louca que sequestrava Oliver Twist todas as noites; ou porque, ao fechar a loja, Sioban partilhara um táxi com ela mesmo até à porta da sua casa. Talvez tenha sido por tudo — pelo chá e pela amabilidade sob a chuva, pela magia das noites de novembro em Temple — que Agnes aceitou a oferta do senhor Livingstone para trabalhar na Moonlight Books, da uma às sete da tarde, todos os dias da semana exceto aos domingos.

— Não posso dar-lhe um grande ordenado — desculpara-se o livreiro —, tenho apenas lucros suficientes para oferecer uma carteira à Sioban pelo Natal.

— Não o deixes começar a falar em dinheiro — advertiu-a a aludida — ou irá convencer-te de que os livros são uma forma de vida que não requer salário.

— «Admirável Miranda, cúmulo de toda a admiração, sois digna do que de mais apreciado há no mundo!»¹ — citou o seu namorado em resposta.

Porém, antes de sair da livraria, o senhor Livingstone dera a Agnes, em jeito de antecipação do seu contrato, um papelinho escrito à mão com os seus horários e férias e a discriminação da quantia salarial, que a ela lhe pareceu generosa. Prometeu a si mesma que, apesar de aceitar a oferta de trabalho de Edward, reservaria as manhãs para continuar à procura de um emprego num dos museus da cidade. Não fora uma rendição ao encanto dos habitantes da singular livraria, mas sim um oásis no meio do seu desespero profissional.

— Não sei muito sobre livros, exceto aqueles de que gosto. Sobre tudo os de história antiga e arqueologia. Também os de paleontologia — assegurara ela a Livingstone.

— O Edward contenta-se com não teres o desejo de os comer — comentou a editora com um sorriso misterioso.

O senhor Livingstone não lhe dera explicações ou instruções para a tranquilizar a esse respeito, nem tão-pouco lhe perguntara sobre a sua experiência profissional ou as suas motivações. Parecia estranhamente convencido de que Agnes tinha entrado na sua livraria graças a uma conjuração mágica que colara na montra da loja uns dias antes: AJUDANTE

PRECISA-SE. Não lhe importava que andasse à caça de um lugar mais adequado para as suas ambições profissionais nem que fosse incapaz de encontrar a Moonlight Books no dia seguinte. E Agnes aceitara a oferta à primeira, disposta a dar a si mesma mais uma oportunidade antes de comprar o bilhete de avião de volta a Barcelona. Necessitava de rendimentos para persistir na sua aventura e tinha a sensação de que aquela livraria ia ser o seu colete salva-vidas num sentido mais transcendental do que económico.

Agnes vivia em Kensington, perto de Earl's Court, numa das pequenas casas de dois andares com pátio e minijardim que salpicavam as ruelas interiores das grandes avenidas. Uma amiga, que se mudara recentemente para Oxford, tinha-lhe recomendado o contacto de Jasmine e Agnes arrendara às cegas um quarto. Quando chegou à morada que lhe fora disponibilizada, soube que tinha começado com o pé direito a sua aventura londrina.

A casinha modesta era propriedade da avó de Jasmine, que há anos fora viver para o campo com uma irmã solteira e deixara à sua única neta a moradia. Jasmine complementava a sua remuneração da Fortnum & Mason alugando um dos quartos da casa, opção que começara a repensar desde que os últimos inquilinos se tinham revelado fedorentos e pouco pontuais nos pagamentos. Dera uma oportunidade a Agnes porque fora recomendada por uma amiga em comum, mas não respirou de alívio até a conhecer. Pareceu-lhe uma rapariga simpática e responsável, organizada por fora e por dentro. Contribuiu para a sua tranquilidade o suave aroma a algodão que se desprendia à sua passagem e que o *earl grey* da Fortnum fosse o seu chá preferido em todo o Universo conhecido.

— Vens tardíssimo — saudou-a Jasmine, da sala principal do piso de baixo.

— Se querias ver-te livre de mim não tinhas de fazer mais nada que não dizer-mo em inglês. Já o entendo bastante melhor desde que vivo aqui.

— Perdeste-te.

— Da próxima vez que me enviares para Temple certifica-te de que me desenhas um mapa do tesouro.

— Estás encharcada. Vai mudar de roupa e secar o cabelo, já jantamos qualquer coisa — recomendou-lhe a companheira de casa.

— Não me vais perguntar?

Jasmine encarou-a sem compreender.

— Não me vais perguntar se encontrei? — insistiu Agnes.

— A igreja de Temple?

— O tesouro.

— Vais escavar nas tumbas dos templários? — horrorizou-se a amiga.

— Quase tão bom quanto isso: vou começar a trabalhar na Moonlight Books.

— Isso é um museu de templários mortos?

— Deixa os templários descansar em paz, Jasmine. Não, é uma livraria. Não há espadas nem ordens religiosas, nem vou precisar de reconquistar a Terra Santa. Mas vou ter um ordenado e as manhãs livres para continuar com as entrevistas e a busca pelo graal.

— Pois se é isso que desejas, então fico muito contente. — Ela sorriu com generosidade. — Porque não sobes e vais mudar-te e secar-te para depois sairmos para celebrar? Fica por minha conta.

O frigorífico de Jasmine estava sempre a abarrotar de delícias de charcutaria da Fortnum & Mason, pois era política da empresa que os seus empregados levassem para casa os excedentes do dia, os produtos prestes a ficar fora da validade ou com alguma irregularidade no rótulo e tudo aquilo que não se destinava a cantinas sociais. Mas até Agnes — que adorava a comida e o chá da empresa que inventara os *Scotch eggs* para viajantes, doara alimentos para as expedições africanas sob os auspícios da rainha Vitória e enviara cestos com produtos de primeira necessidade às *suffragettes* encarceradas devido às suas ações ativistas — por vezes precisava de uma pausa de tanto *glamour* histórico. Quando isto sucedia, as inquilinas da pequena casa de Kensington encaminhavam-se para o *pub* da esquina para desfrutar de uma caneca de cerveja preta e de todas as batatas fritas que acompanhavam os belos hambúrgueres de R. Cadwallader.

O Darkness & Shadow, apesar do nome tenebroso, era um *pub* tradicional londrino do bairro. Tal implicava, às vezes, ser assaltado por hordas de adeptos de futebol e, outras, converter-se num lar de reformados a jogar aos dardos; era a sede de associações de teatro e poetas, e o refúgio de algum turista despistado recém-saído da estação de Earl's Court. A sua decoração, em tons de verde e grená, com paredes de pedra e pavimento e mobiliário de madeira, sofria de um excesso de fotografias de mineiros inexplicavelmente alternadas com reproduções de espadas saxónicas e normandas de milénios remotos. Agnes não tinha a certeza se lhe causavam maior fascínio as magníficas lâminas gravadas com motivos de outros tempos ou o contraste com as dramáticas cenas mineiras.

O *pub*, que fora uma taberna e estalagem em tempos nebulosos, havia permanecido na mesma família, passando de pais para filhos ao longo de todo o século XIX, até que, em inícios do século XX, um magnata do *franchising* o adquiriu. Fora encerrado e multado nos anos 20 por servir empadas de carne no Natal — a *mince pie* estava proibida por lei durante as festividades natalícias — e tinha sido bombardeado durante a Segunda Guerra Mundial. Consistia, essencialmente, num pedacinho da história de Londres onde os seus cansados fregueses encontravam um oásis de relativa paz, camaradagem e cerveja excelente. Desde finais do século passado, era propriedade de Solomon Drake, que tomava conta do robusto balcão de madeira juntamente com o seu filho Michael. Os Drakes, que negavam qualquer parentesco com o famoso pirata promovido a *sir*, sabiam que a clientela se devia à sua calorosa hospitalidade, ao canal desportivo e à excelente habilidade do cozinheiro, R. Cadwallader, um galês de tão mau génio que nunca tinham ousado perguntar-lhe a que nome correspondia a inicial que precedia o seu apelido.

Existe um provérbio chinês que diz: «Se não sabes sorrir, não abras uma loja.» Os Drakes, cuja barba parecia dificultar-lhes a ginástica facial nesse sentido, colmatavam-no com amabilidade, simpatia e boas intenções. Já conheciam Jasmine há muito tempo e apreciavam o seu otimismo e sentido de humor, pelo que, sempre que o Darkness & Shadow não estivesse atestado por ser dia de jogo, colocavam uma mesa baixa e um ou dois cadeirões cómodos perto da lareira assim que a viam entrar. Naquela noite chuvosa, sentar-se junto ao fogo na agradável penumbra do Darkness foi uma bênção.

Agnes, com o cabelo seco, calças confortáveis e camisola de lã cor-de-rosa, acomodou-se no seu assento esgaçado e deixou escapar um pequeno suspiro de satisfação. As chamadas dançavam alegremente com o crepitar da lenha e dotavam a envolvente de uma luz cálida e

acolhedora. As espadas saxónicas cruzadas sobre a chaminé, duas das peças preferidas da arqueóloga, ocupavam o lugar de honra no cenário de uma suave penumbra. A iluminação ténue, o murmúrio das conversas dos outros fregueses, a madeira e a pedra do Darkness... tudo contribuía para o feitiço de bem-estar que conforta as almas dos viajantes após uma longa jornada.

— Aos começos. — Jasmine ergueu a sua caneca de cerveja preta assim que Michael as serviu.

— A mais um dia na cidade de Howard Carter.

— Esse não é aquele da maldição de Tutankamon?

— A mesma maldição que cairá sobre mim quando tiver de declarar a renda no próximo ano.

— Eu ajudo-te — prometeu Jasmine —, lutaremos juntas contra as absurdas leis britânicas.

— Como assim absurdas?

— Vejamos... É ilegal morrer no Parlamento. — Enumerou com os dedos à medida que denunciava as leis. — Não podes apanhar um táxi se tiveres a peste. Podes matar um escocês dentro das muralhas do castelo, mas só se ele vier armado com arco e flechas. E, hum... sim, a minha preferida: se aparecer uma baleia morta na costa britânica, a sua cabeça pertence ao rei, e a cauda, à rainha, mas só no caso de esta precisar de varetas novas para o seu corpete.

— Vou preencher o formulário de criadora de elefantes em vez do de trabalhadora por conta de outrem, e depois deportam-me por não pagar impostos sobre os amendoins, não é?

— Gostaria muito que ficasses por cá...

Agnes assegurou-lhe que partilhava do mesmo sentimento.

— ...e me ajudasses com a renda — concluiu a sua amiga, rindo-se.

Agnes começou a trabalhar oficialmente na Moonlight Books numa segunda-feira à tarde. Passou a manhã a traçar um plano detalhado de procura de emprego como arqueóloga e calculou que, num par de meses, teria sido entrevistada por todos os seus colegas londrinos. Antes de sair de casa, assegurou-se de que levava no bolso um mapa detalhado de Temple com o itinerário para chegar à livraria. Jasmine omitiu propositadamente a localização da igreja dos templários; continuava a ter dúvidas sobre se ela iria ceder à tentação de os desenterrar.

No seu primeiro dia, conseguiu fazer soar as lúgubres campainhas da livraria com cinco minutos de avanço em relação à sua hora de entrada oficial. Apenas se perdera umas quantas vezes antes de chegar.

— Não vou devolver-lhe o dinheiro, senhora Dresden — sentenciava Edward Livingstone, enquanto uma mulher baixinha, de cara avermelhada e cabelos violeta, o seguia pelos corredores formados pelas estantes do piso inferior.

Agnes deixou o casaco e a mala no escritório do livreiro com rapidez, por forma a não perder pitada da cena que se desenrolava.

— Mas você disse-me que este romance era divertido — protestava a mulher, brandindo um exemplar de *Queen Lucia*, de E. F. Benson —, só que não acontece absolutamente nada.

— É isso que o torna divertido.

— Não é nada! Se quisesse um livro em que nem uma folha se mexesse, leria Henry James.

— James não é divertido. A senhora pediu-me um romance divertido e eu recomendei-lhe um de Benson. Por acaso não se riu?

— Sim, um bocadinho.

— Está a ver? O que lhe apetece esta semana?

— Uma história em que aconteçam muitas coisas.

— Que tipo de coisas?

— Coisas...

A senhora Dresden saiu da livraria cinco minutos depois com *Sonho de Uma Noite de Verão* e *O Mercador de Veneza*, de William Shakespeare.

— Aquela — explicou a Agnes quando a porta se fechou atrás da cliente — era a senhora Agatha Dresden. Vai atormentar-te todas as segundas-feiras à tarde.

— Alguma vez lhe devolveu o dinheiro?

— Claro que não. No seu tacanho coraçãozinho matreiro, sabe que desfruta de cada uma daquelas leituras, ainda que insista no contrário. Noto-o no brilho dos seus olhos quando me explica o que achou delas.

— Sem exceção?

O senhor Livingstone observou Agnes por sobre os óculos sem armação. Gostava da perspicácia da sua nova ajudante.

— Rapariga esperta. Há sempre exceções. Devolvi-lhe o dinheiro de *Anna Karénina* e nunca mais voltei a recomendar-lhe um autor russo. Dão-lhe dores de cabeça.

Edward acompanhou-a ao armazém e forneceu-lhe instruções sobre a ordem das estantes e a organização pendente.

— Às segundas, a senhora Dresden. Às terças, chegam as novidades e os fornecedores. Terei de lidar com os comerciais das editoras, pelo que temo que estará bastante solitária nessa tarde, mas vai correr tudo bem. Às primeiras quartas-feiras de cada mês, passa por cá o Donohue, o contabilista. Às sextas isto é um caos, mas nunca cheguei a perceber porquê. Aos sábados, fazemos o balanço de contas com um monte de executivos aburguesados, a caminho de algum restaurante para almoçar, convencidos de que serão menos idiotas se lerem este ou qualquer outro livro que lhes tenha sido recomendado pelo último guru na televisão.

— E às quintas-feiras?

— O que têm as quintas-feiras? — O senhor Livingstone deteve-se por momentos para recuperar o fôlego.

— Das quartas do Donohue passou às sextas do caos. Não sei o que acontece às quintas.

— Nem eu tão-pouco. Ninguém sabe. É o dia dos acontecimentos imprevistos.

Edward encarou Agnes com severidade e levantou o dedo indicador da mão direita para a advertir. Depois, mudou de ideias e continuou a percorrer as estantes, assinalando aqui ou acolá conforme encontrava livros fora dos seus devidos lugares.

— O Oliver chega todas as tardes por volta das quatro e meia — prosseguiu com a explicação. — Não se deixe distrair pelas suas palestras sobre astronomia. Tente manter-se

à margem da trajetória da sua mãe quando aqui passa para o vir buscar; é advogada, como já sabe. O chá para os residentes da Moonlight Books serve-se à hora de encerramento, o que também já sabe, no canto dos românticos. Nas noites sem lua, temos permissão do dono para subir e contemplar as estrelas mal desapareçam os clientes. O telescópio é do Oliver, mas usamo-lo todos por turnos enquanto ele fala sem parar sobre as Cariátides e não sei mais o quê.

Agnes, que admirara sem reservas a claraboia piramidal do rés do chão da livraria, suspirou de anelo. Não lhe custava nada imaginar-se, na próxima noite sem lua, deitada sobre o quente pavimento de madeira, o olhar perdido no firmamento, a agradável voz de Oliver Twist a destrinçar as constelações, a conversa de fundo entre Sioban e Edward, com as suas carinhosas farpas de amantes de livros. Se não tivesse cuidado, sucumbiria irremediavelmente ao feitiço daquele estranho cofre gigante de livros escondido na tessitura impossível que eram aquelas ruelas de Temple.

— Quem é o tipo descuidado que se senta ao pé da lamparina azul? — perguntou ela em voz baixa enquanto seguia Edward pela livraria, a colocar livros por ordem alfabética do autor.

— Ah, sim. É o nosso escritor residente. Faz parte da mobília de segunda a quinta. Não sei onde escreverá no resto da semana. Costumo servir-lhe uma chávena de chá com bolachas por volta das cinco. As suas preferidas são as que têm passas.

— Porque é que vem para aqui?

— Ele diz que o sinal de *wi-fi* não chega bem à outra ponta da livraria. É uma desculpa, sem dúvida. Suspeito de que se terá apaixonado pela lamparina azul.

— O que queria perguntar era porque vem aqui, à Moonlight Books, para escrever.

O senhor Livingstone encolheu os ombros. Que um escritor preferisse a sua livraria ao Starbucks de Embankment como refúgio para criar as suas histórias devolvia-lhe alguma fé na humanidade.

— Todos os escritores são chanfrados. Não desejaria ao meu pior inimigo tal lamentável ocupação — concluiu o livreiro.

— O que escreve ele?

— É um mistério.

Agnes usufruiu sem reservas do seu primeiro dia como aprendiz de livreira. Edward explicava com paciência e graça as peculiaridades do seu negócio; era um prazer ouvi-lo falar da livraria e respetivos habitantes, sobretudo porque se excedia em carinho nos detalhes.

1 William Shakespeare, *A Tempestade*, ato I, cena II.

As semanas passaram-se com rapidez e, um dia, quando Agnes passeava, melancólica, por Covent Garden, perdida nos seus pensamentos, com a música de fundo de um quarteto de cordas dos estudantes do conservatório, deparou com uma rapariga em cima de uma escada e soube que novembro ficara para trás no calendário. Não foi pela escada, nem pelos músicos a interpretarem Beethoven, nem sequer pelo frio vento da cidade que lhe acariciava as bochechas: foi pelos ornamentos natalícios que a jovem da escada estava a colocar sobre a porta da sua loja. Dezembro vestia Londres de uma nostalgia dickensiana.

— Por onde andou esta manhã? — perguntou-lhe o senhor Livingstone assim que chegara à livraria e se apercebera do misterioso pesar que transbordava dos seus olhos.

Edward podia ser um resmungão e padecer de uma certa misantropia, mas Agnes despertava-lhe uma estranha curiosidade; talvez por aqueles ares de princesa triste, pela sua propensão para caminhar descalça sobre a madeira antiga da Moonlight Books, pela falsa impressão de que o seu longo cabelo estava sempre prestes a enredar-se entre as volutas vegetais da escada de cada vez que subia ao primeiro piso, ou porque, depois de tantos anos, afinal o senhor Livingstone tinha mais sangue normando do que saxão — pois o espírito explorador sempre fora o normando — a correr pelas suas veias inglesas.

— Em Covent Garden.

— Ah — murmurou —, já se deu conta de que o Natal se avizinha.

Agnes ia perguntar como tinha ele chegado a semelhante conclusão, quando um idoso de farfalhudas sobranceiras brancas, cabelo da mesma cor, baixa estatura e pança visível entrou na Moonlight Books. Os seus olhos somente espreitavam por entre as pregas das pálpebras, mas o sorriso iluminava aquele rosto, sem dúvida bondoso. Era idêntico ao Mr. Magoo.

— Hum, hum — tossiu —, por fim conheço a bela ajudante do Edward.

— Agnes, este é o meu velho amigo Charlie Caldecott. É o proprietário da sapataria do outro lado da rua — apresentou o senhor Livingstone. — Suspeito que vem bisbilhotar.

— Venho tomar chá — defendeu-se o aludido — e conhecer a tua nova livraria.

— Estou encantada de o conhecer, senhor Caldecott.

— O encanto é todo seu, hum, hum. Gastei todo o que me sobrava durante o século passado.

Enquanto Edward preparava a chaleira, o senhor Caldecott refastelou-se num dos cadeirões do canto dos românticos e piscou o olho a Agnes.

— Apraz-me que aquele rabugento tenha finalmente dado o braço a torcer e contratado uma ajudante. Não é que a Moonlight Books tenha feito dele um homem milionário, mas as Parcas sabem que necessitava há anos de alguma ajuda.

— Não se fie nisso, a mim parece-me bastante autossuficiente. Há dias em que tenho a sensação de que só me dá trabalho por caridade.

— Exceto quando tem de subir e descer aquela maldita escada cinquenta vezes ao dia.

— Chiu! — repreendeu Agnes ao ver que Livingstone se aproximava com o tabuleiro do chá. — Ele está muito orgulhoso daquela escada.

— E eu dos meus fatos, querida, mas já passaram de moda em 1956.

O senhor Caldecott deixou-se ficar a tomar chá e a espalhar algum do encanto que assegurava ter perdido há muito tempo. O livreiro e a sua ajudante fizeram turnos para lhe dar dois dedos de conversa enquanto atendiam os clientes. Quando ficou pronto para atravessar a rua e voltar a abrir a sua loja, levava um enorme sorriso nos lábios e dava pancadinhas de satisfação na proeminente barriga.

— Que chá tão agradável, hum, hum — ia dizendo conforme caminhava. — Ainda não se perderam os bons costumes entre vizinhos.

— E aquele — resumiu o senhor Livingstone quando a porta se fechou nas suas costas — era o Mr. Magoo.

Agnes riu-se e confirmou que também lhe parecera a mesma personagem.

— Para onde vai amanhã? Tenho um itinerário de que acho que vai gostar. E mais uma coisa, espere...

Edward foi procurar na gaveta do balcão, por baixo da caixa registadora, e estendeu-lhe um envelope de cor creme.

— Referências — disse ele. — Boas.

A rapariga pegou no envelope e verificou a morada do remetente.

— O número 221 da Baker Street. Dá-me referências para ser contratada pelo Sherlock Holmes? Porquê, acha que precisa de uma arqueóloga?

— O doutor Watson assegurou-me de que tinham desenterrado uns ossos suspeitos.

— Devem ser do cão dos Baskervilles.

— Por mais espirituosa que me pareça a nossa conversa, estou a tentar explicar-lhe uma coisa — chamou-a à atenção o livreiro. — Disse-me que costumava passear pelo Hyde Park de manhã.

— Sim, quando me canso, sento-me num banco em frente da enseada dos patos.

— Não existe tal coisa.

— Existe, sim. Junto ao lago, à frente do coreto dos músicos, onde estão os patos.

— Aqueles lamentáveis franganotes?

— Patos.

— O que seja. — O senhor Livingstone fez um gesto de impaciência. — Saia do Hyde Park pelo portão de Marble Arch, no bairro de Marylebone, e suba a Baker Street. Antes de chegar à estação de metro com o mesmo nome, umas das mais antigas de Londres, repare na casa que existe entre o banco e uma loja de telemóveis. Nesse edifício, viveram e trabalharam Arnold Bennett e H. G. Wells em diferentes épocas das suas vidas. Percorrer algumas ruas desta cidade ainda inclui o prazer das velhas rotas literárias.

Agnes pensou que gostaria de as conhecer com a orientação e companhia do sempre surpreendente senhor Livingstone. Tal como o seu antepassado, a rapariga imaginava-o como um explorador incansável da selva de asfalto, experiente descobridor dos aspetos literários da cidade, narrador dos mistérios livrescos de Londres.

— Se seguir em frente, ao pé da casa-museu do Sherlock Holmes (que não está exatamente no número 221 da Baker Street, mas sim um bocadinho mais acima, quase ao

pé do Regent's Park), encontrará a loja da senhora Hudson.

— É uma piada?

— Não, é uma loja de lembranças. Entre e pergunte pela Alice Shawn. É a conservadora da casa-museu, mas também se ocupa da assessoria de outros museus metropolitanos.

— Já está farto de mim, não é?

— Não seja ingrata, Agnes Martí. Considere isto o meu presente de Natal. Ou por acaso acha que me chega o dinheiro para lhe pagar o ordenado e ainda lhe comprar alguma coisa na Harrods?

Agnes seguiu com entusiasmo as detalhadas indicações do senhor Livingstone. Deu de comer aos patos no Hyde Park, passou em frente de Marble Arch, deteve-se diante da casa de Arnold Bennett e H. G. Wells e admirou a antiguidade da estação de Baker Street. Chegou até a resistir com coragem à tentação de praticar o desporto nacional dos londrinos — o *queueing*, a arte de fazer fila, quase tão popular como a atemporal hora do chá — e de visitar a recriação da casa de Holmes e Watson no número 221B. Encontrou Alice Shawn precisamente onde o senhor Livingstone lhe prometera. Graças à sua carta de recomendação, recebeu-a com amabilidade, entrevistou-a com respeito e escutou-a com atenção. A senhora Shawn, que, dotada de um certo romantismo vitoriano, achava as escavações em Oxirrinco a informação mais marcante do seu currículo, garantiu-lhe que, ainda que naquele momento não soubesse como a poderia ajudar, guardaria os seus dados para o caso de surgir alguma oportunidade profissional que lhe pudesse interessar.

Agnes regressou a casa cansada e vencida pelo desespero. Não acalentara ilusões laborais na sua expedição a Baker Street, mas a excursão desde o Hyde Park até ao Regent's Park fora esgotante e tivera o inesperado efeito de a fazer sentir-se insignificante. Ao longo da emblemática rua, desviando-se de turistas com câmaras fotográficas e londrinos com enormes copos de cartão cheios de café — contara até meia dúzia de Starbucks e Costa —, tinham voltado a surpreendê-la os verdes e vermelhos brilhantes dos enfeites natalícios.

Decidiu que não regressaria a Barcelona para as festividades. Levou a melhor a tristeza inerente a essa data e a certeza de que seria incapaz de se sentar à mesa com miríades de irmãos, tios, primos e sobrinhos que lhe perguntariam pelo seu trabalho, o seu namorado ou os seus planos de vida, todos eles inexistentes. Imaginou a estação de Saint Pancras, com John Betjeman, iluminada com centenas de luzinhas brancas; um jantar com Jasmine no Darkness & Shadow e os votos de felicidades dos Drakes; as suas meias desajeitadas penduradas na velha chaminé; um beijo de Oliver Twist por baixo do visco que Sioban penduraria num dos belos arcos de pedra das janelas do primeiro andar da Moonlight Books; Edward Livingstone a resmonear devido à maré de clientes stressados com as compras de última hora e aos coros de cânticos natalícios postados à porta. Imaginou que não estaria no Natal. Desejou-o com todas as suas forças, as poucas que lhe restavam nesse dia de expedição. Compreendeu que necessitava do silêncio aveludado do ar imóvel em seu redor conforme lhe caíam os primeiros flocos sobre a cabeça.

— Menino — disse-lhe cortesmente —, porque choras?

Peter Pan, que também sabia ser bastante cortês, pois aprendera as boas maneiras nas festas e

cerimônias das fadas, levantou-se e fez uma graciosa reverência.

Para um observador pouco experiente, poderia parecer que Oliver Twist não estava atento à leitura. Mas Agnes tinha consciência de que, de há um par de páginas àquela parte, o menino deixara as suas anotações e já não fazia ajustes no telescópio. A tarde de finais de novembro escurecera o céu prematuramente, revestindo de trevas a bela cúpula transparente da Moonlight Books. Agnes lia *Peter Pan* em voz alta com alguma emoção dissimulada em cada um dos seus silêncios, pois neste mundo há livros que se leem sempre com o entusiasmo e a ilusão da primeira vez.

— *Segunda à direita e depois sempre em frente até ao amanhecer.*

Não escapou à rapariga a subtil careta de aborrecimento de Oliver quando as campainhas lá de baixo soaram e ela teve de deixar o livro e descer a escada para atender os clientes. O senhor Livingstone tinha saído para participar numa conferência editorial e demoraria mais uma hora a regressar.

— Têm DVD? — perguntou um homem jovem, enfiado num bonito casaco cinzento e com um cachecol da *Burberry*.

— Isto é uma livraria — respondeu Agnes, sorrindo como quem pede desculpa.

— Mas não têm os filmes?

Ela fitou-o sem compreender.

— As adaptações cinematográficas dos livros — esclareceu o homem. — Recomendaram-me *Mataram a Cotovia*, mas não gosto de ler. Prefiro ver o filme.

— Tenho um exemplar do romance de Harper Lee. É um livro maravilhoso, uma recomendação excelente.

— *OK.*

O homem continuava ao pé da porta, aguardando. Agnes não sabia que mais lhe havia de dizer, além de que gostava muito do seu casaco cinzento.

— Então, tem o filme?

— Não.

— E não posso encomendá-lo?

— Isto é uma livraria, não vendemos filmes — insistiu, observando através da montra para verificar se se tratava de um programa de apanhados.

A rua parecia deserta, exceto por uma senhora que acabava de sair da sapataria de Charlie Caldecott, do outro lado da rua.

Um casal de meia-idade entrou na livraria e a sua irrupção pareceu devolver algum bom senso ao homem do casaco, que se pôs a mexer, murmurando sobre o Armagedão e o advento da Amazon. Os recém-chegados examinaram por uns minutos as estantes do piso inferior e logo subiram em busca de romances classificados por género literário. Responderam que não quando Agnes lhes perguntou se os poderia ajudar em alguma coisa, pelo que ela preferiu deixar-se ficar junto à caixa registadora. A porta voltou a abrir-se e a senhora Dresden entrou, muito inquieta, seguramente por não ser segunda-feira.

— Preciso que me esclareça uma coisa agora mesmo — suplicou com a cara enrubescida e o cabelo violeta despenteado. — O Frodo não morre, pois não? Não pode morrer, daria cabo das minhas expectativas.

Num segundo, ocorreram a Agnes meia dúzia de desastres literários muito mais

terríveis para dar cabo das expectativas da senhora Dresden, mas dissimulou os seus pensamentos com um sorriso sereno. A mulher agitou sem piedade *A Irmandade do Anel*, em edição brochada, diante da sua cara.

— Foi ferido, no Cume Ventoso, por uma adaga de Morgul. Acho que foi o chefe dos Nazgûl, o Rei Bruxo de Angmar.

— Estou impressionada, senhora Dresden.

— Eu também. Esse tipo de ferimento mata as suas vítimas por envenenamento. Acha que Tolkien era um escritor tão cruel a ponto de assassinar o Frodo?

— Não acredito que a crueldade dos escritores tenha alguma coisa que ver com os seus enredos — refletiu Agnes. — Veja o caso dos escritores de *thrillers* e policiais, parecem pessoas encantadoras. Pelos menos, na sua maioria.

A mulher aproximou-se um pouco mais e baixou a voz para lhe fazer uma confidência.

— Mas Tolkien tinha *orcs* — sussurrou. — *Orcs*.

— Porque não continua a ler um bocadinho mais para tirar as suas dúvidas em relação ao Frodo? Na segunda, pode passar por cá para vir buscar o livro seguinte, o senhor Livingstone já terá preparado para si *As Duas Torres*.

— Mas já me falta pouco para terminar este — queixou-se ela. — E se a situação do Frodo não ficar resolvida neste volume?

Agnes, que tinha lido *O Senhor dos Anéis* na adolescência, rebuscou na sua memória.

— Tenho quase a certeza de que a situação do ferimento do Frodo se resolve no exemplar que a senhora tem. Mas vou confirmar lá atrás se não terá já chegado a segunda parte, espere.

Quando Agnes regressou, a mulher parecia mergulhada numa espécie de transe cataléptico. Assegurou-lhe que o exemplar ainda não tinha chegado, mas que estaria ali na segunda-feira, sem falta. A senhora olhou-a com desconfiança, porém algo na resolução da jovem a convenceu de que não tinha outro remédio a não ser voltar para casa e terminar o livro. Respirou fundo, passou uma mão pela testa suada e rompeu-se o feitiço da sua apaixonada leitura.

— Não sei porque vim — murmurou, agitando a mão em jeito de despedida —, nem sequer é segunda-feira.

A porta fechou-se nas suas costas. Agnes ainda não tinha perdido o sorriso desde a impetuosa entrada da senhora Dresden quando o casal que subira ao piso de cima se postou, macambúzio, ante o balcão.

— Estamos à procura de um livro.

Até aqui, tudo bem, pensou a arqueóloga.

— É verde, com letras douradas.

Agnes esperou que continuassem com a descrição, mas ambos aguardaram em silêncio e observaram-na fixamente, como se fosse a sua vez de falar, como se estivesse prestes a fazer um truque de magia e a sacar o livro da sua cartola. Lembrou-se de que não tinha nenhuma cartola e aclarou a garganta, inquieta; pensava que, depois do homem do casaco e da senhora Dresden e as adagas de Morgul, merecia uma venda simples.

— Se me disserem o título ou o nome do autor, talvez os possa ajudar.

— É verde, com letras douradas — repetiu a senhora.

O senhor Livingstone não lhe dera instruções sobre a organização cromática das estantes, mas tinha-lhe sugerido que consultasse os catálogos das editoras para se familiarizar com os formatos e os estilos das coleções. Agnes colocou-os sobre o balcão e apressou-se a folheá-los em busca da solicitada cor verde. A Persephone Books e a Faber & Faber tinham alguns livros que coincidiam com a descrição do suspeito.

— Não, não é nenhum destes — queixou-se o homem quando ela lhes mostrou o catálogo.

— Lamento — concluiu Agnes —, com tão pouca informação... Não se lembram do género a que pertencia ou do que tratava o enredo?

— Género?

— Fantasia, humor, romance, policial, desesperante...

O casal negou, a meio caminho entre a decepção e o aborrecimento pela ineptidão da livreira improvisada.

— Passamos por cá quando o Edward estiver — sentenciou o homem.

E foram-se embora sem sequer se despedirem, murmurando algo sobre a loucura que era empregar livreiras estrangeiras. Agnes guardou os catálogos, abatida.

— A culpa não é tua — consolou-a Oliver, quando ela regressou ao andar de cima.

— É, sim. Não sei nada de livros.

— Mas conheces o Peter Pan e sabes que o Frodo não morre na primeira parte.

— Chiu, isso é um *spoiler*.

— Muito pequeno. Mediano. — Oliver riu-se pela sua engenhosa referência à altura do *hobbit*.

— Não devia estar aqui. Sou arqueóloga.

— Por isso é que estás triste?

— Não estou nada.

— Se eu digo que sou astronauta e continuo no planeta Terra, vou ficar deprimido, porque... que espécie de astronauta é que não sai do seu próprio mundo? — explicou Oliver com paciência.

— Um astronauta muito frustrado — murmurou Agnes de mau humor.

— Falas como a minha psicopedagoga.

— Também se deve sentir assim.

— O truque está em não dizer «sou arqueóloga» ou «sou astronauta». Tu és muitas coisas: pessoa, ajudante do senhor Livingstone, gira...

— Obrigada.

— ...boa leitora de *Peter Pan*, simpática, esperta... E todas essas coisas são muito boas. Não devias estar triste.

Agnes refletiu por instantes sobre a lógica da argumentação de Oliver. Perdera de vista que a sua vida era algo mais do que o amor que sentia pela sua profissão, o que explicava estar agora em Londres a tentar encontrar um livro verde com letras douradas. No entanto, se aceitasse que a arqueologia não era mais do que uma pequena parte do seu ser, tudo adquiria proporções de relativa catástrofe. Não era o fim do mundo não ter o trabalho dos seus sonhos, nem sequer não ter trabalho nenhum, mas a felicidade não lhe dava de comer, nem lhe oferecia um teto sobre o qual se abrigar nem lhe pagava a conta do médico quando

ficava doente. Era possível que ser gira e ler J. M. Barrie lhe caísse bastante bem, mas continuava a sonhar com escavações, fragmentos de *sigillata*, novas teorias sobre civilizações perdidas e a conservação de belas peças da Antiguidade.

— Não sabia que estava triste — resumiu ela os seus devaneios. — Mas talvez esteja mesmo. Não encontro o meu lugar no mundo, como se fosse um astronauta perdido no Universo, cheio de vontade de regressar a casa.

— Então, eu cá não me preocuparia.

Oliver ficava muito giro quando sorria; com aquelas covinhas nas bochechas, os olhos redondos de tanto olhar pelo telescópio, o seu suave cabelo louro cortado à escovinha.

— Porque não?

— Porque, mais tarde ou mais cedo, aparece sempre alguém que te quer levar de volta para casa. — Ele devolveu-lhe o exemplar de *Peter Pan* e mostrou os seus melhores olhinhos de carneiro mal morto. — Podes continuar a ler um bocadinho mais, por favor?

*

O senhor Livingstone chegou tarde e de mau humor do seu consistório de livreiros e editores; se dependesse dele, toda aquela gente não seria mais nem uma coisa nem outra. Despediu-se de Agnes um pouco antes da sete, ignorando as suas lamentações sobre nem sabe bem que clientes merecedores de ser ameaçados com os horrores de uma adaga de Morgul, e sofreu em silêncio o desdém de Roberta Twist quando esta passou para vir buscar o seu único rebento.

— Você tem um horário que é do mais estranho que existe — queixou-se em voz demasiado alta enquanto arrastava o filho, com a sua respetiva mochila, escada abaixo.

— Lamento que interfira com o seu — devolveu-lhe com sarcasmo o senhor Livingstone.

— Eu não tenho horários. Boa noite.

— Até amanhã, senhor Livingstone — despediu-se o apressado Oliver com um sorriso.

— Nunca ninguém foi capaz de decifrar um advogado — deixou Edward escapar com um suspiro, mal a porta se fechou atrás deles —, só de os interpretar mal.

Serviu a si mesmo um copo de uísque, sem gelo, virou ao contrário o sinal de FECHADO e encaminhou-se para o canto dos românticos à procura de refúgio no cadeirão cor de ameixa. Porém, quando passou em frente da sua idolatrada mesa de livros ilustrados, compreendeu pela primeira vez a expressão «gelar-se o sangue nas veias».

A vitrina que continha o diário de David Livingstone, *Observações Cartográficas, Zoológicas, Botânicas e Geológicas do Sul de África (1849-1851)*, estava vazia.

— Nem sei como consegues estar tão tranquilo, Edward. Sei o quanto aquele diário significa para ti e agora não aparece em lado nenhum.

Sioban reservara uma mesa num pequeno restaurante italiano em Soho, próximo dos escritórios da sua editora. Conhecia bem a aversão do senhor Livingstone por aquela zona da cidade, mas convencia-o muitas vezes a permanecer ali recordando-lhe o incentivo de passear pela Charing Cross Road — a imaginação do livreiro era tão firme, de uma perspetiva literária, que era capaz de continuar a ver a Marks & Coa, onde apenas se achava um McDonald's — e a promessa do melhor esparguete à Norma do mundo. Edward tinha-lhe contado sobre o desaparecimento do documento da vitrina da Moonlight Books, mas fizera-o com a ligeireza de quem comunica que a manhã está nublada em Londres.

— Ficar nervoso não fará com que o diário volte à sua vitrina — respondeu-lhe, enrolando o esparguete com esmero.

— Tens de denunciar o seu desaparecimento.

— Não se tem de esperar quarenta e oito horas?

— Isso é para as pessoas. Isto trata-se de um roubo.

— Não sabemos se alguém o roubou.

Sioban pousou o garfo no prato de salada César que estava a comer e fitou-o, atónita. Depois de tantos anos, continuava sem se acostumar à excêntrica personalidade do companheiro.

— E que outra possibilidade é que há? — perguntou-lhe. Ele encolheu os ombros, relutante em partilhar teorias rocambolescas com a editora. Percebia que ela não estava no espírito certo para entrar no jogo. — Edward, é o roubo de um objeto valioso. Se não o fizeres tu, apresento eu uma queixa.

— Parece-me precipitado. Tenho algumas suspeitas do que pode ter acontecido.

— Como as tuas teorias sobre o motivo por que os livros de Wilkie Collins apareceram uma manhã no chão? Elaboraste toda uma tese sobre a culpa de Mark Twain.

— Fazes com que pareça absurdo.

— Porque era mesmo.

— Claro, Twain é demasiado amável para atirar os livros de qualquer outro escritor ao chão. Mesmo que visitasse a livraria sob a forma de ectoplasma, continuaria a ser atencioso.

Sioban bateu com impaciência o garfo contra o copo de vinho para terminar com as fantasiosas digressões literárias daquele homem impossível. Edward captou a indireta.

Considerações fantasmagóricas à parte, o senhor Livingstone estava convencido de que o desaparecimento do diário do seu antepassado tinha uma explicação bastante mais simples, e menos truculenta, do que a existência de um ladrão. Enternecia-lhe a fé cega de Sioban no valor dos livros e a probabilidade de que alguém pudesse pensar que roubá-los era um negócio lucrativo.

— Desta vez, tenho uma ideia um pouco mais vaga e menos sobrenatural, mas, ainda

assim... — defendeu-se ele.

— Ainda assim vou telefonar agora mesmo ao filho de uma amiga minha para te ajudar com a denúncia e dar início à investigação.

— É escritor de romances policiais?

— É polícia.

— Do MI5.

— Claro que não.

— Da Scotland Yard.

— Que interessa onde ele trabalha?

— Eu sabia, é da Scotland Yard.

— E depois? O teu apelido é Livingstone, não Holmes.

Sioban deu por encerrado o assunto, terminaram a refeição e os dois amantes separaram-se em termos pouco carinhosos antes de se dirigirem aos seus respetivos trabalhos. A editora não entendia a renitência de Edward quanto a investigar o desaparecimento de uma das suas posses mais valiosas; e ao livreiro parecia um exagero implicar um polícia da Scotland Yard numa questão que suspeitava poder resolver ele próprio sem demasiadas complicações (e sem que o fantasma de Mark Twain fosse chamado ao barulho).

Chovia quando Agnes Martí chegou naquela tarde à Moonlight Books. Como da primeira vez que a rapariga entrara na livraria, Edward contemplou-a às escondidas enquanto ela se desembaraçava do casaco e dos sapatos. Vestia umas grossas meias negras, uma saia com roda às riscas brancas e pretas e uma camisola de gola à barco também preta. O livreiro pensou que era como se a personagem de Audrey Hepburn em *Boneca de Luxo* se tivesse escapado de um filme de Tim Burton. O suspiro audível do seu contabilista, Percival Donohue, arrancou-o do seu ensimesmamento.

— Nem penses nisso — disse bruscamente entre dentes enquanto lhe dava uma cotovelada.

— Que foi? Não disse nada!

— Tu sabes bem o que foi. Ouvi-te suspirar.

— Não suspirei.

— Eu conheço-te, Percy. Conheço o teu péssimo gosto para gravatas e meias e a tua propensão romântica para te apaixonares por raparigas bonitas perdidas sob a chuva.

O contabilista, um jovem ruivo que, efetivamente, trazia uma horrível gravata cor de abóbora e meias a condizer, negou com a cabeça e desapareceu dentro do escritório de Edward para pôr em dia os números do negócio.

— Agnes — chamou-a o senhor Livingstone. — Não quero que se preocupe, mas preciso de saber se ontem, enquanto estive fora, aconteceu alguma coisa fora do comum na livraria.

Nada do que acontecia na Moonlight Books parecia comum a uma arqueóloga, mas, como não estava de todo segura de que essa opinião fosse agradar ou ofender o seu proprietário, preferiu guardá-la para si própria. Contou-lhe sobre o tipo dos DVD, a senhora Dresden com as suas adagas de Morgul e o casal do livro verde com letras douradas.

— Acho que o casal do livro verde o conhecia, porque disseram que iam voltar a passar por cá quando o senhor estivesse na livraria.

— Ela era loura e muito alta, e ele era calvo e com uma barba à Pai Natal?

Agnes assentiu.

— Deviam ser os Rosembergs. E isso recorda-me...

O senhor Livingstone subiu velozmente até ao primeiro andar, deixando que a ponta dos dedos roçasse por hábito o belo corrimão de volutas de ferro negro da sua escada. Quando voltou a descer, estendeu um livro a Agnes.

— *Mr. Rosenblum Dreams in English* — leu a rapariga na capa —, de Natasha Solomons.

— É imprescindível que o leia. Por ter emigrado para uma nova cidade e tal. E por causa da língua, suponho.

— Edward, porque é que me estava a perguntar sobre a tarde de ontem?

— Vejamos. Passaram por aqui o tipo do DVD, a senhora Dresden e os Rosembergs, e imagino que lá em cima estivesse o Oliver. — Ele procurou a confirmação de Agnes e dirigiu o olhar para a sua mesa de livros ilustrados. — Não dá pela falta de nada?

A rapariga seguiu a direção do seu olhar e apercebeu-se da vitrina vazia.

— Não!

— Temo que voltámos a perder o doutor Livingstone.

Uma enxurrada de perguntas atropelaram-se na cabeça de Agnes, mas não foi capaz de formular nenhuma em voz alta. Sabia o quanto o livreiro adorava aquele manuscrito vitoriano. Os seus olhos encheram-se de lágrimas quando tentou dizer alguma coisa a esse respeito.

— Oh, não, por favor, não chore. Pense no desastre das escavações de Troia. Lá perdeu-se muito mais.

— Não vou chorar — engasgou-se Agnes. — Mas é só que... que eu não... que sinto que...

— Eu sei — cortou o senhor Livingstone com um gesto. — Sei que não tocou no diário e que não faz ideia de qual poderá ser o seu paradeiro atual. Pelo contrário, pressinto que...

O senhor Livingstone foi interrompido por uma rajada de ar frio proveniente da rua, seguida do lamentável tinido das campainhas. Sioban atravessou a ombreira da livraria como uma bela rainha isabelina, despenteada após uma luta com o seu guarda-chuva. O fantástico estrépito da chuva e a tempestade sobre as ruas de Temple acompanharam a entrada.

— «Falai de novo, anjo resplandecente!» — recebeu-a Edward. — «Porque esta noite pareceis tão esplendorosa sobre a minha cabeça como um alado mensageiro celeste ante os olhos extáticos e maravilhados dos mortais.»²

O sorriso da editora acentuou-se e as rugas da sua testa suavizaram-se. Pendurou o casaco no bengaleiro da entrada e dirigiu-se à divisão das traseiras.

— Convida-me para um chá, Edward Livingstone — advertiu ela o seu Romeu —, ou renega o teu pai e renuncia ao teu nome. «Ou, se não quiserdes, prometei-me somente que me tendes amor e deixarei eu de ser uma Capuleto.»³ Mas — acrescentou —, por todos os deuses, prepara-me um chá.

Sioban saiu mal-humorada do escritório um quarto de hora após a sua chegada. Fez algumas chamadas telefónicas a partir do andar superior e depois dedicou quase vinte minutos ao infrutífero intento de entabular uma conversa com o escritor residente. Sendo uma experiente conhecedora do carácter introvertido e constrangimento social da maioria dos ditos espécimes, Agnes ficou surpreendida por a editora não perder a esperança de retirar do seu mutismo o habitante sob a lamparina azul. Por sorte, foi uma tarde de poucos clientes, porque Edward continuou fechado no escritório com Donohue, deixando sozinho uma preocupada e distraída Agnes.

Sabia que o diário do seu antepassado era importante para o senhor Livingstone, mas não estava certa de que tal fosse devido ao respetivo valor histórico. Se havia alguém naquela livraria que compreendia a verdadeira importância do documento, era ela. Quando, em 1849, o doutor Livingstone partiu para África, pouco se sabia do tão exótico continente. O explorador cartografou — com extraordinária precisão, considerando que só contava com as suas observações astronómicas — o deserto de Calaári, o lago Ngami e o rio Zambeze; e elaborou minuciosos relatórios de zoologia, botânica e geologia da zona, sendo pioneiro no descobrimento de novas espécies. Nas décadas dos anos 50 e 60 do século XIX, explorou incansavelmente o curso do rio Zambeze e os territórios adjacentes, intrigado pela sua difícil navegação, os rápidos e as cascatas; batizou as suas cataratas, na fronteira entre a Zâmbia e o Zimbabué, com o nome da rainha. Em 1865, a Royal Geographical Society pô-lo ao comando da expedição que partiu em busca da nascente do rio Nilo; mas, perto do lago Tanganica, em 1870, David Livingstone desapareceu, até que Henry Stanley, dois anos mais tarde, conseguiu dar com ele na cidade de Ujiji, nas imediações do lago. O diário herdado datava de 1849 a 1851, os anos da primeira expedição, talvez o período mais interessante no que toca aos descobrimentos cartográficos, zoológicos, botânicos e geológicos.

Não inquietava a Agnes apenas o desaparecimento de uma relíquia vitoriana de tanto valor histórico-científico, mas também a possibilidade de o livreiro suspeitar dela. Não que tivesse dado mostras de tais suposições, mas Agnes, que tinha empatia suficiente para se colocar na pele do outro, dava-se agora conta de que ela era o único fator novo na equação; que, até à sua chegada, quando apenas o senhor Livingstone estava a cargo da livraria, nada acontecera ao diário ou à sua vitrina. Se estivessem num romance de Agatha Christie, ela seria a principal suspeita: conhecia o valor do documento, tivera oportunidade para o roubar durante a ausência do proprietário, tinha um bom motivo (económico?, cultural?, passionai?, estupidez?), era nova na loja e ninguém lhe podia oferecer um álibi sólido.

Quando Oliver chegou da escola, assombrosamente seco apesar da tempestade que continuava a assolar os céus londrinos, encontrou Sioban sentada em cima de almofadas no chão, junto à estante dos filósofos, a escrever no seu portátil.

— Dá-me um quarto de hora e já vou ter contigo lá acima — prometeu-lhe Sioban sem deixar de teclar.

Deparou no piso de cima com Agnes, que parecia desconcertada e despistadíssima, procurando sem sucesso um lugar definitivo para *The Enchanted April*, de Elizabeth von Arnim.

— Não sei se o deveria pôr no V ou no A — confessou ela ao menino. — Ou no P de

primavera, ou junto à caixa, com as ofertas, para ver se alguém o compra de uma vez por todas e me salva desta estúpida incerteza.

— Estás chateada? Anda lanchar, tenho pão com chocolate.

Pão com chocolate era um feitiço mágico que fazia as arqueólogas exiladas regressar aos seus dias de felicidade infantil na cozinha dos pais, quando o mais preocupante que o mundo poderia oferecer era que não a convidassem para uma festa de aniversário. Oliver demonstrava uma enorme generosidade ao propor partilhar com ela semelhante clássico.

— Não estou chateada. — Agnes suavizou o semblante. — É que neste momento não me lembro se Poirot era belga ou francês, e isso deixa-me extremamente nervosa.

Oliver Twist, que não fazia a mais remota ideia de quem era esse tal Poirot, disse que ia esperar por ela na secção de História e que lhe guardaria metade do seu lanche se não demorasse muito a ir ter com ele. A rapariga assentiu, distraída, e voltou ao andar de baixo, onde o ritmado teclar de Sioban e do escritor residente tecia curiosas partituras.

Desenrolava-se na cabeça de Agnes uma versão de *Morte no Nilo* quando a porta da Moonlight Books se abriu de repente, arrancou o batente de borracha do chão e chocou contra uma estante com um ruído espantoso. As campainhas desprenderam-se e caíram, emitindo o seu tinido sombrio pela derradeira vez. Uma bota militar esmagou-as sem piedade contra o chão de madeira lamurienta.

O senhor Livingstone e Percival Donohue, que tinham acabado de sair do escritório e se encontravam mais próximos da porta, voltaram-se em sobressalto. Sioban mais tarde perguntar-se-ia se teria visto como o contabilista dava um passinho trémulo para se ocultar atrás do livreiro. Oliver pôs a cabeça de fora do corrimão da escada e esqueceu-se de continuar a mastigar o seu pão com chocolate. Até o escritor residente levantou os olhos e franziu o cenho, irritado com a interrupção. Aquela livraria estava a tornar-se demasiado emocionante para as suas necessidades literárias, talvez devesse ponderar a possibilidade de se mudar para o Starbucks de Embankment.

Contra a escuridão da tempestade como pano de fundo, precedido pelo estrondo dos trovões e pela chuva, um homem alto, vestido de azul-escuro, com um colete à prova de bala e armado, contemplou-os a partir do lintel da porta.

— John! Que bom teres conseguido passar por cá, mesmo a chover a potes — adiantou-se Sioban a cumprimentar o recém-chegado com um entusiasmo que contrastava com o efeito tenebroso da cena. Deu-lhe dois beijos nas faces sem se deixar intimidar pela armadura do homem.

O visitante fechou a porta atrás de si, apanhou as falecidas campainhas do chão e estendeu-as ao ainda pasmado senhor Livingstone.

— Lamento ter pisado as suas... hum... o que quer que sejam — desculpou-se ele.

— Edward, este é o John Lockwood. Vai ajudar-te com o roubo do diário.

Livingstone estendeu-lhe a mão, a qual o polícia se apressou a apertar, disposto a aceitar tamanha complicação por lealdade para com a sua insistente Julieta.

— Scotland Yard — afirmou mais do que perguntou.

— Sim, senhor.

— Louvaria a sua discrição se não tivesse ficado sem fôlego.

Sioban lançou-lhe um olhar de advertência e o livreiro pestanejou, resignado.

— Este é o meu contabilista, Percival Donohue. O duendezinho louro com a cara manchada de chocolate é o Oliver Twist. E a fada descalça junto à escada é a Agnes Martí.

John Lockwood, que observara cada um deles à medida que o senhor Livingstone fazia as apresentações, cumprimentou-os com um breve aceno de cabeça e examinou, com o que o livreiro achou tratar-se de um certo assombro, a sua nova ajudante.

— Boas — disse ele, assentindo.

Agnes achou que não parecia ter nada em comum com Hercule Poirot.

² William Shakespeare, *Romeu e Julieta*, ato II, cena II.

³ *Ibidem*.

Não fora intenção de John Lockwood entrar na Moonlight Books como um elefante numa loja de porcelanas e inquietar os seus habitantes. Tinha pensado em aproveitar o facto de a unidade blindada que o transportara desde o aeroporto poder passar de novo para o interior buscar à livraria dali a vinte minutos; e, como deixara a espingarda de assalto e parte do seu equipamento na carrinha, sentia-se menos ameaçador do que parecia aos olhos dos livreiros. Saía poucas vezes armado, e menos ainda de uniforme e colete à prova de bala, mas nessa tarde tivera de participar num simulacro antiterrorista com o MI5 e a polícia de Heathrow e, desde os atentados de 2005, isso significava levar o equipamento completo.

O mundo tornara-se uma loucura, embora John preferisse pensar que tal sucedera apenas do lado de fora da porta do número 8 da New Scotland Yard. Tivera notícias dos atentados ao metro de Londres de 21 de junho de 2005 no Afeganistão, onde se encontrava a realizar trabalhos de contraespionagem. Lembrava-se de estar a jantar na cantina da SAS⁴, quando um dos tenentes desligou os ecrãs e lhes leu um comunicado. Todos se mantiveram em silêncio, a princípio incrédulos e depois horrorizados. Naquela noite, tomaram consciência de que quando voltassem para casa não seriam apenas eles a ter mudado para sempre.

John licenciou-se pelo Exército no ano seguinte e lançou-se de cabeça às provas de acesso para a Polícia Metropolitana de Londres. Aí continuava na atualidade, com o cargo de inspetor-chefe, para orgulho da sua avó e desconsolo dos pais, que desejavam qualquer outra vocação no setor dos serviços — exceto talvez a de missionário — para o filho. O senhor Lockwood era médico e não se cansava de insistir com John sobre o quanto gostaria que ele seguisse as suas pisadas.

A mãe de John, Anne, era professora reformada de Literatura Inglesa e conhecera Sioban em Balliol, quando esta estivera inscrita nas suas cadeiras durante dois trimestres. A sua amizade transcendera as aulas e os anos, e continuavam a ver-se com frequência. John conhecera a editora nalguma refeição em casa dos seus pais, mas era a primeira vez que via o senhor Livingstone. A primeira impressão dele foi boa, pareceu-lhe um genuíno livreiro inglês, daqueles do século XX, ou como ele imaginava que deveriam ser os livreiros dessa época: excêntricos, um pouco rezingões, mas honestos, rendidos admiradores de Shakespeare e muito críticos em relação a tudo o que tivesse sido publicado depois de 1950.

Agradou-lhe aquela livraria repleta de livros, com os seus pavimentos de madeira e as paredes de tijolo quase ocultas pelas altas estantes. Excetuando o pusilânime contabilista e a taciturna personagem que teclava sem descanso sob uma lamparina azul, John ficou surpreendido ao dar por si a pensar que, se todas as livrarias da cidade tivessem um Oliver Twist no primeiro andar e uma bela livreira descalça no rés do chão, as suas vendas melhorariam.

O senhor Livingstone apressou-se a despedir-se do seu contabilista e acompanhou John

à mesa dos livros ilustrados para lhe mostrar a localização da vitrina onde antes estava o diário. O polícia apercebeu-se da renitência do homem, do seu persistente silêncio enquanto Sioban relatava as circunstâncias do desaparecimento.

— Se percebi corretamente — resumiu John quando a editora terminou a exposição dos acontecimentos e o convidaram a sentar-se no escritório das traseiras —, deu-se conta do desaparecimento do diário na quinta-feira à noite, antes de fechar a loja. — O senhor Livingstone assentiu. — A vitrina parecia intacta, tal como agora, e não a limpavam desde então.

» Naquela tarde, o senhor não esteve na livraria, mas sim a sua ajudante. Passaram quatro clientes diferentes pela loja. O tipo dos DVD, o casal Rosemberg e a senhora Dresden. Não me estou a esquecer de nada? Uma visita de um vendedor? Alguma reparação? Serviço de limpeza? Entrega de comida ao domicílio?

— Se pensa que as trezentas pessoas que andam por aqui todos os dias tocam nos livros com os dedos besuntados de piza...

— É tudo, John — interrompeu Sioban o senhor Livingstone. — Foi uma tarde tranquila.

— Vai denunciar o roubo?

— Se for realmente um roubo — assinalou Edward.

— Se pudesses dar-nos uma mãozinha sem passar pelos canais oficiais, agradecia — interveio novamente Sioban.

John tinha a sensação de que a maioria dos roubos em Londres nunca chegava a ser denunciada. As pessoas tendiam a gerir em privado os seus problemas e, por muito que os tempos tivessem mudado, continuavam a sentir alguma desconfiança em relação aos polícias (inclusive pelos que tinham deixado a espingarda de assalto na carrinha).

— Vou entrevistar extraoficialmente essas pessoas na semana que vem, mas, se o diário não aparecer quando terminar a minha investigação, prometa-me que irá apresentar uma denúncia na esquadra.

— Na Scotland Yard? — alarmou-se o senhor Livingstone.

— Onde lhe parecer mais conveniente.

O telemóvel do polícia emitiu um zumbido e, após consultar o seu ecrã, despediu-se dos seus interlocutores.

— Estão à minha espera.

O senhor Livingstone entregou-lhe um dos seus cartões de visita e prometeu atender o telemóvel para lhe facultar a localização dos suspeitos. O tipo dos DVD continuava a ser uma incógnita e a livraria carecia de câmaras de segurança, mas John disse-lhe para não se preocupar com isso. Edward não parecia nada preocupado.

Despediu-se de Sioban com dois beijos e a promessa de ir comer em breve a casa de Anne, saindo depois do escritório para deparar com a livraria iluminada pelas luzes azuis da sirene silenciosa. A carrinha blindada esperava à porta.

Podia ter-se ido embora nesse instante, sem sequer olhar para trás. Bastava cobrir em cinco passadas a distância que o separava da rua e regressar ao ruído e à fúria. Mas um estranho anseio rondava-lhe o coração quando girou sobre os calcanhares e espreitou na esquina de uma das estantes à procura da rapariga dos pés descalços.

— Agora tenho de ir — disse-lhe ao encontrar os seus fugidios olhos castanhos —, mas para a semana vou ter de falar contigo.

Ela assentiu com a cabeça e John ficou enamorado da sua pele branquíssima, do seu olhar aquoso, a curva cor de cereja dos seus lábios entreabertos, a ligeireza dos seus pés descalços, quase em pontas sobre o chão de madeira velhíssima da livraria. Parecia prestes a levantar voo, como uma fada surpreendida pela câmara fotográfica de Lewis Carroll. Pensou que a sua mãe se sentiria orgulhosa das suas referências culturais.

— Vemo-nos depois — prometeu John antes de se ir embora com um peso no estômago que juraria não ter sentido antes de entrar na livraria.

Pareceu-lhe ouvir um suspiro trémulo nas suas costas.

Era a noite dos dardos no Darkness & Shadow, e um bando de reformados, a maioria com um gorro sobre as respetivas carecas, bebia cerveja e afinava a pontaria. Agnes e Jasmine observavam-nos distraídas a partir do seu refúgio junto à lareira acesa.

— Porque estás com essa cara? Este filete panado está uma delícia. É por causa das batatas?

A proverbial calma de Jasmine reconfortava a sua amiga, mas esta noite sentia-se incapaz de afastar as enormes nuvens negras que anuviavam o seu estado de espírito. Ou, porventura, tudo se devia ao erro que cometera ao pedir salada em vez de batatas para acompanhar o seu filete.

— É por causa do diário do doutor Livingstone.

Agnes tinha-lhe contado, ao chegar a casa do trabalho, o desafortunado incidente.

— Ninguém que te conheça minimamente pode acreditar que fosses capaz de roubar sequer um guardanapo num McDonald's. Não te preocupes.

— Mas esse é que é o problema, o senhor Livingstone mal me conhece. E o pouco que sabe de mim é que estou obcecada com a procura de trabalho como arqueóloga — lamentou-se ela enquanto revirava a alface da sua salada com o garfo.

— É que estás mesmo obcecada.

— Sou arqueóloga.

— E lá estás tu. — Jasmine deu um trago na cerveja espumosa e olhou a amiga nos olhos. — Segundo essa tua casmurrice, o que sou eu? Empregada de mesa? Devoradora de filetes panados? Amiga? Inquilina? Neta? Uma mulher negra com problemas de excesso de peso? Somos muitas coisas, Agnes. A complexidade de um ser humano é quase infinita. Não podes andar a vida toda a repetir que não és mais do que uma arqueóloga, porque então o resto das coisas que faças ou sintas não te vai parecer nada mais do que rotina e tristeza.

Agnes lembrou-se das palavras de Oliver Twist a respeito dos seus dons; «és uma boa leitora de *Peter Pan*», dissera-lhe o menino sábio. Num curto espaço de tempo, duas pessoas em cujo senso comum confiava tinham-lhe chamado a atenção para a parcialidade das suas observações. A vida era muito mais do que uma carreira profissional.

— E é nessa rotina, nesses gestos quotidianos — prosseguiu Jasmine —, que devias procurar a felicidade.

— Tal como no filete panado.
— Exato.
— Percebo o que me estás a tentar dizer, mas isso não me impede de continuar preocupada com o que o senhor Livingstone pode pensar de mim.
— Que és uma livreira responsável e entusiasta?
— Que roubei o diário do seu antepassado para o vender à British Library em troca de um emprego.
— Não estamos no século dezanove e tu não és nenhuma ladra de tumbas. Mas confesso que tive as minhas dúvidas quando começaste a rondar a igreja de Temple.
Agnes ignorou as brincadeiras da amiga e retomou a sua refeição, sem grande sucesso: não conseguia evitar continuar a remoer no assunto do diário.
— Talvez o senhor Livingstone não pense que sou culpada — resumiu pouco depois —, mas o John Lockwood de certeza que me tem como primeira na lista de suspeitos. Se tivesses visto como olhou para mim antes de se ir embora... E disse-me que ia falar comigo na semana que vem, mas do estilo «olha que dentes tão grandes tenho, Capuchinho».
— O agente giraço da Scotland Yard que entrou de arma em riste na livraria?
— Não entrou de arma em riste.
— Mas é giro.
— Eu não disse isso.
— Mas pensaste. Só me corrigiste na parte da arma.
— Seria uma tragédia um polícia feio prender-me por roubar o diário.
Jasmine soltou uma gargalhada e apontou para a sua amiga com o garfo.
— Estás a aprender, Capuchinho — disse-lhe ela.
Agnes ignorou o comentário e contou-lhe ao detalhe a conversa com Lockwood.
— A mim não me parece que isso demonstre que ele suspeita de ti. De certeza que pensa que és maravilhosa, com a tua pinta de arqueóloga vitoriana e esse olhar tão melancólico. Por falar em coisas maravilhosas...
Jasmine chamou a atenção de Michael Drake, o mais jovem dos proprietários do Darkness, e o homem aproximou-se da mesa.
— Tudo bem, miúdas? — perguntou, secando as mãos no seu avental grená.
— Este filete...
— Por favor, Jasmine, não me faças enviá-lo de volta para a cozinha. Não sabes do carácter do R. Cadwallader. Posso não to cobrar, mas deixa-me desfazer-me dele discretamente.
Jasmine afastou-o com uma palmada quando este tentava retirar-lhe o prato.
— Não comia um filete tão delicioso há anos. Mas que isto não chegue aos ouvidos da minha avó, por favor.
O alívio do homem foi tão visível que ele até chegou a ensaiar um arremedo de sorriso, apesar de os Drakes serem muito famosos pela pouca habilidade dos seus músculos faciais.
— Porque é que têm tanto medo do vosso cozinheiro? — perguntou Agnes com curiosidade.
— É galês e o seu apelido é Cadwallader, que provém da palavra «*cadwalader*», que significa «líder de batalha»: «*cad*» é «batalha» e «*gwaladr*» significa «líder». Mas tem mais

de Cad do que de outra coisa. E, caso não se tenham apercebido, nas paredes temos imensas espadas.

— Adoro as espadas — asseverou a arqueóloga.

— Pois, e nem todas são adereços.

Jasmine expressou a sua admiração pelos conhecimentos linguísticos do anfitrião.

— Não percebo patavina de galês — clarificou o homem —, tudo isto me foi explicado pelo pensionista que tinha sido seu chefe antes de ele vir trabalhar para o Darkness, juntamente com uma coleção de anedotas arrepiantes sobre o seu feitio e a inconveniência de lhe perguntar pelo nome, a menos que se quisesse experimentar uma morte lenta e dolorosa.

— Os baristas são tão exagerados. De tanto ouvir as fantochadas dos clientes com um par de cervejas a mais, ficaram contagiados com o gosto pelo lendário — repreendeu-o Jasmine. — Diz-lhe que venha cá, por favor, quero felicitá-lo em pessoa por este jantar. Sempre gostei dos seus hambúrgueres, mas isto...

— Tens a certeza?

Como ela assegurou que tinha, o mais jovem dos Drakes partiu rumo à cozinha com a tão infeliz missão.

— Porque é que abusas da sorte? — avisou Agnes a sua amiga.

— Porque a sorte só sorri aos audazes.

— Quando falas assim fazes-me lembrar o senhor Livingstone.

— Porque somos os dois igualmente sábios?

— Porque ele anda o dia todo a citar Shakespeare e Dickens, a desafiar a paciência dos clientes.

— Boa noite — interrompeu-as um homem ruivo de aparência demasiado civilizada para se tratar de um temível líder de batalha.

Jasmine ficou a observá-lo boquiaberta e Agnes deu à amiga um pontapé na canela por baixo da mesa.

— Au...

— A minha amiga queria felicitá-lo pela sua comida.

— Este filete panado é o melhor que alguma vez comi — reagiu Jasmine, examinando o impassível olhar do ruivo na penumbra do *pub*. — Queria agradecer-lhe e felicitá-lo pelos seus dotes culinários.

R. Cadwallader assentiu, impávido, e retirou-se de volta aos seus fogões, deixando as duas mulheres estupefactas.

— Só queria ser simpática.

— Há uma lenda, do século três antes de Cristo, que explica por que razão é uma afronta muito grave felicitar um cozinheiro galês pelos seus filetes — disse Agnes com seriedade.

— E só me contas isso agora? — alarmou-se a amiga.

— Vai desafiar-te para um duelo, à maneira galesa.

— Estás a gozar comigo.

— Claro que sim.

Jasmine atirou-lhe o guardanapo à cabeça, mas não teve tempo de ripostar a gracinha.

R. Cadwallader estava de regresso com uma bandeja que pousou entre as duas comensais.

— *Macarons* de pistacho, receita do chefe. — Esperou que terminassem de lhe agradecer e pigarreou, nervoso. — Nunca ninguém me tinha felicitado pela minha comida antes. Obrigado às duas.

E, quando sorriu, ninguém havia de dizer que o sangue de um terrível, e temido, cacique guerreiro galês corria pelas suas veias.

⁴ Special Air Service, principal grupo de operações especiais do Reino Unido.

— O que lhe pareceu *Stoner*, senhora Dresden?

— Menos divertido do que ver uma parede recém-pintada a secar.

O senhor Livingstone estendeu-lhe a mão para que ela lhe desse o exemplar do livro de John Williams, procurou uma página em concreto e leu:

— «Era uma casa solitária ligada a um inevitável trabalho duro na qual ele era o filho único.» — Fechou o livro e espreitou para a senhora Dresden por sobre os seus óculos sem armação. — Isto é *Stoner*. Um universo inteiro numa só frase. John Williams podia resumir-lhe todas as obras de Dostoiévski num parágrafo e a senhora ficar-lhe-ia eternamente agradecida.

— Oh — soltou a senhora, impressionada.

— O que lhe apetece ler esta semana?

Ela não hesitou um único instante antes de responder:

— Terror.

— Corrija-me se estiver enganado: creio recordar-me de que Stephen King já lhe deu o que merecia.

— Gosto muito de King, mas quero experimentar outro autor.

— Que coisas lhe dão medo?

A senhora Dresden encolheu os ombros e Edward reparou que tinha entrado na livraria calçada com chinelos de andar por casa.

— Vejo que, por esta altura, já se curou de todos os medos — concluiu.

— Quando era jovem, metiam-me medo a declaração de impostos, as histórias de guardas-noturnos da minha avó e a minha noite de núpcias.

Esta última questão inspirou o senhor Livingstone, que se apressou a desaparecer do campo de visão da sua cliente. Regressou do canto dos românticos com um bonito exemplar de *Frankenstein*, de Mary Shelley, forrado a tecido verde-oliva.

— Este — advertiu a senhora antes de lho entregar — é o livro mais aterrador alguma vez escrito.

— Pensava que era sobre um monstro.

— «Estarei contigo na tua noite de núpcias» — recitou de memória o senhor Livingstone. — O que pode ser mais aterrador do que isto?

Ao livreiro não passou despercebido o arrepio que percorreu o volumoso corpo da senhora Dresden ao escutar as suas palavras. Porém, como ao mesmo tempo estivera a olhar para a contracapa do livro, ficou na dúvida se teria sido provocado pelas vinte e uma libras que custava o exemplar.

Era uma tarde tranquila na livraria. Quando a senhora Dresden se foi embora, com o saco de papel que continha o seu exemplar de *Frankenstein* bem seguro e os caracóis violeta a bailarem como um halo de felicidade em torno da cabeça, Edward cedeu à tentação que eram os seus livros ilustrados. Escolheu *L'Herbier des Fées*, de Benjamin Lacombe e Sébastien

Perez, encheu e acendeu o seu cachimbo e preparou-se para desfrutar do livro bem refastelado num dos cadeirões do canto dos românticos. Minutos depois, ao virar uma página, surpreendeu-o ter companhia no seu pacífico refúgio; Agnes estava sentada, de pernas cruzadas ao estilo hindu, num cadeirão em frente do seu. Por instantes, o senhor Livingstone permitiu-se fazer uma pausa da fealdade do mundo. Contemplou a delicada postura das suas costas, uma madeixa de cabelo castanho a cair descuidadamente pelo ombro, a graciosa imobilidade das mãos, um bendito livro sobre o regaço...

— Que está a ler? — forçou-se ele a conjurar a evanescência do feitiço da sua ajudante.

Agnes mostrou-lhe a capa de *To Say Nothing of the Dog*, de Connie Willis.

— Já deve ter lido primeiro o romance de Jerome, *Três Homens num Barco*.

— Tal como o senhor me recomendou.

— Linda menina. — O senhor Livingstone decidiu dar a tarde por terminada. — Parece que hoje já não vamos vender mais livros. Os londrinos acreditam numa lenda não escrita que assegura que é muito mais divertido concentrar todas as compras uma hora antes de a livraria encerrar, no dia 24 de dezembro. Porque não aproveita e vai visitar aquela exposição no Tate, de Turner e as suas malditas ruínas gregas, pela qual suspirava ontem?

— Não se importa que me vá embora mais cedo? — questionou ela, animada com a proposta.

O senhor Livingstone olhou demoradamente para o seu cachimbo e para o precioso livro ilustrado e observou-a por cima dos óculos sem armação.

— Posso bem com o stresse.

— Porque não me acompanha?

— Nós, os ingleses, não vamos a exposições de Turner, preferimos outras atividades mais enobrecedoras, como a caça à raposa ou o críquete — brincou o livreiro. — Mas, agora que menciono o pintor, faz-me lembrar de que, se quer continuar sentada nestes cadeirões e manter intacta a sua dignidade, deve ler isto...

Edward virou-se para a esquerda e encontrou com facilidade o livro de que andava à procura: *El año del verano que nunca llegó*, de William Ospina.

— O senhor Ospina aponta que aquelas cores nos céus do seu Turner talvez não fossem produto da incurável enfermidade do romantismo, mas que se deveram às cinzas do vulcão que... Não vou contar-lhe mais nada — decidiu repentinamente. Estendeu-lhe o exemplar e ela aceitou-o de bom grado. — Vá e pense que Constable tão-pouco está fora de suspeita.

Agnes acatou obedientemente a ordem do seu chefe e despachou-se a agasalhar-se com esmero antes de se aventurar no ar frio de dezembro; mas, sobretudo, antes que um cliente entrasse pela porta da livraria adentro e a fizesse sentir-se culpada por abandonar às suas garras o senhor Livingstone e respetiva misantropia.

Quando Sioban chegou para lhe fazer companhia meia hora antes de fechar a loja, encontrou Edward meditabundo detrás do balcão, com o cachimbo apagado ainda na mão.

— O dia de hoje correu assim tão mal? — perguntou antes de lhe dar um beijo rápido nos lábios e se libertar do seu cachecol.

— Hã? Não, não, estava a pensar... Acabo de falar ao telefone com o John Lockwood.
— Espero que tenhas sido simpático com ele.
— Careço do vocabulário adequado para expressar quão simpático fui.
Sioban preparou o chá no escritório e serviu-o em duas chávenas; tomaram-no de pé, no mesmo balcão sobre o qual continuava apoiado nos cotovelos o seu taciturno livreiro.

— O que queria o John?
— Saber onde vai estar a Agnes amanhã de manhã. — O senhor Livingstone deu um gole na chávena e piscou o olho à sua mulher. — Não estamos a abordar este assunto com inteligência — resumiu os seus pensamentos em voz alta, ao fim de um momento.

— Se te estás a referir ao John, estás enganado.
— Desculpa se fiquei com uma falsa impressão do seu delicado intelecto quando entrou aqui armado até aos dentes e deu cabo da minha porta.

— Foram só as tuas campainhas, e já estavas farto delas. Dizias que te faziam sentir como se estivesse no cemitério de Whitechapel na época vitoriana.

— Isso é absurdo — protestou Edward, melindrado. — Era mais como o de Highgate em 1815.

Sioban ignorou a minuciosidade e insistiu na sua defesa:
— Só para que saibas, o John teve umas notas altíssimas no seu exame para inspetor.
— Ah, sim? Foi ele quem to disse? Pensava que essas coisas do MI5 eram secretas.
— Scotland Yard.
— Esses nem sequer apanharam o Jack, *o Estripador*.
— E foi a mãe dele que me contou.
O senhor Livingstone arqueou uma sobranceira e os seus olhinhos brilharam com malvada ironia.

— És um snobe! — exclamou Sioban, tendo perdido a paciência.
— Sou apenas um pobre livreiro.
— Não levas a sério ninguém que não tenha passado cinco anos em Oxford.
— Diz a bela ex-aluna de Balliol.

Sioban bufou, indignada, e Edward percebeu que tinha ido longe de mais com o seu desencanto pela humanidade. Pegou numa das mãos dela e beijou-a. Para completar a cena de desculpa muda, voltou a encher a chávena da donzela com chá aromático e ofereceu-lhe uma sandes. Esperou que lhe desse a primeira mordidela antes de voltar à carga.

— O que estou a tentar dizer é que há uma maneira muito mais simples de resolver isto.

A editora encarou-o em silêncio e o senhor Livingstone gritou:
— Oliver Twist! Desce agora mesmo pelos retos caminhos da lealdade!
— Não sei como é que Dickens te vai ajudar nisto.
— Não é Dickens, é o Oliver Twist: «Os caminhos da lealdade são sempre retos.» Se nesta livraria temos um cérebro com um QI superior a 150, talvez tenha chegado o momento de colher os frutos e o pôr a trabalhar.

Oliver postou-se diante dos dois adultos, pediu licença para comer uma sandes e Sioban ajudou-o a sentar-se em cima do balcão.

— Tu, duendezinho louro, sabes onde está o diário perdido? — interpelou-o o senhor

Livingstone.

Oliver encolheu os ombros, mastigando com voracidade, mas Edward não se deu por vencido.

— Na tarde em que desapareceu, estava a chover — garantiu o menino.

— Como quase sempre em Londres — queixou-se Sioban.

Mas as engrenagens mentais de Oliver já tinham começado a girar e ele estava demasiado aborrecido para resistir a entrar no jogo que lhe oferecia o senhor Livingstone.

— É má ideia levar papel velho para a rua se estiver a chover. Ninguém iria querer estragar o livro — assinalou.

— Quem levasse o diário — continuou Edward na mesma linha de pensamento que o menino —, se é que ele saiu mesmo daqui, teria de ser alguém que conhecia o seu valor e não queria danificá-lo. Por isso é que a vitrina está intacta. Deu-se ao trabalho de forçar a fechadura, em vez de partir a urna, por receio de estragar o seu conteúdo de alguma maneira.

» Por essa mesma razão, se lá fora chovia, talvez tenha escondido o livro aqui mesmo. Entre todos estes livros, é fácil que mais um passe despercebido. Teve de agir com rapidez, se não queria arriscar-se a ser visto por alguém; proteger um documento tão antigo da humidade requer o seu tempo.

— Mas porque haveria de fazer tal coisa? Não queria levar o diário? — duvidou Sioban.

— Porque a intenção do ladrão não era roubar nada — disse misteriosamente Edward.

— Estou de acordo com o geniozinho astronauta.

— Oliver! Pega nas tuas coisas.

A mãe do pequeno surpreendeu-os ao plantar-se no canto dos românticos. Talvez o tinido das campainhas da porta tivesse parecido lúgubre aos clientes do senhor Livingstone, mas ao menos punha de sobreaviso os habitantes da Moonlight Books em relação a incursões de advogadas temíveis.

Enquanto Twist saltava para o chão e obedecia às ordens maternas, a senhora dirigiu-se ao dono da livraria:

— Está a pensar fechar a loja no Natal?

— Odiaria que tal causasse a menor incompatibilidade com os seus planos.

— O Oliver tem três semanas de férias — lamentou-se. — Quer vir para aqui todos os dias, menos nas festividades, claro.

— Claro.

Enfiado num anoraque azul-marinho e com a volumosa mochila a sobressair detrás da sua cabecita privilegiada, Oliver esperava pela sua mãe, pronto para se ir embora.

— Adeus, Sioban — pronunciou, muito educado. — Até amanhã, senhor Livingstone.

— A Clara, a minha assistente, vem trazê-lo depois do almoço — sublinhou a senhora antes de desaparecer de mãos dadas com o seu único filho.

— Quem é a Clara? — rompeu o silêncio Sioban, quando a porta já se tinha fechado.

— A sua assistente.

— Isso eu ouvi.

— Acho que é a adolescente andrajosa que larga o Twist ali à porta sem tirar os olhos do ecrã do telemóvel. Há alguns meses que suspeito tratar-se de uma espécie de líquen

extraterrestre.

- Um líquen extraterrestre com um diploma oxfordiano?
- Lamentaria se assim fosse.
- Por causa da sua incapacidade para a oratória?
- Por causa da imbecilidade que demonstra ao não dirigir a palavra ao nosso Oliver.

O quarto de Agnes, no primeiro andar da casa que dividia com Jasmine, era espaçoso e com uma certa tendência para o azul. Nas primeiras manhãs depois de se instalar, passava algum tempo a olhar pela janela. Gostava da vista parcial do pequeno pátio ajardinado do alpendre à entrada e do silêncio que se respirava inclusive a tão pouca altura. O tráfego das duas ruas principais entre as quais fora erigida a ilha de casas era abafado pela distância e a boa acústica do lugar.

Da Cromwell Road apenas vislumbrava parte da entrada de um hotel e umas lojas de vidros tingidos que exibiam o letreiro LOVECRAFT & CARTER BOOKKEEPERS. Agnes adorava aquela placa, pelos seus nomes e pelo mistério da última palavra. Gostava de fantasiar sobre aqueles *bookkeepers*, imaginar o interior do local como uma biblioteca faustosa, administrada pelas senhoras Lovecraft e Carter — bibliotecárias intemporais, muito peculiares e com pistolas à cintura —, que guardavam, em fabulosas câmaras coraçaadas, tesouros livrescos apenas vistos por poucas pessoas: livros perigosos, caríssimos, estranhos, mágicos, que os proprietários depositavam ali para sua segurança e para a de quem os cobiçava. Somente quando se deu conta de que a palavra «*bookkeepers*» se referia a detentores de livros de contabilidade, ou seja, gestores, é que perdeu todo o mistério e a magia.

Estava convencida de que na sua vida muitas coisas tinham parecido precisamente assim, exóticas e maravilhosas, até desvendar o seu mistério e descobrir, desolada, que não eram nada mais do que rotineiras. Em Oxirrinco, enquanto passeava pelas escavações à espera de que a chamassem para jantar, o seu olhar perdia-se no horizonte rosado e cor deocre dos fabulosos céus crepusculares africanos e pensava na sua vocação. Sabia que, visto de fora, a arqueologia aparentava ser uma profissão fascinante, com a pátina de aventura e nostalgia com a qual a tinham cobrido os filmes do Indiana Jones e outros caçadores de tesouros. Na prática, eram muitas horas de trabalho duro em solos em distintos estados de decomposição argilosa, em arquivos poeirentos ou em aulas de classificação.

No entanto, ao entrar na Moonlight Books, tinha sucedido, pela primeira vez, o fenómeno contrário: a simplicidade quotidiana de atravessar a porta de uma livraria londrina convertera-se no início de algo excecional. Sem se aperceber disso, com o passar dos dias, Agnes tinha começado a ver através dos livros do senhor Livingstone com o filtro do extraordinário. Assombrava-a que, até então, não tivesse dedicado cinco minutos a observar as estrelas pelas lentes de um telescópio, a matutar sobre o alinhamento único de Júpiter com o cometa 67P ou a perceber por que razão a sonda *Rosetta* e o seu módulo de aterragem *Philae* foram assim batizados. Não compreendia como não se detivera antes na magia dos livros ilustrados como espelho da História, ou na nostalgia romântica dos princípios do século XIX que continuava a pintar recantos únicos da cidade, e não apenas da

livraria de Edward.

O seu olhar iluminava-se com uma nova edição de *A Tempestade*, com os infortúnios da senhora Dresden, com as discussões de *Oliver Twist* ou com a impassível fleuma britânica de Edward Livingstone. O mundo era cinzento, e só aprendendo a olhar com olhos de ver se era capaz de notar algum fragmento de cores brilhantes. Começara a compreender que a felicidade surge dos rebentos mais pequenos e inesperados. E questionava-se se seria possível que todas as coisas boas da vida coubessem numa livraria.

Conforme dava de comer pão duro aos patos e sustinha com inapetência um livro na outra mão, sentada num dos bancos próximos da orla do Serpentine, em frente do coreto do Hyde Park, Agnes pensava que já não lhe parecia o fim do mundo ser uma arqueóloga desterrada. Não tinha pressa de regressar a Barcelona e fora capaz de se livrar — pelo menos um bocadinho — da ansiedade da procura de emprego e das entrevistas nas agências de recrutamento. Envolvia-a a certeza de que poderia levar uma vida boa e feliz com Jasmine e na Moonlight Books, que estes seriam o antídoto para a sua inquietação temporária. Averiguava a possibilidade de atribuir a culpa da sua persistente tristeza à proximidade do Natal quando o seu olhar se fixou nos azulíssimos olhos de John Lockwood.

— Que diabo estás a ler?

Não era, nem de perto nem de longe, a melhor fórmula para iniciar uma conversa com uma rapariga; muito menos quando tinha pretendido soar simpático, pouco ameaçador e nada desconfiado, já para não falar do seu desejo de a persuadir de que não tinha qualquer intenção de a acusar do roubo. Mas, ainda que estivesse à procura dela desde que entrara no parque por Hyde Park Corner, junto à Apsley House, voltara a desconcertá-lo encontrar-se com a cadência dos seus longos cabelos embalados pela brisa ligeira, as suas maçãs do rosto coradas do frio de dezembro, o olhar surpreendido e aquoso dos seus belos e grandes olhos castanhos. Tão-pouco ajudava a tranquilidade de John o compridíssimo casaco cinzento-escuro que alargava da cintura apertada para baixo, estendido sobre o banco de madeira em seu redor, e lhe dava aquele ar de princesa russa no exílio.

Agnes fez-lhe chegar o livro de capa vermelha e pequenas letras pretas, demasiado impressionada com a interrupção do homem para lhe responder de maneira espontânea.

— Eneias, *o Tático* — leu em voz alta o polícia. — *Poliorcética. A estratégia militar grega no século IV a. C.* Uma leitura ligeira pela manhã?

— É um tratado muito curioso sobre a defesa das cidades. O capítulo sobre contrassenhas surpreenderia os informáticos pela sua intemporalidade, por exemplo. Como me encontraste?

— O Edward Livingstone disse-me que estarias aqui.

— Vais acusar-me do roubo do diário?

— Devia fazê-lo?

John mordeu a língua, zangado consigo mesmo. Tinha-a abordado com inaptidão e não estava a melhorar as coisas.

— Deixa-me convidar-te para um café — apressou-se a acrescentar. — Agradecia que me contasses tudo o que te lembrares sobre a tarde em que desapareceu o documento. Aqui está demasiado frio para continuar a falar e os franganotes dão-me arrepios.

— Patos.

— Para quem não é britânica, tens um admirável domínio da ornitologia.

Agnes atirou-lhes um último pedaço de pão e atreveu-se a voltar a encarar os olhos do homem. Ele continuava de pé, junto ao banco, à espera da sua resposta. Pareceu a Agnes que havia alguma coisa, talvez na posição das mãos, na rigidez marmórea da postura e da sua expressão, que lhe fazia lembrar as estátuas imperiais romanas do British Museum. Levantou-se sem desfitar o azul dos olhos de Lockwood e sorriu.

— Preferia um chá — pronunciou com os lábios dormentes do frio.

— Um chá, então — concedeu John.

Meteu as mãos nos bolsos para não ceder à tentação de lhe afastar uma madeixa de cabelo castanho que o vento atirara sobre a sua bochecha; o súbito desejo de enterrar a palma da mão na suave linha do seu pescoço, tão quente... Estava mesmo à frente dele, tão próxima que lhe bastaria esticar os dedos para lhe tocar. Mas já não olhava para ele, tinha erguido a cabeça para os céus cinzentos, subitamente emudecidos e quietos. Não havia vento, nem sol, nem nuvens, apenas a cúpula cinzento-escura, da mesma cor que o seu casaco de princesa no desterro. Tudo estava silencioso. Até o próprio tempo ficara em suspenso, o fôlego contido nuns lábios entreabertos.

Baixou a cabeça de sedosos cabelos castanhos e os seus olhos procuraram os de John. Um leve sorriso acariciou a comissura da sua boca.

— Está a nevar — disse, com algo parecido com felicidade.

Os primeiros flocos de dezembro caíram suavemente sobre eles e as margens de um lago sinuoso, com a promessa de tingir de branco as altas copas das faias e dos teixos seculares.

Sob o guarda-chuva azul de Agnes, de braço dado, o parque em seu redor não era mais do que um silêncio de algodão e o sussurro dos altos abetos ao mexerem-se com uma lentidão sonhadora. Era estranho acompanhar o movimento de outra pessoa depois de tanto tempo a caminhar sozinha.

John segurava no guarda-chuva com a mão direita e guiava com passo firme até à saída do Hyde Park, pela Serpentine Road, em direção ao Green Park. Agradava-lhe a confiança com a qual a rapariga se acomodara no refúgio do seu braço, apertada contra o seu flanco esquerdo. Era apenas uma cabeça mais baixa do que ele e o seu cabelo longo por vezes roçava-lhe no queixo. Desfrutou do momento em que o mundo não era nada além do que existia sob a proteção daquele guarda-chuva azul; com a certeza de que, nesse instante, nada era mais importante do que as nuvenzinhas brancas provenientes da respiração da fada do senhor Livingstone.

Quando saíram do parque e caminharam ao longo de Piccadilly, o trânsito de Mayfair, agravado pelo engarrafamento que se alterava sempre consoante o capricho da climatologia, rompeu o feitiço mudo do seu isolamento. Embora se considerasse um homem prático e pouco dado a analisar sentimentos, John parecia tolhido pela nostalgia dos altos abetos e das faias frondosas do Hyde Park.

— Há quanto tempo é que vives em Londres? — perguntou ele a Agnes sem abrandar o passo.

— Desde setembro. É a primeira vez que vejo a neve a cair na cidade.

— Não acredito que vieste para aqui por causa do clima.

— Em Barcelona não temos neve e isso causa traumas terríveis nas nossas infâncias. — Sorriu. — Estou à procura de trabalho, como arqueóloga. Não é para isso que aqui estamos todos?

— Se fosse sempre assim, por algo tão simples... Mudar de país em busca de uma oportunidade laboral, e não por causa de uma guerra, da fome, da doença, da morte e do desespero. — Agnes observou-o com curiosidade, o seu rosto sério, o olhar perdido mais além, no horizonte das cúpulas londrinas. — Estive no Afeganistão. — Viu-se obrigado a clarificar, após uma breve pausa. — Muitas vezes, passava por povoações que não eram mais do que ruínas. Só quando saís de casa é que tomas consciência de que nasceste no lado simpático do planeta.

Um pouco intimidados com o sério cariz pelo qual enveredara a conversa, fizeram silêncio por momentos. Apenas os seus passos se ouviam no meio da densidade do trânsito e das rajadas de vento que acompanhavam repentinamente a tempestade de neve. Avançavam, tranquilos, a bom ritmo, com a segurança das passadas largas de Lockwood a marcar o rumo. O pensamento fugaz de que estava a salvo enquanto continuasse de braço dado com aquele homem atravessou a consciência de Agnes.

— O Edward não acredita na bondade de nenhuma civilização — disse ela, depois de

refletir sobre as palavras de John. — Nem sequer depois de ler *Norwegian Wood*, de Lars Mytting, tem a certeza de que os noruegueses sejam de todo perfeitos no que toca a cultura ancestral, sociedade e costumes.

— E o que pensa uma arqueóloga?

— Não me atreveria a dizer de nenhuma civilização antiga que era perfeita, mas se calhar devíamos perguntar a um antropólogo.

— Na Scotland Yard trabalhamos com um. Nunca tiramos nada de concreto das suas conclusões, exceto quando vai tomar uns copos com os psicólogos do departamento.

No aniversário da primeira publicação de *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, a montra da Fortnum & Mason em Piccadilly recreara extraordinárias cenas do livro: o chá do Chapeleiro Louco, a Rainha de Copas no seu jardim, Alice e o Coelho Branco a cair pela toca... Agnes, que parava para as contemplar a partir da rua sempre que passava por ali, pensava que era a encenação mais bonita do clássico de Carroll que jamais vira. Mas, desta vez, quando chegaram ao número 181 da Piccadilly Street, somente vislumbrou de esguelha a imagem deles os dois refletida nos vidros das belas montras artesanais apaineladas em ouro e malaquite. Questionou-se quem seria aquela estranha que caminhava depressa agarrada ao braço de John Lockwood. Um par de desconhecidos sob o mesmo guarda-chuva, sob os céus cinzentos redimidos pela neve tão branca.

Agnes acreditava na importância de medir bem a distância a que se mantinha das outras pessoas, pois todas elas contribuía, positiva ou negativamente, para definir os detalhes de quem ela era. Somos o nosso passado. Mas também somos o compêndio de um milhão de contributos alheios, porque ninguém é impermeável; e depende de quem nos acompanha pelo caminho todos esses pequenos acrescentos acabarem por constituir uma galáxia de boas e enriquecedoras intenções. A arqueóloga sabia que o senhor Livingstone lhe tinha proporcionado serenidade e apreço por aquilo que é único e original em cada ser humano; quando estava com Oliver, sentia-se menos desencantada, capaz de ver o mundo com novos olhos, sem preconceitos; com Sioban, mais sensata e prática; Jasmine enchia-a de esperança e otimismo, até nos momentos mais negros do dia.

Edward mencionou uma vez que William Faulkner tinha escrito em *Na Minha Morte*: «A solidude é a melhor resposta ante um mundo infestado de gente vazia e malvada.»

— O que demonstra, como já me tinha feito suspeitar a fuga de Henry David Thoreau para os bosques com o seu machado, que nem todos os americanos são amigáveis — brincara o livreiro.

Agnes não se atvera a perguntar se essa tinha sido a certeza que o levava a isolar-se na bolha da Moonlight Books, onde nada de mau poderia acontecer-lhe; um mundo feito à sua medida, onde não havia espaço para as pessoas vazias e malvadas, pois como poderiam ser vilões os leitores assíduos?

Não era como se a livraria tivesse alterado a sua natureza — Agnes sabia que, quando se ultrapassava a adolescência, isso era pouco provável —, mas, desde que estava em Londres, os seus novos amigos e todos aqueles livros que o senhor Livingstone lhe recomendara tinham conjurado a magia de a fazer aprender, de mudar ligeiramente a sua forma de ver a vida. Quem era aquela pessoa que acompanhava John Lockwood, em frente daquela maravilhosa montra, era ainda um mistério por descobrir.

Alheio aos pensamentos da sua acompanhante, John esperou ao abrigo do alpendre da Fortnum para fechar o guarda-chuva e a convidar a entrar, segurando a porta. O interior da loja recebeu-os com as suas luzes quentes penduradas do teto, a sua enorme escadaria de mármore e um sem-fim de grinaldas natalícias que adornavam a magnífica estrutura palaciana. A sumptuosidade daquele *ball* era tal que, sempre que o visitava, Agnes achava que era como se Luís XIV estivesse prestes a dar início ao baile de primavera. Jamais se atreveria a proferir em voz alta semelhante blasfêmia em terra inglesa, obviamente, mas não conseguia descrever de outra maneira a contraditória sensação de ligeireza e decoração excessiva que a envolvia no rés do chão da loja-restaurante.

— É demasiado cedo para subir ao Jubilee?

John referia-se ao Diamond Jubilee Tea Salon, no último andar do edifício da Fortnum & Mason, na Piccadilly Street. A sua elegância ao estilo Regência e os lendários serviços de chá amedrontavam um bocadinho Agnes.

— É sempre o momento ideal para subir ao Jubilee. Sou uma admiradora dedicada de uma sociedade capaz de dar semelhante atmosfera ao simples ato de tomar uma chávena de chá.

Lockwood aproximou-se dela como se lhe fosse fazer uma confidência.

— É para impressionar os turistas.

O sussurro no seu ouvido dissipou momentaneamente o frio de Agnes. John cedeu à tentação de lhe acariciar o cabelo com a desculpa de lhe tirar alguns flocos de neve que estavam a derreter sobre a sua cabeça. Ela susteve o fôlego, completamente imóvel, com medo de quebrar o momento de intimidade.

— Mas não penso subir na relíquia que é esse elevador — tossizou o polícia para se libertar do feitiço.

— Sofres de claustrofobia? — Agnes imaginou quão difícil seria enfiar a corpulência do seu acompanhante no pequeno elevador, com ascensorista incluído.

A razão por que a arqueóloga nunca tinha ido tomar chá no Jubilee, apesar de já ter subido uma vez para admirar o salão, era sentir-se intimidada pelas rececionistas. Chegava ao último andar, apresentava-se perante as suas sorridentes caras de boas-vindas e era assaltada pela sensação de estar andrajosa ou despenteada, ou ser demasiado pobre para lançar na sua presença, ou tudo isto de uma só vez. Porém, quando apareceu no vestíbulo do Jubilee, um pouco esbaforida depois de subir todos aqueles degraus com John, sentiu-se formidável. Tinha os sapatos molhados, os pés gelados, o casaco salpicado de neve derretida e o cabelo a meio caminho entre a aparência de um gato molhado e a dos restos do ninho de um pássaro bravio; mas nada disso lhe importou quando John pediu uma mesa para dois e as rececionistas os olharam dos pés à cabeça com a sua sorridente desaprovação habitual. O escrutínio foi indiferente para o polícia, que atravessou o bonito parque de madeira natural em direção às enormes janelas com vista para Piccadilly. Ignorou a mesa que a empregada loura e asseada lhe oferecia, no canto mais escuro da parede norte, e escolheu um lugar junto à janela, sob a luz sobrenatural de um céu tempestuoso.

— Aqui está ótimo, obrigado — disse ele com firmeza.

Para Agnes fora como se ele tivesse sacado do seu crachá da Scotland Yard para indicar que se tratava de um assunto oficial e muito sério. A loura não contestou, mas já não

parecia tão sorridente.

John puxou uma das duas cadeiras para lhe oferecer o assento e esperou que ela se desenvencilhasse do casaco e se acomodasse para logo a imitar. Durante uns instantes, ambos desfrutaram da vista através do vidro e da dança harmoniosa dos flocos do outro lado. Poucas cidades são tão belas como Londres no Natal sob uma capa de neve.

— O que achas que pode ter acontecido com o diário do senhor Livingstone? — perguntou-lhe John depois de pedir dois chás com bolachas e bolos.

— Não sei. Parecem todos convencidos de que desapareceu na tarde em que estive sozinha a tomar conta da livraria. Mas não notei nada fora do comum... e eu não o levei — acrescentou com ênfase.

— Um tipo indignado porque não vendiam DVD numa livraria, os Rosembergs e o seu livro verde e a senhora Dresden com qualquer coisa sobre uma arma branca...

— Um punhal de Morgul.

— Isso parece-te «nada fora do comum»?

Agnes sorriu e o polícia achou que tudo em seu redor ganhava luminosidade.

— Não invejo o teu trabalho — concluiu ele.

— Aquele diário é um documento excecional. O valor para o senhor Livingstone é sentimental, mas do ponto de vista científico e histórico...

— Tu és a principal suspeita.

— Sim.

— Se te serve de consolo, estou convencido de que tu não levaste o diário.

— Sim, serve.

— Agradeço a tua confiança, mas eu podia ser um polícia do piorio. Porque achas que o meu critério está correto?

— Porque acreditas na minha inocência.

John soltou uma gargalhada, era-lhe impossível deixar de a fitar. A peculiar luz da tempestade de neve conferia-lhe uma beleza comovedora. Os olhos castanhos presos nos seus, o sorriso, a delicadeza das mãos, a cadência simples das palavras dela.

Ficaram em silêncio enquanto lhes serviam o chá em grandes bules de porcelana branca decorada com passarinhos e folhinhas orientais. Pequenos pratos a condizer, com diminutas bolachas, pastéis de creme inglês, bolinhos esponjosos recheados de passas, de chocolate e de doce de groselha, encheram a mesa de uma alegria cálida. Agnes não pôde ocultar a satisfação do momento, o quanto lhe agradava aquele preciso instante. Até durante a leitura de expedições improváveis, como *The Story of a Troll-Hunt*, de James McBryde, não conseguia deixar de imaginar os exploradores britânicos — impecavelmente vestidos segundo a rígida moda de 1899, sujos e exaustos, perdidos no meio dos páramos dinamarqueses — a consultar o seu relógio de bolso, a maldizer com requintada educação o lamentável estado das suas botas e a parar para tomar o chá.

— Adoro — comentou ela —, é como em todos os livros que o Edward me faz ler.

— Livros sobre chá?

Agnes negou com a cabeça.

— Literatura britânica, clássicos, muito Arnold Bennett, mas também romances britânicos hoje quase esquecidos, apesar de terem sido muito bem acolhidos na época de

Virginia Woolf, D. H. Lawrence ou James Joyce.

— Romances de detetives?

— Alguns. — Ela sorriu. — Como os de Edmund Crispin, Dorothy L. Sayers, Ngaio Marsh ou Georgette Heyer. Mas principalmente literatura de finais do século dezanove até meados do século vinte. Embora, às vezes, haja exceções e ele me ponha nas mãos algum livro de ficção científica de Connie Willis, de Tim Powers ou de Orson Scott Card. Em casa, é a Jasmine quem me faz ler *feelgood*, para me compensar de tanto pesar misterioso, românticos atormentados e veleidoso humor britânico.

— O que é isso do *feelgood*?

— Romances em que os protagonistas nunca comem acelgas — resumiu ela, pensando em todos os títulos que descobrira à conta da amiga. — Histórias em que não acontece nada de extraordinário, cujos protagonistas não são grandes heróis. Histórias em que a felicidade se mede em pequenos momentos e se encontra nos gestos mais quotidianos...

— Como tomar um chá no Jubilee com a mulher mais linda de Londres.

John sentiu uma agradável onda de calor no estômago quando um suave rubor tingiu as faces da ninfa. Se tivesse lido *To Say Nothing of the Dog*, de Connie Willis, ter-se-ia dado conta de que já olhava há algum tempo para Agnes exatamente da mesma maneira que Ned Henry contemplou Verity pela primeira vez. Talvez Lockwood não tivesse conhecimento de que se sentia sob o efeito das vertigens transtemporais, mas, se Henry o tivesse descrito, ele teria compreendido nesse instante algumas verdades sobre o que lhe estava a suceder.

— Isto — sussurrou Agnes, abarcando com um gesto amplo as vistas de Londres sob a tempestade de neve, o salão inteiro e o belíssimo conjunto de porcelana e doces que haviam sido disposto para eles os dois — é magia.

Quando Agnes chegou à Moonlight Books nessa tarde, convicta de que tinha vivido um dos momentos mais felizes da sua existência, encontrou o senhor Livingstone de péssimo humor, a discutir com Charlie Caldecott.

— Não é nenhum castigo divino, hum, hum — defendia o velho alfaiate, sentado num dos cadeirões do canto dos românticos.

— Foi precisamente isso que disseram os londrinos aquando do incêndio de 1666. Como se as atrocidades de Cromwell e a decapitação de Carlos I não tivessem nada que ver com a sua desgraça.

— É que não tiveram mesmo nada que ver.

— A coluna do Monument é horrorosa — insistiu o livreiro mal-humorado.

— A minha professora de Ciências explicou-me que Hooke instalou um telescópio dentro do Monument — meteu Oliver o bedelho na conversa a partir do piso de cima. — Nunca pude ir vê-lo.

— O que se passa? Porque está de tão mau humor? — interveio Agnes.

O senhor Caldecott saudou a recém-chegada com um aceno de cabeça e esclareceu:

— Nós, os ingleses, não temos humor, hum, hum. Nem bom, nem mau. Só pragmatismo e botijas de água quente.

— A menina chega tarde — resmoneou Livingstone.

— Agnes, vem ler-me *Peter Pan* — chamou-a Oliver das alturas.

Resistindo à tentação de subir e retomar a leitura, informou Twist de que o faria mais tarde e repetiu a pergunta ao senhor Livingstone.

— Voltaram a nomear-me para o Prémio Scrooge — respondeu entre dentes, escudando-se atrás do seu cachimbo. — Pelo terceiro ano consecutivo.

— O Prémio Scrooge — clarificou Caldecott — é concedido ao livreiro mais resmungão do ano. Uma espécie de galardão, hum, hum, que reconhece o grau de excentricidade dos livreiros londrinos.

— O senhor Livingstone já ganhou alguma vez?

— Nunca — respondeu o idoso alfaiate com um sorriso.

Uma corrente de ar frio, proveniente do exterior, esgueirou-se para dentro da livraria quando Sioban entrou apressada e triunfante.

— Perdi a cabeça! — anunciou, eufórica. — Acabo de comprar os direitos para publicar as cartas de J. R. R. Tolkien.

— Perdeste a cabeça, mulher? — repetiu o senhor Livingstone, ainda no seu papel de Ebenezer Scrooge.

— Completamente. Presta mais atenção, Edward Livingstone. Acabo de dizer isso mesmo. Estava em Southbank, na feira do livro natalícia, às portas de um simpósio sobre *trolls* (os seres inferiores que arruinam romances, não os seres fantásticos), e de repente dei por mim no meio de uma discussão entre alguém da Houghton Mifflin Harcourt e não sei quem do Tolkien Estate.

— O senhor Mifflin? — inquiriu Caldecott, esperançado. — O do livro *Parnassus on Wheels*?

— Houghton Mifflin é o grupo editorial que edita atualmente as obras de Tolkien.

— Desculpa o nosso Charlie, tem tanto em comum com o Christopher Morley...

— Pois vinha mesmo a calhar um par de fantasmas para a tua livraria, hum, hum.

— E que se passou? — perguntou Agnes, algo incomodada com tanta interrupção literária.

— Ainda não sei, foi tudo tão confuso... A discussão subiu de tom, apareceram o Christopher Tolkien e a sua mulher, e a Cathleen Blackburn, da Manches & Co. E pensei que, se não fosse corajosa naquele momento, então nunca mais seria.

— Minha valquíria — exultou com um suspiro o senhor Livingstone, olhando-a com enlevo fingido.

— Oh, cala-te, seu livreiro malvado.

— Não lhe liguês — interveio Caldecott —, voltaram a nomeá-lo para o Prémio Scrooge.

— Parabéns, querido.

— Grrrrrr — rezingou Edward, levando o cachimbo à boca para dissimular o quanto lhe dissipava o mau humor a felicitação e o beijo na bochecha de Sioban.

— E o que lhes disseste?

Agnes não podia acreditar que ela fosse a única naquela livraria que estava impaciente por saber o que tinha acontecido com as cartas de Tolkien. O seu chá no Jubilee com John

Lockwood começava a parecer muito pequeno quando comparado com a manhã que tivera Sioban.

— Olhei-os nos olhos e disse-lhes, com todo o sangue-frio de que fui capaz, que uma das razões pelas quais tinha fundado uma editora chamada Simbelmynë fora pelo sonho de publicar J. R. R. Tolkien. A esposa do Christopher perguntou-me porquê. E eu respondi: porque não entendo a conceção mitológica da literatura britânica sem Tolkien, porque os meus anos no Balliol College não teriam possuído nem metade do encanto sem conhecer a história de Oxford durante a Segunda Guerra Mundial, a história dos Inklings; porque também eu gostaria de almoçar às terças no The Eagle and Child e ler em voz alta diatribes imaginárias contra F. R. Leavis, ou inventar uma ópera sobre Hamlet em islandês antigo.

— Ah, Oxford durante a Segunda Guerra Mundial... um período arquitetónico desafortunado, sem dúvida, mas com algum encanto livresco — divagou o senhor Livingstone. — Nada que ver com a época vitoriana e a sua sucessão de receções em trajese de festa, um pesadelo para os editores. E não é como se eu defendesse a arte vitoriana, a não ser que tenha aquele toque de goticismo tão próprio de John Betjeman...

— Então, a Cathleen e o Christopher disseram-me que iam pôr à venda os direitos das cartas do seu pai, a seleção de Humphrey Carpenter. — Sioban fez uma pausa dramática, bem calculada, que os deixou a todos em suspenso (incluindo o senhor Livingstone e suas divagações arquitetónicas), até acrescentar: — Investi todo o capital que não temos na Simbelmynë, mas comprei aqueles malditos direitos de edição. Por sete anos. Estou a pensar publicar as cartas dentro de três meses, com um prefácio de alguém maravilhoso, e muito élfico, que ainda não decidi.

— Parabéns, querida Sioban — aplaudiu-a Caldecott. — Hum, hum, isto merece um bom trago daquele uísque escocês que o forreta do teu noivo mantém sempre escondido de qualquer visita.

— Não penso dizer-vos onde está.

— Agnes, meu anjo, no primeiro andar, na secção de mistério, por trás da coleção de Dorothy L. Sayers. Eu trago os copos, e o Caldecott, o gelo.

— Isto é insultante. Na época vitoriana e em Oxford de Tolkien.

— Beija-me, Edward. Estou falida, mas amo-te.

O senhor Livingstone obedeceu a contragosto, até os seus lábios encontrarem os da sua bela valquíria e ele esquecer qualquer renitência.

— Fazes com que me seja impossível ganhar o maldito Prémio Scrooge — resmungou contra a sua boca.

Faltava uma semana para o Natal. Agnes percorria Covent Garden, escolhendo presentes para os seus amigos; Oliver negociava incansavelmente com a mãe a permissão para passar uma noite sem lua na livraria; Sioban e o seu sócio voltavam a escrutinar a escassa liquidez da Simbelmynë com a esperança de se terem esquecido de algum depósito pendente; e John Lockwood entrava na Moonlight Books com uma discrição tão refinada que teria ganhado a admiração de Edward se este se tivesse apercebido do dito acontecimento.

— Senhor Livingstone — saudou ele o dono da livraria ao localizá-lo ao pé da mesa dos livros ilustrados.

— Inspetor — respondeu o livreiro com um exemplar de *A Viagem do Beagle: Viagem de um naturalista à volta do mundo*, de Charles Darwin, nas mãos. — Já encontrou o meu diário?

O polícia achou que ele lhe lançava a pergunta sem grande interesse, como uma fórmula de cortesia para com um louco obcecado com o seu peculiar passatempo de seguir as pistas de documentos desaparecidos.

— Ainda não. Venho agora da entrevista com os Rosembergs.

— Acha que se dedicam ao contrabando de manuscritos antigos?

— Acho que estavam... que são um pouco estranhos. Têm a casa cheia de suportes com vasos de plantas medonhas.

— São botânicos.

— Mas aquelas plantas...

Lockwood interrompeu-se quando um homem, impecavelmente vestido com fato e gravata, casaco escuro e uma enorme pasta negra, se postou em frente de ambos.

— Desculpe — dirigiu-se ele, muito educado, ao senhor Livingstone —, preciso de ler *Alice*, de Lewis Carroll.

— *No País das Maravilhas* ou *Do Outro Lado do Espelho*?

— Na minha casa, por favor.

— Raios me partam! Vou buscar-lhe um exemplar com ambas as edições imediatamente. Se alguém nesta cidade merece ler Carroll é o senhor.

Apoiado contra o balcão, John esperou pacientemente que o senhor Livingstone embrulhasse e cobrasse o exemplar ao homem engravatado.

— Ali vai um espécime humano com o qual gostaria de beber uma cerveja — confessou o livreiro à medida que a porta da loja se fechava nas costas do seu cliente.

— Senhor Livingstone — chamou-o à atenção o polícia —, os Rosembergs.

— Ah, sim, os Rosembergs e as suas veleidades botânicas.

— Não acredito que tenham levado o diário, a não ser que tenha sido por engano. Demoraram cinco minutos para se lembrarem de que tinham estado na Moonlight Books e quase dez para me dizerem porque cá tinham vindo.

— Sim, assim são os meus queridos Hansel e Gretel.

— Não são esses os nomes deles.

— Mas nunca sou capaz de me lembrar dos verdadeiros e, sejam eles quais forem, Hansel e Gretel parecem-me muito mais apropriados.

— Surpreende-me que sejam capazes de regressar a casa de cada vez que saem. Não os imagino perdidos num bosque. Nem sequer conseguiriam dar com a casa da bruxa.

— Já tinha pensado nisso — assentiu Livingstone, meditabundo. — Se os Rosebergs levaram o meu diário, é pouco provável que se lembrem de onde o terão escondido.

— O que me parece improvável é saberem sequer da existência do diário. A não ser que o senhor o tivesse plantado num vaso, jamais lhes chamaria a atenção.

Edward estava prestes a explicitar que *Observações Cartográficas, Zoológicas, Botânicas e Geológicas do Sul de África* poderia ter realmente chamado a atenção de Hansel e Gretel, devido às suas magníficas descrições de plantas raras, quando a senhora Dresden entrou na livraria, muito apressada. Tornava a vir de pantufas e parecia ter vestido tudo o que tinha no armário para neutralizar a manhã fria de dezembro. Os seus caracóis violeta, alvoroçados, brincavam alegres sobre a cabeça. Ignorou John como se este fosse invisível e dirigiu-se com rapidez ao senhor Livingstone.

— Quero escrever uma carta ao professor Gervase Fen — disse, sem preâmbulos. — Teria a amabilidade de me disponibilizar a sua morada? Vive em Oxford.

O livreiro não exteriorizou qualquer sinal de estranheza pela interrupção da sua cliente habitual, nem sequer pela demanda ou ausência de um protocolar cumprimento. John admirou em silêncio a robusta fleuma do senhor Livingstone, perguntando de si para consigo se tal se deveria aos anos de convívio com tão peculiares leitores ou à sua natureza impertérrita.

— Senhora Dresden, o Fen é ficção — advertiu o livreiro.

— Não. É de Oxford, tenho a certeza.

— Quero dizer que é uma personagem inventada. Um produto da imaginação de Edmund Crispin.

— E a si parece-lhe normal que alguém com um apelido tão ridículo como esse seja real e, pelo contrário, o professor Gervase, não?

— Edmund Crispin era o pseudónimo de Robert Bruce Montgomery.

A senhora Dresden mirou-o com desconfiança.

— Porque queria enviar-lhe uma carta? Tem algum caso para ele?

— Um mistério, um enigma, um desafio — formulou com um certo brilho malandro nos seus olhinhos escuros.

— Ah, então posso fazer algo melhor por si, querida senhora. Este é o John Lockwood, inspetor da Scotland Yard.

A senhora Dresden pareceu gostar do que via, pois assentiu apreciativamente depois de levar o seu tempo a examinar o corpulento polícia.

— E também é ficção?

— Não, é de Londres.

— Por favor, senhor Livingstone — suplicou-lhe John, pensando no quanto se sentia indefeso, apesar de estar armado.

O livreiro piscou-lhe um olho e desapareceu por alguns instantes escada acima. Voltou a

descer com um volumoso livro de capa branca, letras negras e coloridos desenhos de animais.

— *The Corfu Trilogy*, de Gerald Durrell — leu a senhora Dresden ao pegar nele.

— Vai ajudá-la a relaxar e a esquecer-se da sempre chuvosa Oxford. Creio que tanta aventura a bordo do *Lily Christine* lhe excitou a imaginação em demasia.

Quando a senhora Dresden se foi embora com a sua nova leitura, Edward atreveu-se a avaliar o grau de desespero do polícia, observando-o por cima dos óculos sem armação. Não estava nada mal.

— Não me parece que esteja a levar a sério a investigação para recuperar o seu diário — sentenciou John.

— Se acha que aquele manuscrito não é importante para mim, engana-se redondamente.

Lockwood devolveu-lhe o olhar com serenidade e decidiu resumir as suas pesquisas antes que a maldita porta do camarote dos irmãos Marx se voltasse a abrir e aparecesse outro maluco dos livros a pedir um exemplar de *Lorem ipsum*.

— Hoje descartei os Rosembergs e ontem tive acesso às imagens da câmara de vigilância que está no fim da rua. Confirmei a entrada e a saída do tipo dos DVD, foi rápido e não levava nenhum diário quando se foi embora, pelo menos pelo que dava para perceber a olho nu. Não acho que tenha estado tempo suficiente na loja para abrir a vitrina e tirar o diário sem que a Agnes o visse.

— Ficámos sem suspeitos, portanto — resignou-se o senhor Livingstone.

— E a Agnes Martí?

— O que tem ela?

— Estivemos a falar. Convidei-a para tomar um chá.

— Espero que tenha estado à altura.

— No Jubilee.

— Referia-me a si, John Lockwood, não ao chá.

O polícia encarou-o, intrigado. Hesitou apenas alguns instantes antes de lhe perguntar:

— Porque é que não vai à bola comigo, senhor Livingstone?

— Pelo contrário. Gosto de si. Muito. Por isso é que sou mais... exigente — o livreiro pareceu orgulhoso por ter dado com a palavra precisa — do que se me parecesse insuportável.

John esperou que ele continuasse a explicar a sua rocambolesca teoria empática.

— Se não fosse à bola consigo, como disse, ou se duvidasse da bondade das suas intenções, estaria muito mais relaxado na sua presença. Nada negativo ou traiçoeiro nos pode apanhar de surpresa de uma pessoa que já catalogámos como o vilão da história.

» Por outro lado, acredito que é o herói deste romance e, como tal, espero grandes coisas de si. Mas, ao mesmo tempo, temo que me dececione, daí que, como bom pisteiro que é, detete uma certa desconfiança da minha parte.

— Mas em que é que teme que o dececione?

— Sabe perfeitamente do que estou a falar, John. Até um pobre livreiro míope e com o cérebro em Nárnia consegue perceber como olha para a minha nova ajudante.

Se a afirmação do senhor Livingstone surpreendeu o inspetor Lockwood, este soube

dissimulá-lo bem. Manteve o olhar fixo nos olhos azuis do seu interlocutor e permitiu-se esboçar um meio-sorriso.

— E como é que olho para ela?

— Como John Keats olha para Fanny Brawne. «Esqueço-me de tudo salvo voltar a verte.»

— Se pensa que sou um bom homem, não devia temer pela sua ajudante.

— Mas não existe semelhante coisa, inspetor Lockwood. — Edward sorriu. — Não há homens bons. Apenas intenções perfeitas.

*

John saiu da livraria do senhor Livingstone como de um sono profundo: confuso e desorientado. Caminhou pelas ruelas limpas do bairro e atravessou os Inner Temple Gardens em direção a Embankment. Decidiu ir andando até ao coração da City, onde tinha combinado ir comer com Sarah, e desanuviar um pouco. Não havia retirado nada de concreto da sua visita à livraria nem tão-pouco progredira na investigação sobre o diário. Caminhou junto ao rio, em direção à London Tower, e cruzou o Tamisa pela Blackfriars Bridge.

Quando chegou aos escritórios do grupo publicitário Ogilvy & Mather, contemplou a Coca-Cola London Eye com algum pesar; aquela roda-gigante parecia-lhe um símbolo inoportuno do seu fracasso no caso do diário desaparecido. Sarah saiu do edifício da Ogilvy pontualmente, deu-lhe um beijo rápido e levou-o até ao seu restaurante preferido, a cafeteria do Imperial War Museum.

— Não percebo porque é que gostas de comer aqui — queixou-se John, contemplando o horrendo edifício de Southwark que anteriormente fora a sede do Bethlem Hospital.

Por mais que tentasse habituar-se ao contraste entre o seu frontispício e as colunas romanas, a sua elevada cúpula de malaquite e o corpo quadrado de tijolos de um castanho trágico, não conseguia.

— É por causa da salada de caranguejo.

Falaram de trivialidades até se sentirem incomodamente instalados nas respetivas cadeiras de plástico branco, em frente das suas saladas de caranguejo, com uma diminuta mesa de acrílico entre eles. John pensou, antes de dar a primeira garfada, que os pretendidos pedaços de caranguejo da sua salada teriam o mesmo sabor que os sucedâneos de mobiliário da cafeteria se estes fizessem parte do cardápio.

— Já é oficial — interrompeu Sarah as suas elucubrações gastronómicas —, vou para Hong Kong em meados de janeiro.

— Nem sei se te hei de felicitar.

— Claro que sim, John, é uma promoção. Estou entusiasmada.

Há três meses que Sarah e ele tinham deixado de sair juntos. Por um lado, devido a essa mudança para Hong Kong, por outro, porque o entusiasmo da sua ex-noiva ainda lhe parecia um pouco ofensivo, por mais que se alegrasse com a sua promoção. Sabia que estava a ser injusto ao atribuir uma parte das culpas ao sucesso laboral de Sarah; a relação deles

encontrava-se há mais de um ano em águas paradas quando ela — que sempre fora mais corajosa do que Lockwood no que toca a reconhecer o desastre emocional que os envolvia — decidira dar um nome ao que lhes estava a suceder.

— John, não queremos estar juntos — dissera-lhe numa luminosa manhã de domingo em que tinham combinado tomar o pequeno-almoço e ler as notícias dominicais num dos terraços de Covent Garden —, e nenhum dos dois quer ser o primeiro a dizê-lo.

— Então, disfarçemos — retrucara ele com um sorriso.

— Não queres casar-te comigo, já nem sequer estás apaixonado por mim.

— Porque dizes isso?

— Porque eu sinto exatamente o mesmo.

Quando se despediram naquele dia, com um demorado abraço que tinha muito de definitivo, ela conseguira arrancar-lhe a promessa de continuarem com a sua relação mais alguns meses, para darem uma segunda oportunidade; Sarah adorava a ideia deles os dois enquanto casal, e a perfeição de tornar realidade essa ideia, mas, na prática, sabia que ambos acabariam por seguir caminhos separados. Era possível que houvesse harmonia quando estavam juntos, que fossem bons amigos, que se entendessem bem e tivessem muito em comum, mas faltava-lhes a pedra angular que mantinha de pé a beleza de qualquer arquitetura amorosa: não estavam apaixonados, nunca haviam estado. Nem no melhor dos seus dias, por mais que dissimulassem, tinham passado além de sentir carinho um pelo outro. Sair juntos, considerar a ideia de se casarem, fazerem companhia um ao outro à mesa das suas respetivas famílias fora reconfortante, mas, no fundo, sabiam que nenhum dos dois levava realmente tudo isso demasiado a sério. Como tal, quando umas semanas depois daquela manhã de domingo em Covent Garden surgiu a oportunidade de ocupar um posto na direção dos escritórios da Ogilvy & Mather, em Hong Kong, Sarah soube que chegara o momento de se despedir definitivamente do projeto idealizado que era a sua relação com John.

Com a salada de caranguejo à frente, o polícia não tinha grande apetite. A sua mente havia saltado do rescaldo do fugaz namoro para a ilusão de começar de novo, talvez com o melhor sorte. Como não costumava praticar a reflexão e a dúvida em matéria sentimental, estava disposto a lançar-se na expedição recôndita e tentadora implicada na descoberta da fada descalça do senhor Livingstone.

— Conheci uma pessoa — escapou-se-lhe.

Não planeara confessar nada a Sarah, mas as palavras tinham-lhe saído da boca sem se deterem no seu, até à data, bem controlado filtro cerebral.

— Não penses que não me deixa com ciúmes ouvir uma coisa dessas — brincou ela.

— Não estou a sair com ninguém, se é a isso que te referes.

— Não tens de me dar justificações, John. Parece-me bem, e fico feliz por estares a seguir em frente com a tua vida, mas...

John esperou que ela prosseguisse.

— Importavas-te de esperar até depois das férias de Natal para dar a notícia às nossas famílias?

— Não queres que saibam que já não estamos juntos há meses?

— E que não nos vamos casar. A minha mãe vai passar-se dos carros; ela, sim, está

apaixonada por ti.

— Muito engraçadinha.

— Não disse nada lá em casa sobre Hong Kong, nem sequer sobre a nossa separação. Apetece-me ter um Natal tranquilo, posso não estar por cá no próximo para celebrar.

John matutou um momento sobre o pedido de Sarah. Não lhe parecia descabido. Os seus pais intuía — seguramente porque Sarah já não aparecia há meses em sua casa nem era mencionada nas poucas conversas com o filho — que a relação entre os dois estava na mó de baixo. Mas o doutor Lockwood preferia cortar a própria mão a perguntar ao seu primogénito acerca dos respetivos assuntos amorosos, e Anne era demasiado apreensiva para imaginar o único filho de coração partido, pelo que também evitava o tema.

— Vem jantar no dia vinte e quatro — propôs o polícia. — Vamos estar só nós os quatro e assim evitas que eu e o meu pai falemos sobre outra coisa que não seja a comida ou a previsão de chuva para a semana.

— Obrigada. A ti calha-te o Ano Novo. E prometo que no dia dois de janeiro, o mais tardar, vou ter uma reunião de emergência com a minha família para os pôr a par da minha saída do país e da tristeza que é ter de o fazer sem ti.

— Pensava que tinhas dito que estavas entusiasmada.

— Queria dar um pouco de romantismo à coisa.

— Isso é impossível de fazer na cafetaria de um antigo hospital militar com garfos de plástico na mão.

Sarah sorriu, satisfeita, como acontecia sempre que conseguia o que queria, e apontou para ele com o mencionado garfo de plástico.

— Conta-me quem é essa rapariga em que estás a pensar.

— Não me apetece falar disso com a minha ex-noiva. — Ele devolveu-lhe o sorriso mesmo antes de encetar um pequeno discurso improvisado sobre guarda-chuvas azuis sob a neve do Hyde Park e os curiosos habitantes de uma certa livraria em Temple.

Era uma noite sem lua. O céu londrino, exceccionalmente sem nuvens, luzia sumptuoso e estrelado. O senhor Livingstone gostaria de se entreter a recordar outros serões semelhantes, quando ele e Sioban celebravam um piquenique à meia-noite, sob a grande claraboia piramidal da Moonlight Books. Brindavam com *Moët & Chandon*, liam um ao outro passagens dos seus livros favoritos, filosofavam sobre a vida estelar do Universo e lamentavam o cansaço que os impedia de voltar àquela vida notívaga dos vinte anos. Às vezes, se o alinhamento dos astros era peculiar e a editora parecia embevecida com alguma passagem especialmente terrível de *Macbeth*, o senhor Livingstone voltava a pedi-la em casamento.

— «Derramou-se o vinho da vida e somente resta a lia da qual se possa vangloriar nesta adega.» Desce comigo à adega, querida, para pedirmos uma rodada em honra da nossa boda. Pois não há melhor brinde em qualquer vida do que aquele que celebre a sorte de me converter em teu esposo.

— Não me lembro dessa passagem.

— Casa-te comigo, bela editora.

Então, Sioban inventava desculpas sobre a liberdade, a independência, o amor incondicional e o receio de se transmutar numa *lady* Macbeth de meia-tigela; mas, principalmente, contava a Edward o quão desgraçadas pareciam as suas irmãs e amigas casadas.

— Os seus cérebros transformaram-se no das suas avós, queixam-se constantemente de *boxers* espalhados pela casa de banho e perderam quase todo o sentido de humor. Lembrava-me delas muito mais divertidas quando eram solteiras. Agora é o cabo dos trabalhos fazê-las sorrir se estiverem sóbrias.

— E se lhes sugerires usarem acónito para envenenar o chá dos seus respetivos maridos?

— Porquê?

— Porque, a não ser que tenham o azar de lhes calhar um médico-legista muito astuto, é um veneno difícil de detetar.

— Não, estava a perguntar porque é que hei de lhes sugerir tal coisa.

— Para lhes devolveres um bocadinho de humor... negro. Como aquele romance tão delicioso de Jean Teulé, *A Loja dos Suicídios*.

— Não me estás a ouvir, Edward. Já te disse que perderam todo o sentido de humor. Branco, negro ou verde.

— Garanto-te que isso não vai acontecer connosco, meu amor. Vamos continuar a ser literariamente felizes, a subir para aqui nas noites sem lua, a tomar chá sem acónito (a menos que soframos uma epidemia de lobisomens) e concedendo aos franceses uma única exceção na sua desdenhosa cultura.

— *Os Miseráveis*?

— O champanhe.

Porém, nessa noite, a lei interrompeu-se entre as suas recordações sob a cúpula estrelada e a sua desencadeada nostalgia de livreiro e Livros do século XIX: a senhora Twist estava a moer-lhe o juízo. Edward sabia que, no primeiro andar, Oliver seguia — agarrado ao seu telescópio — a conversa da mãe no piso de baixo.

— Você não vai cá ficar — afirmava mais do que perguntava a temível advogada loura.

— Já quase nem aqui estou — murmurou, paciente, Edward, subitamente interessado nas adolescentes com ar de estudantes de férias que cochichavam ao pé dos livros de Virginia Woolf.

— Mas o Oliver disse-me que não ia ficar sozinho.

— Ali costumam acompanhá-lo outros apaixonados das estrelas, como Herschel ou Lord Rosse. Sabia que foram os pioneiros na construção de telescópios?

— Não sabia que tinha tantos amigos.

O livreiro encarou, carrancudo, a sua interlocutora, mas preferiu não a corrigir. A senhora Twist não só contribuíra para privar o filho de desfrutar de Dickens no futuro — um atentado literário e patriótico —, como também ignorava a sua inexistente vida social infantil. O senhor Livingstone esteve tentado a perguntar-lhe para quantas festas de aniversário o tinham convidado durante este período escolar, mas, como a crueldade não era um dos seus defeitos, preferiu guardar silêncio a respeito disso.

— Não vai deixar um grupo de miúdos sozinhos durante toda a noite numa livraria.

— Preferia que os deixasse num hospício?

— Não seja sarcástico comigo.

Edward respirou fundo e procurou no lugar mais escondido dentro de si os últimos grammas de paciência que lhe sobravam.

— Como o Oliver lhe terá contado — disse ele —, vão estar com ele, durante toda a noite, duas representantes dignas da raça adulta. Mas se desejar juntar-se a elas...

— Não será necessário — apressou-se a interromper a senhora Twist. — A Clara passará por cá pela manhã, antes das dez.

Transformara-se num hábito que se fosse embora sem se despedir.

— Vamos levar este — anunciaram as jovens leitoras, depois de depositarem sobre o balcão *Um Quarto com Vista*, de E. M. Forster.

O senhor Livingstone olhou-as muito sério por cima dos seus óculos.

— Não encontraram o outro quarto? — disse, apontando para a estante que continha as obras de Virginia Woolf. — *Um Quarto com Vista* em vez de *Um Quarto Só Seu*?

As raparigas entreolharam-se e a que não corou até à raiz dos cabelos claros olhou para o senhor Livingstone, apontando acusadoramente para a sua companheira tímida.

— Ela quer ser escritora e estou a tentar tirar-lhe essa ideia da cabeça. Na sinopse do livro de Forster, diz que a protagonista encontra a coragem necessária para mudar de vida.

— Para ser escritora também é preciso ter muita coragem — defendeu-se a amiga com uma vozinha pouco audível.

O senhor Livingstone deu uma vista de olhos ao recanto da lamparina azul para se certificar de que o escritor residente já tinha dado por concluída a jornada.

— É preciso coragem e um quarto só seu — apontou. — Ainda que algumas livrarias ganhem em mistério se adicionarem umas quantas mesas de antinovidades, cadeirões

acolhedores, sinal de *wi-fi* e o seu próprio escritor errante.

— Os escritores são pobres. Eu vou ser dentista.

— Uma escolha peculiar — observou Edward, muito sério. — Embora seja uma profissão que deixa as pessoas de boca aberta.

— O que também acontece com um grande livro — defendeu a amiga tímida.

— Como *Os Miseráveis* — assinalou o senhor Livingstone com a nostalgia ainda a rondar-lhe a cabeça.

— Ah! *Os Miseráveis*. De certeza que é sobre escritores.

— Não ligue à minha amiga — disse a rapariga tímida.

— Se não o adaptarem para o cinema, de certeza não ganhas nem duzentas libras — ripostou a aludida.

Quicá por o senhor Livingstone ter detestado a visita do fantasma do Natal passado, ou talvez porque as noites sem lua o tornavam generoso, graças às boas recordações, foi à procura do livro de Virginia Woolf e pousou-o no balcão.

— Uma oferta do Pai Natal — afirmou ele —, dois livros ao preço de um.

— Oh, muito obrigada! — As raparigas sorriram em unísono.

— Com uma condição — advertiu ele —, têm de trocá-los entre vocês e ler os dois.

— Combinado.

— «A descoberta afortunada de um bom livro pode mudar o destino de uma alma» — citou o livreiro Marcel Prévost quase para o colarinho da sua camisa. — E, por todos os deuses — acrescentou em voz alta ao despedir-se das suas jovens clientes —, que os vossos pais não fiquem a saber que querem ser escritoras! Mas que desonra para as vossas famílias.

Entrou por um momento na divisão das traseiras e, quando regressou à livraria, deu de caras com Oliver a meio da escada. Apanhado de surpresa, o menino apressou-se a esconder atrás das costas o que quer que levava nas pequenas mãos. As suas tentativas de arvorar uma expressão inocente quase fizeram o senhor Livingstone engasgar-se com o riso.

— Oliver? — interpelou-o o livreiro.

— Estava à procura da Agnes para lhe mostrar uma coisa.

— Ela saiu para ir jantar, mas daqui a nada volta. O que querias mostrar-lhe?

— Nada — assegurou o rapaz, subindo o último degrau da escada a toda a brida.

O senhor Livingstone achou que ainda era capaz de entender algumas coisas sobre a vaidade do mundo e a natureza humana.

Quando Agnes chegou ao Darkness & Shadow, Jasmine já estava a rever a ementa na mesa do costume, junto à lareira. O senhor Livingstone sugerira-lhe que sáísse antes da hora de encerramento para ter tempo de ir buscar os seus pertences e comer alguma coisa.

— Volto para dormir — confirmara ela.

— Não sabia que era assim tão otimista.

— Pensava que era para isso, para dormir sob as estrelas.

— Se conseguir que o Oliver pare de falar sobre elas.

— Só tem oito anos, há de ficar cansado nalgum momento.

— O Twist está apaixonado pelo Universo. Para os que amam, o tempo é uma

eternidade, já o dizia Shakespeare.

Deteve-se um bocado ao pé do balcão para se desenhencilhar do casaco, do gorro, das luvas e do cachecol de Gryffindor oferecido por Oliver — porque a sua impaciência o impedira de esperar até ao dia 25 — e ficou petrificada quando voltou a dirigir os olhos para a sua amiga: R. Cadwallader erguia-se em toda a sua ruiva magnificência junto à mesa de Jasmine, e pareciam estar a falar muito à vontade. Se não soubesse que tal era pouco provável, teria jurado ver sorrir o enorme cozinheiro galês na penumbra das chamas dançantes da lareira.

— Que se está a passar ali? — perguntou Agnes a Solomon Drake, que acabava de aparecer do outro lado do balcão com uma garrafa de rum numa mão e dois copos na outra.

— Eu não penso ir lá perguntar — assegurou-lhe o proprietário do Darkness & Shadow.

Agnes fixou o olhar na tatuagem que assomava na nuca de Cadwallader e teve uma visão do cozinheiro na batalha de Catraeth, brandindo a maior espada do local, a que estava pendurada na parede norte, sobre o retrato das esposas e dos filhos pequenos dos mineiros a apanhar sol à porta das suas casas. O riso cantante de Jasmine arrancou-a da sua fantasia histórica.

— Têm andado assim a semana toda — disse-lhe Michael, juntando-se ao pai por trás do balcão.

— A Jasmine tem vindo todos os dias?

— Sim, todinhos. Cada um dos dias da semana.

— Não sabia que aquele homem era capaz de sorrir.

— Ou de participar numa conversa que incluísse mais alguma coisa além de monossílabos.

Agnes esperou que o enorme galês regressasse aos seus domínios na cozinha e apressou-se a sentar-se com Jasmine.

— Eu vi-vos — avisou-a. — Pareciam dois pombinhos.

Não se lhe escapou o brilho nos olhos da amiga quando afundou um sorriso traíçoeiro na sua caneca de cerveja preta.

— Tu e o R. Cadwallader? — escandalizou-se Agnes.

Jasmine soltou um risinho vitoriano, que soou como «hihihihihihi», num fabuloso contraste com a sua pouco delicada constituição e o seu carácter nada recatado.

— Mas nem há uma semana se conhecem!

— Como se o amor tivesse alguma coisa que ver com o tempo.

— Amor! Disseste «amor».

— Não sei como é na tua terra, arqueóloga, mas na de Shakespeare estar apaixonado é uma coisa que só admite termos absolutos: ou se está ou não se está. Não se pode estar um bocadinho grávida, da mesma maneira que não se pode estar um bocadinho apaixonada.

Agnes contemplou-a com genuína admiração.

— E o R. é de quê?

— Não me atrevi a perguntar-lhe.

Jasmine tivera uns quantos namorados e duas relações duradouras, mas nenhum deixara rasto da sua passagem pela casa de Kensington, como se não tivessem sido capazes de ultrapassar esse limiar de intimidade com a sua proprietária. Quando Agnes a questionara

— Acerca disso, a empregada de mesa limitara-se a encolher os ombros com alguma filosofia.

— A convivência deve chegar com naturalidade — afirmara ela —, sem esforço de nenhuma das partes. Talvez seja por isso que estou a pensar em arranjar um gato.

Michael aproximou-se da mesa, tomou nota dos pedidos e marchou depressa e veloz de volta ao seu balcão.

— O que vais fazer no dia de Natal? — perguntou Jasmine.

— Ler.

— É um plano muito bom. A minha avó quer que venhas a Surrey ler durante alguns dias.

— E tu?

— A mim parece-me um plano inadmissível, como podes imaginar. — Ela sorriu. — A minha avó e a tia Prudence vivem juntas numa casita em plena campina, entregues às suas três paixões: o *bridge*, a busca por desculpas peregrinas para despedir o jardineiro que cuida da sua pequena *cottage* e os chapéus estrambóticos. Até à data, já colecionaram vinte e dois.

— Chapéus?

— Jardineiros.

— Não sei — hesitou Agnes —, não quero ser uma intrusa.

— Isso só acontece com a família de sangue, nunca com a família adotiva. Não quero que fiques sozinha, quero muito que venhas, e a minha avó está mortinha por te conhecer. Além disso, assim vais facilitar-me as coisas com o Cadwallader.

— Ele também vai a Surrey?

A sua amiga assentiu com a cabeça. Explicou-lhe que o cozinheiro iria passar o Ano Novo com a família em Gales, mas que não tinha feito planos para o Natal, pois ia trabalhar quase todos os dias dessa semana. Tinham estado a falar sobre as tradições daquelas datas e a saudade por estar longe da gente de quem se gosta durante as festividades. Jasmine não tinha conseguido resistir à tentação de o convidar a provar a comida natalícia da sua avó e da sua tia, e Cadwallader aceitara.

— Tinha pensado que podiam vir juntos no comboio do meio-dia e meia.

— Por sorte, vou carregada de livros, assim não se verá obrigado a conversar comigo — brincou Agnes.

— Não exageres. É um bocadinho tímido, mas quando está à vontade é um prazer falar com ele. E, além disso, tem uma voz muito bonita. — Ela fez uma pequena pausa, lançou um olhar carinhoso à sua interlocutora e ergueu a cerveja para propor um brinde. — Aos começos.

— Aos vinte e dois jardineiros — respondeu Agnes.

As duas jovens mulheres chegaram à Moonlight Books um pouco depois da hora de encerramento carregadas com os seus sacos-cama, almofadas, pijamas e um pequeno *kit* de sobrevivência que consistia em bolachas, bolo de manteiga e um enorme termos com chocolate quente. O senhor Livingstone, que as esperava de chaves na mão, esteve prestes a ceder à tentação de ficar a fazer-lhes companhia quando o informaram acerca do festim. Mesmo que nunca o confessasse, nem sob a ameaça de ser torturado com a leitura em voz

alta de todas as obras de Henry James, aquecia-lhe o coração ver a sua livraria cheia de sacos-cama e alegres exploradores. A sua ajudante apresentou-lhe Jasmine, que conquistou o coração do senhor Livingstone assim que expressou admiração pelo relógio de bolso dele.

Edward instruiu Agnes em relação ao correto funcionamento das fechaduras, do alarme e do mecanismo da persiana — três coisas que deviam ser asseguradas assim que ele transpusesse a porta — e desejou a todos uma boa e estrelada noite.

— Ah, e mantenha o Oliver afastado das obras de Aristóteles — advertiu ele no último momento.

— Acha que é demasiado pequeno para as entender?

— Acho que a estante precisa de uns reparos. As prateleiras podiam cair, e não quero que isso aconteça em cima da sua cabeça loura.

Agnes revirou os olhos e acompanhou o senhor Livingstone até à porta.

— Se precisar de alguma coisa... — insistiu o livreiro.

— Não se preocupe, tenho o seu número de telefone.

— Ia sugerir-lhe contactar a Scotland Yard.

— Ah, ah. Muito engraçado, senhor Livingstone.

— Disseram-me que enviam agentes muito atenciosos. Chegam até a incluir um serviço de chá no Jubilee.

— Pensei que não gostasse dos agentes da Scotland Yard.

— Parecem bem melhores sem o colete à prova de balas.

Edward piscou um olho à sua assistente, despediu-se de Jasmine agitando uma mão sobre a cabeça e, por fim, saiu da livraria.

— Boa noite, boa noite. «A despedida é uma dor tão doce que poderia desejar boa noite até ao amanhecer»⁶ — ouviram-no recitar, já na rua.

— O que foi aquilo sobre o serviço de chá e os agentes da Scotland Yard? — perguntou Jasmine, interessada.

— O John Lockwood convidou-me para ir ao Jubilee no outro dia.

— E tu não me disseste nada?

— Tu também não me contaste do Cadwallader.

— Já o fiz, sim senhora.

— À meia hora, e foi porque vos apanhei de mãos dadas ao pé da lareira.

A cabeça de Oliver assomou no alto da escada com alguma timidez.

— Anda, vou apresentar-te ao nosso astrónomo — decidiu Agnes — e depois descemos para vestir o pijama.

— E então contas-me sobre o Lockwood.

— Conto, sim senhora — concedeu ela, com um sorriso.

Agnes teria preferido não partilhar com ninguém a manhã em que havia passeado de braço dado com John sob a neve, acabando a tomar chá em Piccadilly. Tinha-se sentido tão à vontade ao abrigo daquele guarda-chuva azul enquanto Londres se cobria de branco que ainda lhe custava acreditar que não fora um sonho. Ela e John tinham parado o mundo. Havia criado um parêntese de exceção e silêncio, e ali se haviam acomodado durante um instante perfeito. Não havia palavras suficientemente precisas para explicar a Jasmine, ou a qualquer outra pessoa, tudo o que tinha sentido naquele momento; o quanto lhes custara

separar-se à porta da Fortnum & Mason; a indecisão dela ao oferecer-lhe a mão, o aroma do seu *aftershave* quando ele lhe correspondeu com um beijo na bochecha; o vento a agitar os seus cabelos, o guarda-chuva aberto e esquecido num canto, o tempo a congelar-se nesse preciso momento; tão juntos, tão sozinhos, tão longe do ruído do trânsito enlouquecido, sob os branquíssimos flocos dançantes.

Apesar de ter usado frases simples, cuidadosamente escolhidas para disfarçar qualquer sentimentalismo, Jasmine soube ler entre as entrelinhas que a sua amiga estava a tentar falar-lhe de um princípio. O princípio frágil e maravilhoso de todas as histórias de amor do Universo.

— Vão voltar a ver-se?

— Se calhar.

— Claro que se vão voltar a ver.

— És adivinha?

— Sou muitas coisas, tal como tu, tal como o John, tal como tu e o John são muitas mais coisas quando estão juntos do que quando estão separados. Pensava que já tínhamos tido esta conversa. — Jasmine sorriu. — Posso não ser lá muito sábia, mas ainda sei reconhecer quando alguém está caidinho por uma aprendiz de livreira.

Elegantes nos respetivos pijamas cor-de-rosa e brancos, acorreram ao encontro do seu pequeno cavalheiro. Jasmine escorregava sobre as meias grossas, pouco habituada à madeira suave da livraria. Agnes sentia-se em casa. O génio do telescópio esperava por elas, impaciente, calçado com umas pantufas muito sérias, cinzentas e pretas, a combinar com um pijama do Batman. Dispuseram os sacos-cama e as almofadas sob a claraboia da Moonlight Books, apagaram todas as luzes da livraria e olharam à vez pelo telescópio.

Oliver apontava para alguma estrela ou constelação, contava-lhes dados sobre a densidade de Saturno ou as luas de Júpiter. Explicou-lhes que, em dezembro, Oríon e Touro eram as mais fáceis de localizar. Jasmine gostava das estrelas-cadentes e fazia perguntas sobre buracos negros e meteoritos. Twist respondia com entusiasmo, satisfeito com a companhia atenta, consultava o seu *tablet* e deleitava-se com os dados curiosos que relembravam Agnes sobre os deuses gregos e as suas relações celestes.

Havia algo mágico em partilhar uma grande fatia de bolo de manteiga e uma caneca de chocolate sob a claraboia clarividente; em sentar-se no chão de madeira, notívagos sobre os sacos-cama, e ouvir o silêncio dos livros centenaes em seu redor; em imaginar que a eternidade era precisamente aquilo, a companhia silenciosa da literatura numa livraria fechada, a expectativa infinita desses volumes sossegados sob a noite estrelada. Risos por causa do nariz manchado de chocolate, nostalgia infantil e a sensação de estar a roçar com a ponta dos dedos na felicidade mais absoluta. Um momento tão perfeito como a constelação de Cassiopeia contemplada através do telescópio de Oliver Twist. Uma noite mágica.

Cansados, aconchegados pela camaradagem e pela certeza de que não eram mais do que diminutos pontos vestidos com pijamas cor-de-rosa, brancos e do Batman na imensidão do espaço sideral, enfiaram-se nos seus respetivos sacos-cama e, com o olhar perdido no céu noturno, desta vez sem nenhum telescópio interposto, sentiram a agradável carícia do sono.

— Agnes — soou a vozita de Oliver Twist na quietude da escuridão —, lembras-te do beijo escondido da senhora Darling?

— Claro. — E esclareceu Jasmine em seguida: — Peter Pan.
— A mim, Vénus sempre me pareceu assim, como a covinha que Wendy vê como uma promessa. Porque parece que está perto, mas nunca se pode alcançar.
— O beijo escondido. — Agnes sorriu.
— Talvez algum dia o possamos visitar — comentou Jasmine.
— Preferia não o fazer — declarou Twist. — Ia perder o mistério todo. Como quando o tetratetratetravô do senhor Livingstone cartografou o Calaári, percorreu o Zambeze e deu às suas cataratas o nome da rainha Vitória. Depois já não sobrou nada para explorar ou investigar.

Agnes estava de acordo com o raciocínio do futuro astronauta.
— Só o enorme e ignoto espaço.
— Sempre achei que já não havia vidas como as dos exploradores do século dezanove — refletiu Jasmine.

A arqueóloga assentiu. Ao fim de um minuto, perguntou em voz baixa:
— Oliver, sabias que o único guia de que dispunha David Livingstone para não se perder no deserto do Calaári era a observação do céu? — O menino respondeu que não. — Lord Rosse, um dos mais destacados astrónomos do século dezanove, ensinou-o a utilizar o telescópio e a cartografar a terra segundo a leitura das estrelas. Sabes quem era William Herschel?

— O astrónomo que descobriu Urano?
— Exato. Não só era astrónomo, como também músico e inventor. Criou um dos primeiros telescópios. O conde de Rosse construiu os seus com base em parte das instruções de Herschel, embora quase todos os seus planos se tenham perdido. Foi esse o telescópio que ele ensinou o tetratetratetravô do senhor Livingstone a usar.

— Talvez seja por isso que tem uma livraria com um observatório incluído, pela genética — aventou ele. — Gostei muito da nossa noite sem lua. — O menino bocejou. — Temos de repetir em breve.

— Dorme, Oliver — sussurrou ela.
As amigas permaneceram assim mais um bocado, em silêncio, embaladas pela respiração profunda e regular do pequeno astrónomo, observando as constelações.
— Agora percebo muita coisa. Esta livraria é espantosa — sussurrou Jasmine.
— Como o Oliver e o senhor Livingstone. Como a Sioban e o Caldecott.
— Eu perceberia se ficasses aqui para sempre.
— Para sempre é muito tempo.

— O que tem o tempo que ver com o amor? — recordou-lhe a amiga. — É impossível não nos apaixonarmos por isto. Não sei como é que te vais despedir no dia em que encontrares o teu destino como arqueóloga.

Agnes permaneceu em silêncio. Não lhe apetecia pensar em despedidas naquela noite. Viram a cruzar o céu a mesma estrela-cadente, e Jasmine formulou em voz alta o desejo de conhecer o verdadeiro nome de Cadwallader. Riram-se baixinho para não acordarem Oliver e falaram sobre o amor e o início das suas histórias.

— Tenho alguns amigos que estão encantados com a ideia de se apaixonarem, mas que são incapazes de ir além da teoria — refletiu Jasmine na escuridão. — Há outros que não

sabem estar sozinhos e convencem-se a si mesmos de que cada novo companheiro é o perfeito e definitivo. Mas eu acredito que a única coisa perfeita é o princípio de uma história de amor, o momento em que os dois se olham nos olhos e compreendem que a busca chegou ao fim, porque já se encontraram. O final da espera, quando tudo se resolve.

— Como diria o senhor Livingstone, a viagem termina com o encontro dos namorados.

Jasmine ficou silenciosa, quase vencida pelo cansaço do dia e pelos bons presságios da noite. A Agnes parecia que falava entre sonhos quando a ouviu perguntar:

— De que tens medo, Agnes? Todos os princípios são bonitos.

Ela não lhe respondeu logo, com receio de dar um nome à sua inquietude, felizmente aconchegada no quentinho do seu saco-cama, entre Oliver e Jasmine. Sentiu como a velha madeira da livraria chiava e se acomodava para passar a noite, as estantes a abarrotar de livros como pano de fundo da sua fantástica aventura de exploradores espaciais. Após uma última olhadela para o lindo céu sem lua, cerrou os olhos e suspirou.

— De que tudo seja mentira — sussurrou, desconsolada.

⁵ William Shakespeare, *Macbeth*, ato II, cena III.

⁶ William Shakespeare, *Romeu e Julieta*, ato II, cena II.

Era véspera de Natal e, embora a Moonlight Books exibisse o sinal de FECHADO na sua bela porta de madeira azul, lá dentro reinava um alegre ambiente de expectativa. Todos se tinham vestido com as suas melhores vestimentas para assistir à entrega dos prémios livrescos do ano no Leadenhall Market. Sioban servia borbulhantes taças de champanhe enquanto esperavam pelo carro que os levaria até lá. A editora estava aperaltada com um elegante vestido de seda cor de vinho que combinava com o lenço do senhor Livingstone. Agnes escolhera um compridíssimo vestido preto de decote cruzado e levava o cabelo apanhado num volumoso carrapito que recebera a admiração de Charlie Caldecott.

— Faz-me lembrar Audrey Hepburn no filme *Charada!* — exclamara o alfaiate com os seus olhinhos brilhantes.

Edward, que parecia um pouco incómodo no seu melhor fato cinzento de três peças e consultava frequentemente o seu relógio de bolso, demonstrou desacordo.

— A Agnes não tem o cabelo assim tão escuro.

Mr. Magoo não se deu por vencido.

— És tão pouco cinéfilo. É o espírito, Edward, o espírito. Não lhe ligue, menina, está com inveja porque não se parece com Cary Grant.

A piada da coisa era que o senhor Livingstone parecia mesmo ter um ar à Cary Grant em que Agnes não havia reparado até os olhos míopes de Caldecott o terem feito notar.

— Deixem-no em paz, está nervoso por causa da nomeação do Prémio Scrooge — interveio Sioban com o riso a dançar-lhe nos lábios.

— Disparate — pronunciou, assombroso, o senhor Livingstone —, vão entregá-lo ao Sebastien, como fazem cada ano.

— Quem é ele? — interrogou Agnes, interessada.

— Um livreiro ignorante que se faz passar por mal-humorado sempre que um cliente lhe faz uma pergunta a que não sabe responder.

— Edward! — ralhou Sioban.

— É verdade. Disfarça a sua ignorância com cara feia e sem estilo nenhum.

— Não sabia que havia estilos diferentes de mau humor — confessou Caldecott a Agnes em voz baixa.

Se era verdade, o senhor Livingstone demonstrava um peculiar e extraordinário mau humor enquanto sustinha numa mão o seu cachimbo apagado e, na outra, o relógio de bolso. Com o colete, o relógio e os seus óculos sem armação, sentiu-se um pouco como o Coelho Branco de *Alice no País das Maravilhas*.

— No caso dele, ganhar o Scrooge é apenas uma prova do seu vasto desconhecimento literário. Tem graça que seja premiado precisamente num certame literário.

— É um sarau sobre o mercado livreiro, não sobre literatura — corrigiu-o a editora.

— O Sebastien não distinguiria entre os dois nem que lhe esfregassem na cara uma das estantes da Bodleian.

— Onde é a entrega dos prémios? — perguntou Agnes, recusando outra taça de champanhe para não acabar a parecer uma Audrey Hepburn demasiado alegre.

— No Leadenhall Market.

— Que doença, a época vitoriana!

— O Edward acha que foi um período particularmente desafortunado para a arquitetura.

— Exceto Saint Pancras — fizeram coro o senhor Livingstone e a arqueóloga.

Olharam-se com respeitoso afeto. Ambos se lembravam da primeira visita de Agnes à livraria: tinha ido tomar chá em Saint Pancras e fora a sua admiração pelo empenho de John Betjeman que desencadeara o misterioso mecanismo que tinha levado Edward a oferecer-lhe trabalho na Moonlight Books. Apesar de só terem passado um par de meses desde o sucedido, aos dois parecia que se conheciam há muito mais tempo. Edward habituara-se a passar algumas tardes a fazer recados ou a rota livreira, deixando a loja a cargo da sua ajudante; partilhava o chá das cinco com ela e com Oliver, comentavam umas quantas leituras e seguia rumo a alguma das suas livrarias preferidas, como a Hatchards, em St James, ou a London Review Bookshop, em Bury Place.

— Tem de vir comigo um dia à Heywood Hill — prometia a Agnes sempre que se lembrava, justamente antes de sair da loja para se dirigir às suas livrarias de eleição. — Nancy Mitford trabalhou lá como empregada durante a Segunda Guerra Mundial por três libras à semana.

— E a de Notting Hill? — sondava ela.

O senhor Livingstone grunhia, indignado:

— Era uma boa livraria até fazerem aquele filme e ficar cheia de turistas. Sabia que Jane Austen, Lord Byron e Oscar Wilde, entre outros, eram clientes assíduos da Hatchards? Uma tarde, fechamos a Moonlight Books e mostro-lhe a rota livreira londrina mais pomposa de Albião.

— Vai fechar a livraria? — alarmou-se Oliver ao ouvir a conversa sobre as suas expedições.

— Lamento muito, vais ter de te ir divertir para o planetário.

— Não me deixam entrar sozinho.

— Uma tremenda, ainda que nada surpreendente, falta de senso comum da parte deles. Mas é necessário que esta dama conheça as livrarias adequadas para uma aprendizagem de grémio.

— Eu também vou. Não quero ser livreiro, mas sou leitor.

— Ah, sábio Twist — pronunciava, sonhador, o senhor Livingstone como um Laurence Olivier a interpretar Hamlet sobre o palco —, «para sonhar não é necessário fechar os olhos, basta-nos ler».⁷

Agnes acostumara-se às suas inesperadas tiradas sobre literatura de séculos passados, anedotas de escritores e recomendações de títulos que, por sua vez, levavam a novas leituras recomendadas, como uma rede infinita e preciosa de maravilhas para ela ainda inexploradas. Antes de conhecer o senhor Livingstone, os seus encontros com os livros de ficção tinham sido escassos. Lia, sobretudo, ensaios científicos arqueológicos, históricos ou antropológicos e não tinha tempo para a imaginação nem para a poesia. Na Moonlight Books, tivera a

oportunidade de se submergir nos versos de Wordsworth, Shelley, Milton, Keats... Sempre com os bons conselhos de Edward, as suas pistas, uma orientação para encontrar o caminho e não se perder à deriva pelo desconhecido.

Mas o mais importante era ter-se adaptado bem à agradável rotina de comer com Jasmine — em casa, em Saint Pancras ou no Darkness & Shadow, dependendo dos horários da amiga e das sobras da Fortnum & Mason —, de seguida atravessar os jardins intemporais de Temple até à livraria, com a gratificante promessa dos que têm um bom destino para o qual encaminhar os seus passos. Os clientes habituais do senhor Livingstone o chá da tarde com Oliver, as leituras no canto dos românticos, a sossegada presença do escritor residente sob a lamparina azul, as frequentes visitas de Sioban... Tudo isto fazia agora parte da sua pequena vida londrina, diminutos gestos e rotinas quotidianas que contribuía para uma felicidade discreta, quase estranha de tão inesperada. Também John Lockwood entrara nesse início de vida nova no mesmíssimo momento em que transpusera a porta da Moonlight Books.

Charlie Caldecott, cansado das queixas do seu anfitrião em relação ao vitorianismo no qual pareciam ter ficado presos todos os leitores da cidade — por culpa de uma complicada teoria da conspiração que incluía a leitura de autores franceses —, puxou Agnes dos seus devaneios:

— Terias preferido o Royal Albert Hall?

— Vou poupar-vos à minha opinião a esse respeito — resmoneou o livreiro.

— Já estiveste no Leadenhall? — perguntou Sioban a Agnes. A rapariga negou com a cabeça. — Vais adorar. E o Oliver também. Filmaram lá algumas cenas da Diagon-Al do Harry Potter. Estaremos de volta às sete.

Da rua, uma volumosa figura tentou abrir a porta da livraria sem sucesso e conformou-se em dar pancadinhas no vidro até que alguém a fosse acudir. Os inconfundíveis caracóis violeta da senhora Dresden não deixavam lugar para dúvidas sobre a identidade do intempestivo visitante.

— Rápido, apaguem as luzes — sugeriu Caldecott.

— Não somos todos tão pitosgas como tu, meu bom amigo — disse o senhor Livingstone, conforme se apressava a abrir. — Senhora Dresden, a livraria está fechada, como bem mostra o sinal da porta, e nós estamos de saída.

— É uma emergência.

— Disse o mesmo a Patrick Rothfuss quando terminei *O Medo do Homem Sábio* e lhe solicitei o volume seguinte da saga de Kvothe. Já viu no que me meti.

— Isto é diferente. Terminei de ler *The Whistling Season*. — A boa senhora suspirou. — Sinto-me órfã e é Natal.

O senhor Livingstone observou-a com inevitável carinho, reparou no seu casaco de peles sintéticas, nas pantufas de peluche e nas espantosas meias com avezitas a voar que apareciam no topo, e sentiu como se o terrível espírito do Natal futuro lhe apontasse um dedo.

— Está bem. Espere aqui um momento.

— Quer um bocadinho de champanhe, senhora Dresden? — ofereceu Sioban para lhe amenizar a espera.

— Sim, obrigada. Já sabe como são angustiantes estas emergências dos leitores.

— Claro, tenho uma editora.

— No outro dia estive a falar com um editor.

— Conhecido?

— Nunca teria falado com ele se não nos tivessem apresentado antes — afirmou a senhora, surpreendida. — Confessou-me que estava prestes a lançar nas livrarias um romance tão aborrecido que todos quantos o lessem ficariam com vontade de se suicidar.

— E porque é que o queria publicar?

— É ecologista.

Provavelmente, não era a melhor noite para improvisar uma leitura de salvamento para um dos seus clientes mais peculiares — o senhor Livingstone nunca utilizava a palavra «estranho» —, mas a livraria estaria encerrada durante uns dias e Edward não gostava da sua falta de previsão. Deveria ter deixado a senhora bem provida de leituras para as festividades, mas tinha andado com a cabeça nas nuvens devido à nova edição ilustrada de *A Lenda do Cavaleiro sem Cabeça*. Estava ele a rir-se da sua tirada, a da «cabeça nas nuvens» e de *Sem Cabeça*, quando Oliver Twist interrompeu o seu engenhoso pensamento.

— Senhor Livingstone.

O menino trazia um *smoking* feito à medida e penteara, porventura com um excesso de entusiasmo e de gel, os seus cabelos louros. Tinha chegado à livraria meia hora antes, acompanhado de Clara, a assistente da sua mãe, vestido com as habituais calças de ganga e uma suéter da série *A Teoria do Big Bang*, mas mudara de roupa no piso de cima.

— O que tens tu vestido? Pareces o Bibundé, o pinguim do livro de Michel Gay de que gostas tanto.

— Tenho de lhe confessar uma coisa.

Edward tirou os óculos e olhou para o pequeno pinguim com os olhos subitamente a transbordar de ternura. Oliver fez beicinho, estendeu-lhe uma caixa cuidadosamente embrulhada em papel de seda e desatou a chorar, desconsolado.

— Perdoe-me, senhor Livingstone.

Edward pegou na caixa que lhe oferecia o menino e fez algo que mais tarde atribuiria a um grave problema de concentração: recebeu o pequeno nos seus braços e estreitou-o com ternura.

— Meu querido Twist — pronunciou o livreiro com a voz embargada pela falta de hábito —, não há nada para perdoar.

— Queria devolvê-lo — soluçou Oliver —, mas está sempre um monte de gente a entrar e a sair da livraria. E, na noite em que fiquei com a Agnes e a Jasmine, esqueci-me.

— Ah, aquelas constelações. Tens a cabeça no espaço, Twist.

O senhor Livingstone separou-se do menino e ofereceu-lhe o seu bonito lenço cor de vinho. Sioban entenderia a sua ausência quando lhe explicasse os nobres motivos para tal sacrifício. Enquanto dava um minuto ao catraio para se recompor, desembulhou o papel de seda e confirmou que se tratava do diário do seu antepassado: *Observações Cartográficas, Zoológicas, Botânicas e Geológicas do Sul de África (1849-1851)*.

— Não parece muito surpreendido — observou Oliver, conforme assoava o nariz.

— Suspeitava que tinhas sido tu. És a única pessoa que conheço capaz de perpetrar o

roubo perfeito. A fechadura da vitrina estava impecável, sem um único arranhão.

— Encontrei no YouTube um tutorial para a abrir com uns cliques metálicos.

— Quem precisa de Sherlock Holmes quando se tem o YouTube? — refletiu Edward.

— Acha que sou um delinquente?

— Acho que tens um cérebro extraordinário e espero que o utilizes para fazer o bem. O que implica que não sigas as pisadas profissionais da tua mãe, receio bem.

— Só o queria ler.

— Eu sei.

— Aquela vitrina estava demasiado alta, não o conseguia ver. Tive de subir a mesa dos livros ilustrados para forçar a fechadura. Mas não pisei nenhum dos exemplares — apressou-se ele a acrescentar quando percebeu o sobressalto do seu interlocutor.

— Porque é que não mo pediste?

— Eu pedi. Disse-me que não era um livro para crianças.

— Mas isso já foi há muito tempo, quando ainda não te conhecia bem.

— O senhor não queria que eu ficasse na sua livraria.

— Mas nada é imutável, não é verdade?

O menino olhou-o com esperança.

— Se queres a minha opinião... — disse o senhor Livingstone. — Quem quer que te conheça e goste de ti, meu bom Twist, desejaria para ti algo melhor do que estas quatro paredes unicamente na companhia de livros e adultos.

— Eu gosto de livros.

— Sim, são preferíveis aos adultos.

— Nem todos os adultos são assim tão maus. A Agnes...

— A Agnes não conta, é uma fada. Não te deste conta de como lê *Peter Pan*?

O cérebro científico de Oliver revoltava-se contra essa ideia fantástica, mas pensou que não lhe convinha contradizer o proprietário do objeto que mantivera sequestrado sem a sua permissão durante quase duas semanas. Sentia-se até mais culpado do que quando se esquecera de devolver na biblioteca *Viagem ao Centro da Terra*, de Júlio Verne, e o manteve oito dias e sete horas ilegalmente em sua posse.

— Proponho-te um pacto — disse o livreiro, numa inspiração súbita. — Esquecemos este assunto do diário e tu comprometes-te a trazer algum colega de turma para a livraria de vez em quando.

— Ninguém vai querer vir comigo.

— Já olhaste bem para este sítio, Oliver? Uma cúpula piramidal transparente (quem a dera ao Louvre), um telescópio, um acervo de romances gráficos ali em baixo, chá e bolinhos para o lanche, uma fada descalça que lê extraordinariamente os livros de aventuras... Se dedicasses uma décima parte da tua matéria cinzenta a perceber como fazer amigos em vez de pensar nos anéis de Saturno...

Do andar de baixo, a voz cristalina de Sioban chegou com clareza:

— Oliver! Edward! Desçam imediatamente ou vamo-nos embora sem vocês. O carro está à espera.

O senhor Livingstone estendeu a mão direita ao pequeno pinguim e este apressou-se a apertá-la.

— O que te pareceu o diário?
— É fabuloso, exceto as partes religiosas. O David fica um bocadinho chato quando tenta convencer os *bakuena* que as suas danças e cânticos para pedir chuva aos deuses não servem de nada.

— Suponho — concordou o Livingstone do século XXI — que para um escocês essas danças não fizessem grande sentido.

Edward prometeu-lhe que continuariam depois a comentar o diário, indicou-lhe que fosse tranquilizar Sioban e despachou-se a escolher dois livros para a senhora Dresden. Quando desceu ao andar principal, todos haviam saído exceto ela.

— Aqui tem — ofereceu-lhe ele com o seu melhor sorriso —, este é o meu presente de Natal. Uma pequena prenda para lhe agradecer todos estes anos de lealdade. Não sei o que faria sem as nossas conversas estrambólicas.

A senhora Dresden tirou com carinho os livros das mãos do seu livreiro preferido e leu as capas em voz alta.

— *Let's Kill Uncle*, de Rohan O'Grady. *The Gashlycrumb Tinies*, de Edward Gorey. — Ergueu o olhar, emocionada, e encarou o senhor Livingstone com verdadeiro arrebatamento. — Obrigada, parecem maravilhosos.

— Tal como você, senhora Dresden.

Ao livreiro pareceu que a senhora emitia um longo suspiro que soava como um «ohhhhhh» muito sustentado e delicado. Apertou os dois livros contra o peito, com carinho, e observou-o com todas as luzes de Natal penduradas nos seus olhos.

— Feliz Natal, senhor Livingstone.

— Feliz solstício de inverno para si também, minha querida senhora.

Fechou a porta atrás dela, colocou com um cuidado atento o diário do seu antepassado de volta à vitrina e apagou as luzes da loja. Contemplou a sua livraria na penumbra e, se tivesse sido do tipo de pessoas que suspiram, teria suspirado de satisfação. Tudo voltava a estar em ordem no mundo.

Apressou-se a vestir o casaco, a dar outra olhadela para o relógio, a sair para a rua e a fechar a persiana da loja. Sioban buzina dentro do carro alugado com verdadeiro entusiasmo.

— Não serve de nada correr! — gritou o senhor Livingstone de excelente humor, apesar do seu destino vitoriano.

— O que convém é partir daqui a tempo! — terminou Sioban a citação de La Fontaine. A sua gargalhada ressoou alegre nas ruas desertas de Temple na noite da véspera de Natal.

O Leadenhall Market, na Gracechurch Street, inaugurado em meados do século XVI, é um dos mercados mais antigos de Londres. Contudo, deve o seu aspeto vitoriano às remodelações de séculos posteriores e à atual e profunda restauração — que respeitou o estilo inglês do século XIX — dos seus elementos decorativos e arquitetónicos. A sua beleza peculiar reside na capacidade de fazer os seus visitantes viajar no tempo ao desembocarem nas galerias abobadadas e no encanto mágico dos vitrais e molduras de madeira pintada. Situado na City, num bairro habituado aos escritórios de aço e vidro, constitui um estranho e maravilhoso oásis em plena arquitetura do século XXI.

Considerações vitorianas à parte, o senhor Livingstone gostava de Leadenhall, sobretudo sob a luz difusa que escoava das suas abóbadas envidraçadas durante os entardeceres de outono. Parecia-lhe um lugar tão decadente e nostálgico, tão carregado de recordações e glórias de outros tempos, que frequentemente se surpreendia a imaginar Geralt de Rivia a tomar um chá em algum dos seus pequenos cafés. Em segredo, alegrava-se por os filmes da saga *Harry Potter* terem contribuído para localizar o Caldeirão Escoante e a Diagon-Al nas aquelas galerias comerciais. Um par de tardes por mês, quando conseguia sair mais cedo da Moonlight Books, não era raro vê-lo a visitar com ensimesmada curiosidade as livrarias, papelarias e lojas de recordações que povoavam o peculiar mercado.

Na noite de Natal, a belíssima iluminação zenital do Leadenhall Market envolvia a sua particular atmosfera com calor. A entrega dos Booker Prizes do ano tinha lugar na praça central do mercado, precisamente na confluência das quatro galerias, em frente da The Pen Shop. Os organizadores, otimistas, haviam disposto no espaço várias dezenas de cadeiras dobráveis e um pequeno estrado; no entanto, apesar da hora já tardia, apenas ali se encontrava o público participante. Somente Oliver e Agnes pareciam surpreendidos com a escassa concorrência.

— Este ano há muita gente — comentou o senhor Livingstone quando Oliver fez a sua observação.

— Mais do que nos prémios de críquete — comentou Caldecott com um piscar dos seus diminutos olhinhos.

Sioban, exultante e bela como uma manhã de primavera, movia-se pela praça, cumprimentando uns aqui e outros acolá. Recebia felicitações pela sua próxima edição das cartas de Tolkien com um leve rubor nas maçãs do rosto e o tremor nos dedos de quem sabe que está prestes a agarrar com unhas e dentes um sonho há muito desejado. O senhor Livingstone, como que solicitando votos de última hora, procurava não cruzar o seu olhar carrancudo com ninguém e respondia com um grunhido às saudações dos seus companheiros do grémio.

Para um ser alheio a semelhante cerimónia, a entrega dos Booker Prizes é difícil de compreender, um velho rito londrino quase secreto para todos aqueles que não amam os livros e as livrarias. A tradição destes certames anuais nascera durante a época da Regência,

graças à iniciativa do futuro rei Jorge IV — na altura príncipe de Gales, regente quando o seu pai, o rei Jorge III, adoeceu — de incentivar a proliferação de jornais e editoras. No início, não era nada mais do que uma simples cerimónia em que um dos conselheiros reais oferecia um opíparo convite e entregava algumas libras e galardões a pessoas habituadas a não ter muito para levar à boca com as suas pouco rentáveis ocupações profissionais. Com o decorrer dos anos, tinha-se perdido o ministro de serviço como oficiante, assim como todos os vestígios monárquicos ou governamentais, passando a depender da boa vontade da Associação de Editores e Livreiros de Londres. Durante a segunda metade do século XIX, consistira numa espécie de ajuda financeira dissimulada para as gráficas e editoras que se mostravam como simpatizantes do governo. No século seguinte, principalmente durante os loucos anos 20 — o senhor Livingstone suspeitava que a combinação de um excesso de champanhe com o *charleston* tivera muito que ver com a mudança —, a cerimónia começara a derivar para a sua vertente mais burlesca. Atualmente, tais reminiscências satíricas tinham ficado diluídas na nostálgica e decadente recordação de um mundo que vivera os seus anos de esplendor durante uma época inexata nos mapas temporais da civilização britânica.

As categorias de nomeação eram o Prémio Chapeleiro Louco para o editor mais excêntrico do ano; o Prémio Eärendil para o catálogo editorial mais élfico (Sioban acreditava firmemente que este era um sinónimo poético para «catálogo com menos procura»); o Prémio Monte dos Vendavais para a livraria mais romântica; e o Prémio Scrooge para o livreiro mais resmungão do ano, categoria na qual o senhor Livingstone tinha o costume de ser o eterno nomeado, mas nunca vencedor.

Exceto Edward, que os informou que se tratava de um velho periodicista de programas culturais televisivos dos anos 80, mais ninguém conhecia o apresentador da cerimónia. Os vencedores das edições anteriores eram os encarregados de entregar os galardões deste ano. Agnes observava, distraída, a estranha sucessão de personagens a subir e a descer do estrado quando Oliver, sentado ao seu lado, lhe sussurrou:

— Isto é muito aborrecido. Quando é que é a vez do senhor Livingstone?

— Já não deve demorar muito. A Sioban disse que estaríamos em casa às sete.

O rapazito consultou o seu relógio digital.

— Eu não acho que o Edward seja resmungão — confiou à amiga —, embora se esforce muito para parecer que é.

— Chiu — advertiu-o Agnes —, que ele não fique a saber tal coisa. Ele gosta de pensar que consegue parecê-lo.

— E para terminar o nosso agradável serão — dizia o apresentador, com um sorriso cansado —, quem vai entregar o Prémio Scrooge ao livreiro mais rabugento do ano é a Diana Trewlany, a vencedora da edição anterior.

A senhora Trewlany, com uma expressão tão adorável que ninguém suspeitaria das suas tendências resmungonas, subiu para o estrado e pegou no envelope que o apresentador lhe estendia. Agnes olhou para o senhor Livingstone, mas este parecia concentrado na contemplação do apainelado vitoriano dos tetos do mercado. Sioban dera-lhe a mão e mantinha um ligeiro sorriso nos lábios.

— O Prémio Scrooge para o livreiro mais mal-humorado vai para... Edward

Livingstone, da Moonlight Books! — exclamou com entusiasmo.

Todos os frequentadores da livraria se levantaram em uníssono e rebentaram num aplauso entusiástico. Edward tentou arvorar uma cara de surpresa — que passou por uma imitação bastante aceitável de uma coruja — e deixou-se abraçar e beijar (apesar da sua antológica misantropia) pelos entes queridos. Rodeado pela alegria das suas quatro pessoas vivas favoritas no mundo, pensou que o verdadeiro reconhecimento do seu trabalho livreiro não era receber o Prémio Scrooge, mas ter podido assistir naquela noite à cerimónia acompanhado por elas. Embora não lhe fosse habitual fazer uma introspecção vital, nem sequer agora que o ano chegava ao fim, deu-se conta de que sentia um carinho sincero e indispensável pelos seus amigos. Depois, perguntou a si mesmo se estaria a ficar demasiado velho para continuar desencantado com o resto da humanidade. Levantou-se com uma certa solenidade, beijou Sioban e subiu ao estrado para receber a estatueta de Ebenezer Scrooge das mãos da senhora Trewlany.

Terminado o sarau, despediram-se de todos os presentes, deixaram Charlie Caldecott em Almack's, onde a cada 24 de dezembro se reunia com a sua extensa família para jantar, e levaram Oliver a casa. A advogada Twist, magnífica no seu papel de Milady de Winter por detrás das cortinas da sua casa ao estilo Tudor, nem sequer saiu para lhes desejar um feliz Natal.

— Ou «Natal» — refletiu o senhor Livingstone em voz alta enquanto o carro seguia o seu caminho. — Sem o «feliz».

— Que planos tens para esta noite? — perguntou Sioban a Agnes para não dar asas aos delírios imaginativos do seu livreiro.

— Nenhum. Amanhã vou para Surrey passar uns dias com a Jasmine e a família dela.

— Ah, a mítica campina inglesa! Vais ver que parece que saiu de um dos livros de D. E. Stevenson.

— Então, vou estar muito à vontade.

— É a noite de Natal, porque não vens connosco jantar a casa dos Lockwoods?

— Claro que vem — interveio o flamante vencedor do Prémio Scrooge, inserindo-se na conversa. — Ninguém deveria passar esta noite sozinho.

— Tem cuidado, querido, se alguém te ouve ainda podem revogar a decisão do júri — advertiu Sioban.

— Venha jantar connosco, Agnes. O John vai ficar contente por não ter de passar a noite a falar com quatro velhotes sobre os contos de Chaucer.

— O David, o marido da Anne, é médico, e não acho que esse seja um tema de conversa muito favorável para ele.

— Porque não? Na época de Chaucer, a população via-se muitas vezes assolada pela peste.

Agnes assentiu com a cabeça, a pulsação subitamente acelerada ao aperceber-se de que ia jantar com John. Desde que haviam tomado chá no Jubilee, naquela manhã de nevadas intensas, não se tinham voltado a encontrar. O senhor Livingstone mantinha-a a par dos progressos na investigação do diário desaparecido, mas estes haviam sido nulos nos últimos

dias. Pensou que o polícia não tardaria a desaparecer das suas vidas mal desse por encerrada a investigação que, claramente, não... não levava a lado nenhum.

Enquanto o carro percorria as ruas quase desertas de Holborn em direção a Bloomsbury — Sioban dissera que os Lockwoods viviam perto do Museu Dickens —, embalada pela conversa dos seus acompanhantes, Agnes invocou o olhar azul do inspetor. Relembrava com um sentimento caloroso as fortes mãos do polícia a segurar no guarda-chuva sob a neve, a dar-lhe o braço com suavidade, a afastar-lhe delicadamente do rosto uma madeixa de cabelo húmido devido aos flocos brancos. Por temer comprovar que não fora mais do que uma miragem, assustava-a voltar a encontrar-se com as suas mãos atentas, aquele olhar cheio de promessas infinitas, a voz profunda e sossegada dos homens que sabem expressar com justiça o pensamento.

— O amor, como a tosse, não se consegue disfarçar — dissera-lhe uma vez o senhor Livingstone a propósito de uma citação de Ovídio.

Agnes suspeitava que não era precisamente tosse a promessa que fora capaz de ler nos olhos de John Lockwood, no roçar das suas mãos, durante a extraordinária manhã de algodão branco que tinham partilhado sob os céus carregados de Londres.

Sioban despediu-se do motorista em frente da casa dos Lockwoods, uma bonita construção de inspiração eduardina com o famoso tijolo e as janelas abobadadas emolduradas em cor creme. Assim que soou a campainha, Anne foi recebê-los com um sorriso caloroso. O senhor Livingstone, que apertava a sua estatueta de Ebenezer Scrooge como se fosse a única coisa que o poderia salvar de um precipício, suportou em silêncio o ritual da sua anfitriã de estreitar as visitas num injustificado abraço.

— Entrem, entrem — convidou-os, alegre como nunca tinham sido as campainhas da porta da Moonlight Books. — Que noite tão fria! Agnes, fico muito contente por teres decidido vir. A Sioban falou-me muito de ti.

Deixaram os seus casacos pendurados no bengaleiro do vestíbulo e Sioban convenceu Edward de que a sua estatueta podia ficar totalmente a salvo ali, num dos seus bolsos. Agnes achou engraçado o olhar anelante que o livreiro dedicara ao casaco antes de o abandonar e entrar na sala de jantar dos Lockwoods.

— Acho que já todos conhecem o John. Este é o meu marido, o David — apresentou-os Anne aos recém-chegados. — E esta é a Sarah — disse, envolvendo a cintura de uma jovem mulher que poderia ter sido a dupla de Miss Phryne Fisher —, a prometida do meu filho John.

Houve um pequeno turbilhão de cumprimentos, beijos e felicitações festivas enquanto o doutor David Lockwood servia o inevitável ponche natalício. Ao senhor Livingstone não passou despercebido que Agnes ficara mortalmente pálida conforme tentara manter um sorriso trémulo e que John se tornara tão vermelho como um vulcão prestes a entrar em erupção. Esquivou-se do olhar do seu anfitrião, assegurou-se de que Sioban incluía na conversa o resto dos presentes e dirigiu-se furiosamente em voz baixa ao polícia:

— Pensei que tínhamos chegado à conclusão de que você era o herói deste romance.

O homem encolheu os ombros, incapaz de desfrutar o olhar da ajudante do livreiro, que, no outro extremo da sala, tentava responder às perguntas de David sobre a sua vida em Londres por forma que não se notasse demasiado o quão pouco entendia o idioma local

naquele momento.

— Maldito seja, olhe para mim, estou a falar consigo — disse bruscamente o senhor Livingstone.

— Não é o que parece.

— A sua mãe tem outro filho chamado John?

— Claro que não.

— Então, sim, é mesmo o que parece. Por todos os deuses, no que estava a pensar? E nada menos do que com a Phryne Fisher! De certeza que também vem armada.

— Chama-se Sarah — contestou o polícia, que não fazia a menor ideia de quem era Miss Fisher ou por que demónios o senhor Livingstone achava que ela poderia levar uma pistola para casa dos seus pais — e não é a minha prometida.

— Os seus pais parecem convencidos do contrário.

— Porque era, mas já não é.

— Fico maravilhado com a sua capacidade para a conjugação verbal. Desde quando? Desde há dois minutos? Desde que viu a Agnes entrar nesta casa, que ficou mais pálida do que a dama de Shalott? — O senhor Livingstone horrorizou-se com o dramatismo das suas próprias palavras. — Se tivesse luvas — resumiu em voz alta — desafiá-lo-ia agora mesmo para um duelo, inspetor Lockwood.

— Não sou o vilão desta história.

— Diz o prometido da Phryne enquanto observa com olhos de carneiro mal morto a fada descalça.

— Edward — interveio Sioban quando Anne e Sarah saíram da divisão para ir buscar os aperitivos —, o que estás a fazer ao pobre John? Parece prestes a sofrer um ataque cardíaco.

— Ah! Ele carece de tal órgão para sofrer de alguma coisa.

— Senhor Livingstone, se me permitir falar com a Agnes um minuto...

— Só por cima das cinzas da minha livraria!

— Edward, se calhar o John devia salvá-la das garras do pai dele. Parece um bocadinho indisposta, agora que vejo bem.

— Deve ser por causa da adaga que tem cravada no coração.

— Querido, mas o que é que se passa contigo? Onde está o teu famoso pragmatismo inglês?

— Afogado no meu sangue escocês, maldito seja.

— Se é por causa do Prémio Scrooge, já não precisas de continuar a angariar apoiantes.

— Senhor Livingstone... — tentou John explicar-se.

— Não entendo como é que me pude enganar tanto a seu respeito... — lamentou-se o livreiro. — Com agentes como este, não me espanta que a Scotland Yard não conseguisse resolver o caso do Jack, o *Estripador*. O que me surpreende é que não tenham ido beber uns copos com ele.

— Para a mesa, família! — exclamou Anne alegremente com um par de travessas de amêijoas com molho verde e canapés variados.

Ao pé dela, Sarah depositava na mesa todo um carregamento de carnes frias e outras delícias gastronómicas inglesas.

— John, querido...

— «Não sabeis quão doente estou aqui no meu coração?» — recitou o senhor Livingstone entre dentes.

— Que bem que cheira tudo. — Sioban sorriu, sentando-se à mesa e arrastando o seu livreiro preferido atrás dela para o separar do pobre inspetor.

— Apodreceu, como na Dinamarca — insistiu ele.

Agnes, sentada junto ao pai de John, parecia prestes a desatar a chorar; o senhor Livingstone duvidava de que fosse devido à patética conversa do homem.

— John, senta-te. Sirvo-te um prato?

— Não, é que...

— Estive em Barcelona há uns anos, num congresso de cirurgia — prosseguia, incansável, David Lockwood. — Gostei da sua cidade. Principalmente aquela torre como a da City, como é que lhe chamam por lá?

— As amêijoas estão estupendas este ano. Como é que correu a entrega dos prémios? — perguntava Anne.

— «Onde agora nos encontramos são punhais os sorrisos dos homens.»¹⁰

— Querido, não acho que...

— Isso é *Hamlet*?

— Mudei de príncipe, mas a traição é a mesma.

— Edward.

Então, aconteceram algumas coisas em simultâneo no absurdo que se tornara o jantar em casa dos Lockwoods: o senhor Livingstone começou a queixar-se em voz alta do pontapé que Sioban lhe acabava de dar debaixo da mesa; Anne, nervosa com tantas citações iradas e por o seu filho parecer um basbaque incapaz de se sentar, derramou parte do molho verde sobre o esposo e respetivas fantasias arquitetónicas; Agnes começou a murmurar uma desculpa sobre uma terrível enxaqueca e que lhe convinha ir-se embora nesse preciso instante, antes que caísse morta sobre a bela toalha de mesa; e John, convencido de que o inferno era uma ceia natalícia em casa dos seus pais, continuava sem sequer conseguir mover-se, apesar da insistência de Sarah e da mãe.

— A sério, acho que devia ir-me embora.

— Tem mais cuidado, Anne! Este é o meu melhor casaco.

— Agora é a mim que submetes a disciplina da violência, mas não é contra mim que deverias dirigir a tua ira.

— *Ricardo III*?

— Edward Livingstone, aqui para a servir.

— Mas ninguém vai provar as amêijoas?

— Têm medo de que as atires para cima deles.

— Com licença, a minha cabeça vai rebentar.

— É por causa daquele maldito prémio!

— Calem-se! — gritou John por cima do coro de absurdas conversas entrecruzadas. —

Um momento, por favor! Pai, isso sai com um pano húmido, deixa de te queixares. Mãe, tem calma, são amigos que vieram cá jantar, não o pessoal do The Lord Chamberlain's Men.

Não te deixes intimidar pela torrente de loucura literária do senhor Livingstone, noutras circunstâncias é um ser bastante civilizado; o que está a acontecer esta noite é culpa minha.

Agnes...

O polícia aproximou-se da rapariga, pegou-lhe nas mãos e obrigou-a a pôr-se de pé. Nos seus olhos, leu uma tristeza infinita, um cansaço que não se lembrava de ali ter descoberto na manhã em que a encontrou em frente ao Serpentine, no Hyde Park, e caminharam juntos sob a neve.

— Agnes, lamento muito isto tudo. Se tivesses a amabilidade de me acompanhar por um momento...

— É a rapariga do guarda-chuva! — gritou Sarah, entendendo tudo de uma assentada.

— Eu e a Agnes temos de nos ir embora — disse John com toda a calma do mundo, com as mãos agarradas às dela —, a Sarah explica-vos porquê mal a gente saia por aquela porta.

— Mas, John, filho, é Natal...

— Onde é que vais?

Lockwood aproveitou o fator surpresa, e o facto de o senhor Livingstone estar milagrosamente em silêncio, para sair da sala, apanhar o seu casaco e o de Agnes no vestíbulo e apressar-se a arrastá-la atrás de si para fora de casa. Antes de se adentrarem na espessa névoa noturna que envolvera as ruas como uma fria mortalha, ouviu com um meio-sorriso a voz de Sarah a dizer que tinha de lhes contar uma coisa. Pareceu-lhe ouvir Edward responder que aquele se estava a tornar o melhor jantar em que participara em muito tempo.

— E ainda nem provou as amêijoas — ressoou a voz de Anne, recuperando a sua desenvoltura habitual.

⁸ William Shakespeare, *Hamlet*.

⁹ Literalmente, «Algo está podre no reino da Dinamarca» (*Hamlet*, ato I, cena v).

¹⁰ William Shakespeare, *Macbeth*, ato II, cena III.

Com muita pena sua, Edward Livingstone teve de reconhecer que o inspetor Lockwood possuía um certo estilo ao sair pelo fundo do palco. Quando John e Agnes saíram de cena, Sarah apressou-se a tomar a palavra para clarificar um terrível mal-entendido que incluía uma tal promoção em Hong Kong, um desamor mútuo e o cancelamento dos planos de casamento entre as duas famílias. Como os destinatários do discurso de Miss Fisher eram unicamente o senhor e a senhora Lockwood, Sioban aproveitou para se livrar dos ponches terríveis no vaso de um fícus próximo da mesa. Limpou as grandes taças de vidro com um pouco de água, voltou a repetir a operação de rega e encheu-as de vinho branco. Como Edward parecia secretamente divertido com o que estava a acontecer na sala de jantar dos pais do inspetor, a editora conseguiu tirar algumas conclusões.

— Tu sabias que o John era louco pela Agnes? — perguntou-lhe baixinho para não desconcentrar os seus anfitriões.

— Chiu, que não quero perder a melhor parte — advertiu-a o senhor Livingstone, aceitando a taça de vinho.

— E que parte é essa? Ela não faz outra coisa a não ser repetir que lhe ofereceram uma promoção na Ogilvy & Mather. Não estou a prestar grande atenção e já é a terceira vez que o diz.

— Quando resolve o assassinio.

— Não é a Miss Fisher autêntica.

— Desde quando é que perdeste todo o romantismo?

— Desde que me dou com escritores.

Vendo que o apaixonado discurso se prolongava, Sioban serviu-se de uma porção das famosas amêijoas com molho verde. Estavam mesmo deliciosas, era o que diria à amiga assim que esta deixasse de fazer perguntas incómodas à sua ex-futura-nora.

— Fazes ideia de para onde é que terão ido o John e a Agnes? — perguntou a Edward depois de lhe passar uma bandeja de canapés de aparência duvidosa.

— Para Troia?

— Não te faças de despistado, tu sabes alguma coisa sobre o rapto da bela Helena. Estavas esquisitíssimo há bocado.

— Estou esquisitíssimo desde que aprendi a ler, coração. — O senhor Livingstone sentia muita ternura por Sioban se esquecer tantas vezes das suas excentricidades, parecia-lhe uma prova do seu amor. — Mas se te referes ao facto de me ter encolerizado com a possibilidade de o inspetor estar a brincar com os sentimentos da minha ajudante...

A editora encaixou a última peça do *puzzle* e ficou espantada com a manta aveludada que cobriu nesse momento o seu coração. Edward, o livreiro espirra-canivetes, o colecionador despistado de livros ilustrados, o único habitante do planeta que era senhor da Lua a tempo inteiro, tinha sido capaz de ver com outros olhos. Não apenas se havia apercebido da admiração de John por Agnes — coisa de que nem sequer Sioban, que se gabava de ter uma

insensibilidade especial derivada da literatura, se dera conta —, como também se tinha transformado, com paixão shakespeariana, num paladino da rapariga. Depois de tantos anos com aquele misantropo ensimesmado e maníaco, este ainda era capaz de a surpreender como guardião defensor da justiça amorosa. Dissimulou o quanto a tinha comovido e aperceber-se disto e pegou na mão dele por baixo da mesa.

— O que foi? — admirou-se o senhor Livingstone.

— Nada — retrucou ela. *Tudo*, pensou.

Quando saíram de casa dos Lockwoods, depois de aguentarem de pé, e com uma garrafa de vinho branco no bucho, as trezentas e cinquenta e uma desculpas de Anne e de Miss Fisher, além da ébria indiferença de David, Edward e Sioban entraram no táxi que os esperava e partiram rumo ao apartamento dela. O carro atravessava vagarosamente as ruas quase desertas, navegando entre a névoa espessa da noite enquanto o coração da editora bailava uma rumba compassada. Estavam a passar em frente da estação de Paddington, a caminho de Notting Hill, quando, apoderada de uma impaciente inspiração, indicou ao condutor que os deixasse ao pé dos Kensington Gardens. Agarrou com força na mão de Edward e puxou-o até encontrar uma das cancelas da entrada.

— Não é que não aprecie o romantismo de morrer congelado, por entre o nevoeiro, às portas destes belos jardins — disse o senhor Livingstone com a sua calma habitual —, mas, numa escala de zero a dez, quão ébria estás?

— Cala-te, Edward. Isto não tem nada que ver com o vinho.

Sioban estendeu-lhe os seus sapatos de tacão e apressou-se a escalar a porta de ferro pintado de preto com uma surpreendente facilidade. Quando chegou ao outro lado, reclamou o seu calçado e incentivou o homem a seguir-lhe as pisadas. O senhor Livingstone fez-se rogado. Podia entender que um livreiro inglês doente de romantismo saltasse a vedação do cemitério de Highgate para chorar às escondidas sobre a tumba da sua amante ilícita, mas expor-se à humidade e ao frio numa noite de dezembro para visitar uns jardins de duvidoso interesse botânico...

— Querida, se algum agente da lei nos vier indicar a nossa infração, relembro-te de que neste momento não estou no que se pode considerar precisamente as melhores relações com a Scotland Yard.

— Não sejas cobarde.

— Está bem, qualquer amante é um soldado em guerra.

— Vais saltar ou vais ficar aí a noite toda a recitar Ovídio?

Custou um pouco mais ao senhor Livingstone do que à sua companheira galgar a alta vedação de ferro que fechava os jardins de Kensington aos vagabundos noturnos e outros poetas vitorianos. Quando conseguiu o feito, recompôs a roupa e lançou um olhar triunfal à sua editora, que continha o riso com bastante êxito.

— Não foi nestes jardins que se perdeu o Peter Pan? — perguntou ela.

Entrelaçou o braço no de Edward e começou a andar em direção ao coração do parque.

— Não se perdeu — precisou o senhor Livingstone. — O Peter não era uma criança perdida. Saltou do seu carrocim e abandonou a ama quando compreendeu que os adultos esperavam que ele crescesse. Mas, sim, foi nestes jardins. Há uma estátua sua, se bem me lembro, na direção sul.

Sioban deixou-o falar. Outra das muitas coisas que admirava em Edward era o seu respeito pelas raridades alheias. O livreiro sentia uma autêntica paixão por aquelas zonas inexploradas nos mapas dos demais. Adorava pousar os dedos no *hic sunt dracones* das cartografias antigas e especular com a imaginação sobre as maravilhas ali escondidas. Por isso, quando Sioban fizera o táxi parar no meio de nenhures e o convidara a acompanhá-la na sua aventura profanadora de jardins alheios, nenhuma palavra de censura se escapara dos seus lábios.

A editora loura escolheu um carvalho especialmente antigo e robusto, estendeu sob a proteção dos respetivos altos ramos o seu cachecol de lã e puxou Edward até conseguir que este se sentasse ao seu lado.

— Ninguém nos vai dedicar uma estátua se esta noite decidirmos deixar de crescer para sempre — sussurrou, muito próxima dele.

Subitamente emocionado, ou talvez porque os dedos rígidos do frio invernal o tinham levado a tal, o livreiro envolveu-a num meio abraço apertado.

— Edward Livingstone — segredou Sioban com cuidadosa pronúncia ao ouvido dele —, dar-me-ias a enorme honra de casares comigo?

Se um meteorito gigante tivesse caído nesse momento sobre os Kensington Gardens, teria sido muito provável que o senhor Livingstone se limitasse a levantar uma sobrancelha antes de comentar algum detalhe interessante sobre a extinção dos dinossauros ou sobre a justa destruição da Serpentine Bridge. Mas o impacto das palavras de Sioban não se podia comparar em grandiosidade e efeito com o de nenhum meteorito gigante. Edward sentiu que um nó de emoção se lhe formava na garganta e que o seu estômago se encolhia de pura felicidade. Pela primeira vez na sua vida adulta, não encontrou nenhuma citação que se adequasse, pois nada na literatura podia glosar semelhante boa fortuna.

— A honra é toda minha — respondeu ele, antes de a beijar.

Reparou na sua bochecha húmida pelas lágrimas, ainda que apenas lhe tenha tremido a mão ao levá-la ao rosto da amada para as secar. Contemplou os seus incríveis olhos à luz da lua e das estrelas e compadeceu-se do pobre Oliver, que nunca teria, nem sequer com o seu telescópio, uma idêntica compreensão do Universo.

Edward perguntou-lhe o que tinha feito com que ela mudasse de ideias.

— Apercebi-me de que te amava muito — respondeu ela.

— Não o sabias durante estes anos todos?

— Vou dizer-te por outras palavras: sabia que te amava, mas não sabia como te amava.

— E como é que me amas?

— Acima de qualquer preconceito em relação ao matrimónio.

Sioban explicou-lhe que, durante a estranha refeição em casa dos Lockwoods, tinha ficado comovida com a ternura com a qual ele tinha saído em defesa de Agnes.

— Sei como é difícil para ti interessares-te pelo mundo além dos vidros da montra da tua livraria — disse-lhe ela. — Se havia alguém naquela sala que sabia o verdadeiro valor da tua atitude, era eu.

— Por bombardear o inspetor Lockwood com uma catrefada de citações de Will?

— Não — confiou-lhe Sioban, após um longo beijo. — Por seres um dos poucos seres humanos que conheço capazes de enfrentar a injustiça.

Estiveram a beijar-se e a sussurrar promessas e tolices durante um bom bocado, até que o silêncio da noite se impôs e, com vagar, recuperaram os seus antigos seres. Mas já nada era igual sob a pele de ambos, o Edward e a Sioban de agora eram ligeiramente melhores. Talvez por terem aceitado o Para Sempre nos seus corações.

— Pediste-me em casamento porque estás falida por causa das cartas de Tolkien?

— Podes ter a certeza absoluta de que é essa a razão. — Sioban riu-se, descansando a cabeça sobre o ombro dele.

— Obrigado, John Ronald Reuel Tolkien — pronunciou o senhor Livingstone, erguendo o olhar para a alta copa do carvalho que os abrigava, com um sorriso de profunda satisfação.

John estava tão nervoso quando saiu para a rua que nem sequer se deu conta do frio, da humidade e da densa névoa que se apoderara da cidade. Preocupado com a pessoa que levava agarrada pela mão, notou, isso sim, um leve tremor que se apoderou dela assim que seguiram pela Gower Street. Tirou o seu cachecol azul de lã, parou um momento e envolveu-o com cuidado em redor do pescoço de Agnes Martí.

— O cachecol é da cor dos teus olhos — disse a jovem mulher, a tiritar, para quebrar um silêncio que lhe era incómodo.

— Temos de nos despachar, porque não quero que seja da mesma cor dos teus lábios.

— Mas para onde vamos?

Quando John se escapara da sala de jantar dos seus pais, deixando para Sarah a árdua tarefa de dar explicações, não tinha nenhuma ideia sobre o destino da sua fuga. Não havia pensado em mais nada além de se livrar da loucura temporária do senhor Livingstone e do peso da sua própria culpa. E, ainda que naquela mesma noite as Parcas do destino fossem decidir se John e as excentricidades do proprietário da Moonlight Books voltariam a coincidir na mesma divisão, não encontrava um sítio onde reconciliar-se com a fada descalça de desconcertados olhos castanhos. Só quando a Gower Street se transformou na Bloomsbury Street é que soube para onde dirigir os seus passos. Tinha uma boa capacidade de improvisação de planos de campanha, inclusive em tempos de paz.

— É uma surpresa — disse, sem lhe soltar a mão. — Mas também é um lugar tranquilo onde te vou poder explicar a pequena confusão desta noite.

— Não tens de me dar nenhuma explicação.

— Por favor, deixa-me fazê-lo. Preciso disso. Embora ainda não saiba por onde começar. Nunca consegui perceber porque é mais simples enganar as pessoas e tão complicado contar-lhes a verdade.

— Porque é sempre mais fácil acreditar no que é mau.

Agnes compreendera, assim que John a sequestrara do jantar infernal, que nada podia ser tão terrível como parecia. Na sala de jantar dos Lockwoods, superado o primeiro instante de perplexidade ante o anúncio do compromisso, seguido do ataque insofrível de personalidade de David, sucumbira a uma pontada de dor. Reconhecia que se deixara envolver com rapidez por uma tristeza asfixiante; não tanto por ter começado a criar ilusões quanto à probabilidade de começar algo com John, mas devido à decepção que implicava

de descobrir que alguém que acreditamos ser honesto possa ter comportamentos tão enganadores. Agnes, que era uma firme partidária de não arriscar para não sofrer nenhuma consequência má, passou por cima de todos os seus princípios ao abandonar a rotina e instalar-se em Londres em busca de uma oportunidade de trabalho. No entanto, apesar da sua valentia, continuava a duvidar quando Jasmine a empurrava para o desconhecido.

— Se te fechas nessa carapaça tão dura que tens, perdes a oportunidade de conhecer muita gente interessante — dizia-lhe sempre que Agnes recusava o convite para sair com os amigos dela.

— A maioria das pessoas não é interessante, é mesquinha.

— O teu senhor Livingstone começou a acreditar em coisas como essa e olha como é que acabou.

— Como?

— A viver através dos livros.

— Então tem a melhor das vidas.

Jasmine refletira durante um bocado e reconheceu a sua derrota.

— É verdade. Não escolhi o exemplo certo. Mas tens de arriscar mais, a malevolência humana vai alcançar-te sob todo o tipo de formas, mesmo que fiques fechada neste quarto. Infelizmente, minha amiga, não nos podemos excluir do mundo.

— A menos que a gente vá viver para a floresta. Como Thoreau.

— Com um machado?

— Vou aprender a usá-lo se for preciso.

Jasmine sacudiu a cabeça energicamente, não conseguia imaginar a delicada arqueóloga a cortar árvores com um machado.

— Esse tipo de vida já não existe — assegurou-lhe. — O governo ia dar cabo de ti com impostos por construíres uma cabanita, multar-te por cultivares sem pesticidas homologados e enviar-te legiões de inspetores sanitários, psicólogos e assistentes sociais dedicados a pessoas em risco de exclusão social. A tua vida seria um inferno. A polícia ia deter-te por suposto perigo de incêndio florestal por cozinhares ali, ou algo do género, e o John Lockwood teria de te ir buscar à prisão. Pelo que voltamos ao ponto de partida.

— Mas que ponto de partida?

— O de ter um inspetor jeitoso na tua vida.

— Não estávamos a falar do John.

— Mas está tudo relacionado.

— Com o quê?

— Com o amor.

Quicá pela sua natureza confiante, ou talvez porque Jasmine a tinha contagiado com algum do seu férreo otimismo, mas sobretudo porque caminhava em plena noite de mão dada com John Lockwood, suspeitava de que devia formular algumas perguntas antes de tomar como certo o surpreendente anúncio do compromisso do polícia com a bela publicitária da Ogilvy. Decidiu, com a sua habitual sabedoria, esperar que John encontrasse o momento e o lugar para lhe esclarecer a situação antes de perder toda a esperança. Não é como se ele se tivesse declarado a ela naquele dia no Jubilee, mas olhara-a daquela maneira, com o azul dos seus olhos tão carregado de promessas... E, apesar de não estar a usufruir das

prometidas festividades tranquilas este ano, escapar de um jantar de uma família inglesa e correr por entre o molho de ervilhas com tão inusual companhia também não estava nada mal. Inspirou profundamente o frio ar noturno e guardou todas as perguntas no bolso. *Vive o momento*, pensou. *Vais sempre a tempo de te mudares para a floresta e de te tornares a dor de cabeça dos inspetores sanitários.*

Caminhavam depressa, quase a trote, pelas ruas desertas e de escasso trânsito, correndo contra o frio. Então, ao virar na esquina para a esquerda em direção à Great Russell Street, Agnes perdeu o fôlego. Sabia exatamente onde estava. John não se deteve na grande praça quadrada de cimento cinzento que antecedia o belo pórtico neoclássico, mas, em vez disso, encaminhou-se para o extremo oriental do edifício. Chamou pela discreta porta metálica e, pouco tempo depois, saiu de lá um dos guardas do turno da noite. Lockwood identificou-se como inspetor da Scotland Yard e entregou o seu crachá ao homem para comprovar a sua identidade.

— Se me fizesse a amabilidade de avisar o Clive Judge, por favor.

O guarda deixou-os passar e chamou o seu companheiro pelo *walkie-talkie*. Agnes, ainda de respiração entrecortada, contemplou a bela magnificência do Grande Átrio do British Museum sob a cúpula noturna de vidro e aço de Norman Forster.

— Não posso acreditar que estamos aqui — sussurrou ela.

John conteve o sorriso, atento às indicações do guarda.

— Ele chegará num minuto, inspetor Lockwood.

Clive Judge era um homem pequenino e redondo que dava a sensação de estar muito à vontade dentro do uniforme e, em geral, dentro do planeta Terra. Aproximou-se deles a passos largos, tão grandes quanto lho permitiam as curtas pernas, com a cara rubicunda e feliz das pessoas que sabem desfrutar da vida e não a estragar para os restantes. Assim que o apanhou a uma distância acessível, abraçou John e deu-lhe uma palmada nas costas com uma força inesperada para um homem da sua estatura.

— Feliz Natal, meu amigo. — A sua voz cantante competia com os guizos do trenó do Pai Natal. — Mas que fazes tu aqui? É a noite para se jantar em família.

— Olha quem fala. Esta é a Agnes Martí, uma boa amiga a quem gostaria de oferecer uma visita noturna, com a tua permissão.

Clive observou Agnes com aprovação, como se solicitar uma ronda noturna no British fosse apenas uma prerrogativa das mais sublimes sensibilidades. Cumprimentou a rapariga com um aperto de mão e convidou-os a acompanhá-lo.

— Não me ocorre um presente de Natal mais especial do que este — disse ele, muito sério.

Os dois homens dedicaram os seguintes minutos a perguntar pelas respetivas famílias e projetos profissionais, assim como pelos amigos em comum, e a recordar alguma anedota do passado. Satisfeita a amistosa curiosidade, Clive posicionou os seus visitantes sob o mesmo centro da linda cúpula e contou a Agnes alguns detalhes sobre o edifício.

— O British Museum abriu pela primeira vez as suas portas ao público em 1759 — pronunciou solenemente —, na mansão Montagu, aqui no bairro de Bloomsbury. Mas tornou-se um espaço pequeno a uma velocidade assombrosa, principalmente devido à amplitude das coleções etnográficas, de história natural e da biblioteca. Por isso, em 1852,

começou a construir-se este edifício neoclássico, desenhado por Robert Smirke. O frontão da fachada principal é de Richard Westmacott.

» A sua construção só finalizou em 1857, com a sala circular onde nos encontramos. Para ganhar espaço, a cidade inaugurou, por sua vez, o Museu de História Natural, que albergou a coleção correspondente do British; e a sua extensa biblioteca, a British Library, encontrou também a respetiva morada junto a Saint Pancras, como já devem saber. No ano 2000, ampliou-se o edifício com o famoso Grande Átrio da rainha Isabel II, o coração do museu, desenhado pelo arquiteto Norman Foster. Não se trata apenas da maior praça coberta da Europa; também é uma das mais belas. E a sua cúpula espetacular, com uma armação de aço, tem mais de mil e quinhentos pares de vidros. O Louvre não consegue competir.

Agnes pensou que, embora o senhor Livingstone tivesse encontrado defeitos na construção vitoriana do British, teria concordado com esta última observação de Clive.

— Por onde querem começar? — perguntou o guarda. — Vou estar atento aos sensores de movimento das salas que indicarem.

John convidou-a a tomar a iniciativa.

— A Pedra de Roseta — afirmou, sem hesitar nem por um segundo. — E depois o Pártenon.

Clive voltou a observá-la com admiração e assentiu com a cabeça, como um mestre experiente que louvava em silêncio a boa eleição do vinho que iria acompanhar a refeição.

— Então, deixo-vos aqui — disse ele, apontando para a entrada da sala em que estava exposta a famosa pedra que Champollion decifrou. — A coleção do Pártenon está...

— Na sala Duveen — adiantou-se Agnes —, neste mesmo andar, passaremos pela Assíria.

— Exatamente — corroborou Clive. — Foi projetada por John Russell Pope, mas acabou danificada nos bombardeamentos alemães da Segunda Guerra Mundial e foi reconstruída em princípios dos anos sessenta.

— Estás a dar-me uma dor de cabeça — comentou John, que começava a arrepender-se ligeiramente da escolha do seu presente natalício.

Clive soltou uma breve gargalhada, voltou a dar umas palmadas nas costas do amigo e desejou-lhe a mais agradável das visitas.

— Sem pressas — advertiu —, porque amanhã não abrimos. Mas não se vão embora sem se despedirem, ou cairá sobre vocês a maldição de Howard Carter.

John assegurou-lhe que nem por toda a coleção egípcia do British lhe ocorreria semelhante disparate.

— Disfrutem da visita.

Sentindo-se como formigas na imensidão dos mármorees altos do impressionante museu, Agnes e John cobriram a breve distância que os separava da Roseta. Os seus passos sobre o chão polido mal ressoavam, como se também tivesse nevado dentro do edifício e um tapete branco e fofo lhes amortecesse o caminho. O silêncio tornara-se tão esmagador que nenhum dos dois ousou quebrá-lo.

Alguns minutos depois de ter deixado para trás a urna de vidro da Roseta e atravessado toda a coleção assíria, Agnes irrompeu na sala Duveen e soltou um sonoro suspiro de

admiração ao ver os frisos e as esculturas do Pártenon. Apesar de ter ali estado outras vezes, era a primeira visita em que não havia mais ninguém na sala. A quietude convidava à contemplação.

— Quantas vezes é que já estiveste aqui? — perguntou John, adivinhando os seus pensamentos.

— Algumas.

Agnes percorreu a exposição dos mármore de Elgin num silêncio reverente, desfrutando dos detalhes e da nova perspectiva sob a solitude noturna. Movia-se na penumbra agradável das luzes de emergência, o protagonismo de cada uma das peças destacado pelos respetivos focos. Deteve-se perante as esculturas do frontão oriental de Fídias que representavam Atena, Zeus e o resto dos deuses, possivelmente um dos conjuntos esculturais mais belos e de maior complexidade do mundo.

John deixou-a vaguear pela sala, contemplando-a a uma distância prudente conforme ela se deleitava com as esculturas como se fosse a primeira vez. Desde que escapara da casa dos seus pais, queimava-lhe na garganta uma explicação para o seu comportamento. Precisava de lhe contar que Sarah pertencia ao passado, esclarecer-lhe os termos do acordo a que tinham chegado temporariamente; pedir-lhe desculpa pelo mal-entendido, por deixar que pensasse — ainda que tivesse sido apenas por um minuto — que o seu passeio sob a neve não tivera maior valor do que uma miragem. Lockwood queria pronunciar em voz alta que se tinha apaixonado, mas, de alguma forma, o passeio através do frio e da névoa e a solenidade daquela visita noturna ao British não haviam propiciado o momento para qualquer explicação. Comovia-o profundamente o silêncio de Agnes, a sua coibição em fazer perguntas ou em mostrar-se incomodada com o episódio que sucedera durante o jantar; como se o mero ato de deixar transparecer o seu desencanto, a sua dúvida ou a sua desilusão a expusesse de maneira insuportável ao juízo de John.

Alheia aos pensamentos do polícia, a arqueóloga sentia, na presença daquele pedaço de património universal, assaltarem-lhe as recordações dos seus verões em Oxirrínco. Podia facilmente imaginar o que tinham sentido Carter, Clark ou Petrie, aquele sentimento de insignificância ante tal testemunho da História, aquela emocionante porta para o passado que era o Pártenon. Momentos assim relembravam-lhe porque tinha decidido continuar a afirmar-se como arqueóloga quando o seu único meio de subsistência era uma pequena livraria no coração de Temple.

Ao fim de algum tempo, ainda emocionada em frente do frontão oriental de Fídias, voltou-se para John e sorriu com timidez.

— Obrigada por este extraordinário presente de Natal.

O inspetor Lockwood levantava-se todas as manhãs com o desejo de lutar contras as pequenas injustiças humanas e, simultaneamente, com a esperança de que chegasse o dia em que tal não fosse necessário. Talvez aquele não fosse o dia em que ia acontecer esse milagre, mas precisamente ali, com os deuses de pedra como testemunhas mudas, num dos templos antigos conservados mais extraordinários da civilização, ia cumprir-se outro dos seus sonhos.

Dominado pela impaciência, incapaz de manter durante mais tempo a distância que o separava da fada descalça do senhor Livingstone, John atravessou a sala, postou-se a escassos

centímetros da jovem mulher e envolveu com as suas mãos de soldado o delicado rosto de pele branca. Pensou que nenhum tesouro alojado naquele edifício poderia comparar-se àquele par de enormes olhos castanhos que sustinham o seu olhar com alguma surpresa.

— Isso digo eu — pronunciou John com voz rouca, mesmo antes de a beijar.

Existem beijos capazes de parar o mundo. Paralisam o ar em redor, congelam o tempo e deixam em suspenso o pensamento. A própria vida mantém-se quieta, receosa de quebrar com o seu pulsar o feitiço de tão extraordinário encontro. Apenas as crianças que alguma vez aplaudiram com força porque acreditavam em fadas podem compreender em adultos que existam beijos assim, capazes de parar o tempo.

Foram as badaladas da vizinha St Martin's Church, a anunciar a meia-noite, que voltaram a pôr em funcionamento o relógio do British Museum.

— Feliz Natal — disse John, separando-se uns centímetros dos tentadores lábios da fada.

Agnes repetiu em voz alta o seu desejo, mas não ousou mexer-se, continuava presa no conjuro daquele primeiro beijo, com as pernas tremelicantes e uma sensação de vertigem no estômago, com a recordação da carícia de outras mãos na pele. Todavia, incapaz de desfazer o refúgio no qual a mantinha entre os braços, o inspetor Lockwood aprofundou o olhar naqueles incríveis olhos castanhos e pronunciou em voz baixa:

— É verdade o que dizem. Não há nada mais bonito do que uma manhã de Natal.

— Ainda é de noite.

— Mas já é outro dia. Não há escuridão quando estás comigo.

Voltou a beijá-la, devagar, em silêncio, como se o British não fosse mais do que um imenso globo de vidro, daqueles que contêm tempestades de neve no seu interior quando se agitam, pequenas bolhas de magia em mãos infantis. Os deuses decapitados de Fídias maldisseram o facto de não terem olhos para contemplar tão prodigioso instante.

John pegou nos casacos e estendeu-os sobre o chão, ao pé da base do frontão oriental do Pártenon. Segurou nas mãos de Agnes e deitaram-se sobre o leito improvisado, com o cachecol azul a fazer de almofada, o longuíssimo cabelo dela como uma suave cascata ondulada que contrastava com os seus tons de chocolate e caramelo. Dali tinham uma visão ampla do teto apainelado com motivos dóricos.

— Não é tão romântico como observar as estrelas — comentou o inspetor.

— O British não tem teto, é infinito.

Agnes dobrou o cachecol e os casacos debaixo das suas cabeças para atingir um melhor ângulo de inclinação. Quando voltou a encostar-se, conseguiam ver as impressionantes esculturas e relevos gregos.

— Friso este, oeste e sul — indicou a arqueóloga à medida que apontava para os diferentes fragmentos escultóricos. — Foram esculpidos por Fídias e pelos artesãos da sua escola entre os anos 443 e 438 antes de Cristo. O meu orientador da tese, embora se tenha especializado no Império Antigo egípcio, reconhecia que era a obra escultural mais bela feita pela mão humana.

John virou a cabeça para ela, observou o seu perfil suave na penumbra das luzes de emergência e pensou que discordava da opinião do professor. Ele achava-se na presença da

obra mais bela que alguma vez tivera a sorte de contemplar, e, mais concretamente, esta não estava esculpida em mármore branco.

— Chamam-lhes os mármore de Elgin, porque foi Thomas Bruce, conde de Elgin, quem ordenou a sua transferência de Atenas para Londres em 1801 a fim de os proteger das agressões ambientais e da falta de vontade de conservação *in situ* daquela época. Desde finais do século passado, a Grécia reclamou a sua devolução em muitas ocasiões, mas a Grã-Bretanha continua a contestar com relutância a sua petição.

— Ah, as malvadas políticas do Império.

— Nenhuma nação está livre de maldade, historicamente falando.

— Achas que deviam regressar a Atenas? — perguntou John, fazendo um pequeno gesto com a cabeça na sua direção.

— Não sei. Acontece a mesma coisa com imensas peças egípcias. Se os arqueólogos britânicos e franceses, na sua maioria, não tivessem levado os respetivos descobrimentos para os seus países, hoje o património não seria tão valioso; ter-se-ia perdido tudo entre os profanadores de tumbas, o mercado negro de antiguidades, atos de destruição terroristas, guerras e a monstruosa corrupção dos governos do Cairo. Eram tempos selvagens e, no século dezanove, a Europa era um lugar relativamente mais seguro para estes tesouros.

— Todas as eras são selvagens — interveio John, consciente dos seus dias no exército ou dos atuais polícias com colete à prova de balas no aeroporto. — Agora estas relíquias não estão seguras em lugar nenhum.

— Não são relíquias, nem tesouros, são o testemunho cultural de outras civilizações. Pertencem a toda a humanidade e, por isso mesmo, pelo seu carácter universal, não devia importar o país ou o museu em que estão expostas.

— O problema, então, é que ainda somos incapazes de nos percebermos a nós mesmos como humanidade sem realçar as diferenças de raça, religião, género ou ideologia.

— Mas já nada é seguro — sussurrou Agnes com a voz sufocada pela tristeza.

John apoiou-se num cotovelo e inclinou-se para ela. Com a mão livre, acariciou os seus suaves e compridos cabelos castanhos e deteve-a na bochecha dela.

— Há várias coisas que são — disse, antes de a beijar com ternura.

Agnes lembrou-se das palavras de Jasmine sobre o amor não ser uma questão de tempo, mas de certezas, e, pela primeira vez, atreveu-se a tocar em John sem medo de que este desaparecesse com a primeira luz do dia.

Foram interrompidos por um tossicar nervoso, amplificado pelo eco dos tetos altos e da sala vazia.

— John, lamento incomodar-vos — disse Clive Judge, a partir do dintel da galeria do Pártenon. — Sabes que estás rodeado de câmaras de segurança, não sabes?

Depois de garantir ao seu amigo que encontrara o único ângulo morto da sala, Lockwood pôs-se de pé e prontificou-se a acompanhar Clive.

— Já volto — prometeu ele a Agnes. — Não desates a fugir, por favor.

— Impressionaste-a, hã? — brincou o guarda noturno, no seguimento da sua última frase, assim que ficaram longe do alcance dos ouvidos da rapariga.

— São todas estas esculturas.

— Se a rapariga é arqueóloga, não me parece que desate aos pulos por causa de umas

quantas peças de mármore mal iluminadas pelas luzes de emergência.

— Não acho que esteja a ver uma alternativa.

John regressou à sala do Pártenon empunhando um pequeno carrinho metálico carregado com chávenas, um bule fumegante, bolinhos de canela, madalenas de nata, torradas, manteiga e marmelada de alperce e laranja doce. Relembrou Agnes de que se tinham evadido da casa dos seus pais sem comer e que nenhuma visita ao British ficava completa sem provar o serviço de *catering*. Serviu o chá nas chávenas e dispôs o pequeno piquenique no chão, sobre um enorme guardanapo esticado ao pé dos casacos, que constituíam a sua ilha de calor na imensidão do mármore circundante.

— *Breakfast at Tiffany's* — brincou Agnes quando se viu diante do pequeno banquete.

— Suponho que para uma arqueóloga isto seja melhor do que a *Tiffany's*.

A rapariga admirou as chávenas a condizer com o bonito bule de porcelana cor-de-rosa e florzinhas azuis. Notava uma sensação de irrealidade, como se tudo aquilo não passasse de um oásis a meio caminho entre as brumas do sonho e a dura nitidez da vigília.

Sentado no chão, com as pernas cruzadas e o olhar fixo nos olhos castanhos de Agnes, enquanto mexia, distraído, o seu chá sem açúcar, John finalmente contou-lhe a sua história com Sarah.

— Estivemos juntos mais de um ano, até nos comprometermos a casar um com o outro, apesar de nos últimos meses ambos sabermos que já tínhamos perdido esse comboio. Suponho que demorámos a abordar essa certeza porque as nossas famílias estavam entusiasmadas com a possibilidade de um casamento e porque a Sarah tinha idealizado a nossa relação. Acho que gostava da ideia de nós os dois como casal mais do que da realidade de sermos mesmo um casal, não sei se me faço entender. Suponho que se deixou levar por todas as vezes que tivemos de ouvir a lengalenga do «fazem um par tão bonito».

Agnes assentiu conforme mordiscava uma torrada. Amanheceria em breve e a primeira luz do novo dia, através da majestosa cúpula zenital, dotaria de um branco resplandecente as enormes colunas de mármore. As sombras cederiam com suavidade à fantástica arquitetura que haviam abraçado durante a noite e os deuses do Pártenon perderiam parte do seu mistério. Perguntou-se como fora capaz de pensar que o chá no Jubilee seria insuperável.

A arqueóloga aprendiz de livreira tinha o cabelo revoltado, as maçãs do rosto coradas e os lábios mais vermelhos do que o habitual. John estava despenteado, e o seu fato escuro precisava de ser passado a ferro. Mas ambos partilhavam o olhar brilhante e novo de quem acaba de se estrear no amor numa noite de inverno.

— A Sarah pediu-me que esperássemos até depois das festividades para contar aos nossos pais que nos tínhamos separado há meses. Em breve, ela vai viver para Hong Kong e queria ter um Natal tranquilo antes de largar mais esta bomba em cima da sua família.

— Eu também queria um Natal tranquilo.

John virou as palmas das mãos para cima e olhou em redor com uma expressão divertida.

— Mais tranquilo do que isto?

Agnes agarrou numa das suas mãos e pô-la sobre o seu coração.

— Mais tranquilo do que isto — disse-lhe, olhando-o nos olhos, partilhando com ele os seus batimentos acelerados.

Lockwood, que dava por si com menos forças do que pensava de cada vez que se propunha a manter a distância daquela rapariga, inclinou-se para a voltar a beijar.

— Não sei o que vou fazer, Agnes Martí — pronunciou contra os seus lábios —, estou perdido desde que te vi naquela noite na livraria, com os pés descalços e o cabelo longo a flutuar à tua volta. A olhar para mim exatamente da mesma maneira como me olhas agora.

— Como?

— Como se visses em mim todos os futuros do mundo.

John conduziu lentamente pelas ruas fantasmais de uma cidade quase vazia, desfrutando do silêncio, da ausência de trânsito e dos tímidos raios do primeiro sol da manhã. Já não havia rasto da espessa neblina da noite, como se a própria meteorologia desejasse oferecer o seu rosto mais simpático nessa manhã de Natal. Sentiam no estômago — a sobrevoar o pequeno-almoço de bolinhos e tostas com marmelada — as borboletas da noite passada em claro devido ao amor recém-estreado.

— Oh, não — queixou-se, compungido, o inspetor.

— O que foi?

— Acabo de me lembrar de que tenho de pedir desculpa ao senhor Livingstone. Não teerias, não tem graça. Ele diz que simpatizou comigo.

— Então, qual é o problema?

— O problema é precisamente esse, ele espera grandes coisas de mim.

Agnes voltou-se no seu assento e observou-o com o riso a bailar-lhe nos olhos.

— Todos nós esperamos grandes coisas de ti — disse ela. — A culpa é tua. Depois daquela entrada espetacular na livraria, durante a tempestade, é normal que tenhamos a fasquia bem alta em relação às tuas possibilidades.

— Muito engraçadinha.

— Deste cabo das campainhas do senhor Livingstone.

— E assustei o contabilista dele.

— As gravatas dele é que assustam.

— Não fui capaz de encontrar aquele maldito diário — assinalou, entristecido. — Vou passar pela livraria e recomendar-lhe que apresente uma denúncia pelos canais oficiais. Espero que me dê ouvidos.

— Vai fechar alguns dias para férias — avisou-o Agnes —, mas acho que o vais conseguir encontrar por lá de qualquer maneira.

— Porquê?

— Porque é a Moonlight Books, e ele é o Edward Livingstone.

Quando chegaram à morada em Kensington que Agnes lhe indicara, John estacionou o carro numa rua paralela e caminharam até à porta de casa. Apesar da renitência da jovem mulher, ele insistira em acompanhá-la à Waterloo Station, de onde partia o seu comboio para Surrey.

— Vou subir para ir buscar a minha mala e já volto.

— Está bem.

— John?

— Sim?

— Se não me soltares, não consigo ir.

— Claro, que estupidez.

— Ao virar da esquina está o Darkness & Shadow, porque não esperas por lá? De qualquer forma, combinei encontrar-me no *pub* com o R. Cadwallader.

Agnes contara-lhe a história de como tinham conhecido o cozinheiro galês e sobre a curiosa relação que surgira entre ele e Jasmine. John insistiu em levá-los a ambos até à estação.

— Agora sabia-me bem um café — declarou o inspetor. — Preciso de estar bem desperto para enfrentar as perguntas da minha mãe e a palestra do meu pai sobre já estar na hora de saber o que fazer com a minha vida.

— Pensava que já sabias.

— Mas ele não sabe.

Agnes deu-lhe um beijo rápido nos lábios.

— Até já.

— Espero por ti no Darkness.

— John?

— Hã?

— Ainda não me soltaste.

Embora não pensasse dizê-lo em voz alta, o inspetor Lockwood temia que, se a deixasse ir, a fada descalça desatasse a voar sobre os telhados de Londres, até à segunda estrela à direita e sempre em frente até ao amanhecer.

Quando John entrou na escuridão de madeira, espadas e fotografias de mineiros que era o Darkness & Shadow, não soube dizer quem teria ficado mais desconcertado, se o indivíduo barbudo atrás do balcão ou ele próprio.

— Não servimos empadas de carne — apressou-se a esclarecer Michael Drake. Não se esquecera da história que os clientes mais antigos lhe contaram sobre como a polícia, nos anos 20 do século anterior, multara e encerrara o Darkness & Shadow por ir contra a lei que proibia vender *mince pie* no Natal. — E estamos quase a fechar. Só a fazer o inventário.

— Só quero um café — pediu John.

Interrogou-se que tipo de negócio era aquele em que se fazia o inventário e se recebia os clientes avisando-os sobre a ausência de empadas de carne no dia de Natal. Mas, como o mais jovem dos Drakes não tardou em colocar à sua frente uma chávena fumegante de excelente café e uma levíssima madalena de mirtilos, decidiu que não lhe importavam as excentricidades festivas de nenhum barista de Kensington.

A madalena fora uma cortesia natalícia de R. Cadwallader, que saiu da cozinha e se sentou ao pé de John depois de cumprimentar os presentes com um grunhido ininteligível. Segundo as características descritas por Agnes, o inspetor supôs que aquele armário ruivo seria a sua escolta até Surrey. Um tanto intimidado pela silenciosa mole do cozinheiro, terminou o café e tentou cruzar o olhar com o de Michael Drake à procura de apoio moral,

mas o *barman* parecia subitamente concentrado na disposição de uma linha perfeita de vasos altos.

Como o anjo que John suspeitava que era, Agnes surgiu à porta do *pub* carregada com uma volumosa mala de viagem, enchendo tudo com a luz do exterior.

— Ah, já estamos todos despachados. Vamos?

Lockwood e Cadwallader puseram-se de pé como um só homem.

— Feliz Natal, Michael — despediu-se a rapariga.

— Pobrezinha — disse Solomon Drake, juntando-se ao filho atrás do balcão enquanto eles se iam embora —, a ter de passar o Natal com semelhante besta.

— Embora as suas madalenas de mirtilos sejam excelentes — fez notar Michael.

O proprietário do Darkness teve de lhe dar razão.

A despedida na Waterloo Station foi rápida e de poucas palavras, tal como a viagem de carro até lá. No átrio da estação, R. Cadwallader, taciturno e cortês, ofereceu-se para ir comprar os bilhetes e dar-lhes um momento a sós. O casal trocou números de telefone e os dois fitaram-se sem saber como se despedir. A sua intimidade havia durado apenas umas horas, pouco tempo para o amor e ainda menos para as palavras.

John tinha a terrível sensação de que aquele adeus era um prelúdio do fim, de que Agnes se afastava sem bilhete para regressar. Não se arrependia de lhe ter participado os seus sentimentos, pois pensava que o equívoco com Sarah o brindara com uma oportunidade que não hesitara em aproveitar. Mas agora, incapaz de desfazer o abraço no qual a retina, não encontrava as palavras certas para lhe dizer que teria saudades suas, embora ela nunca tivesse feito parte do seu dia a dia além do pensamento. O inspetor Lockwood, habituado ao trato firme e algo áspero que no seu ambiente era esperado dele, temia ter sido demasiado impulsivo com a rapariga que estava prestes a apanhar o comboio direto para Surrey. Beijou-a uma última vez, sem achar que faltava alguma explicação na promessa veemente dos seus lábios.

Estranhamente serena, abrigada no seu longuíssimo casaco cinzento, com o cabelo a derramar-se-lhe sobre as costas, tão ligeira que parecia caminhar na ponta dos pés, John observou-a desaparecer em direção à plataforma acompanhada pela enorme envergadura do cozinheiro galês. Sozinho, no meio da estação decorada com grinaldas e coroas verdes e vermelhas, recuperou o ritmo pausado da sua respiração, deu meia-volta e saiu para o ar frio da manhã com um peso sombrio no coração.

Assim que o comboio se afastou da estação, Agnes deixou-se embalar pelos seus agradáveis solavancos. Agradeceu ao silencioso acompanhante o termos com chá e os doces caseiros que teve a delicadeza de partilhar com ela, e não tardou a adormecer para compensar as horas de vigília de uma noite tão extraordinária. Antes de se abandonar por completo ao sono, soube que não deixara de pensar em John durante todo aquele tempo, no seu abraço protetor, no toque firme das suas mãos, na pergunta dos seus olhos azuis que ela tinha deixado sem resposta. Relembrou os beijos que haviam trocado e a sensação de vertigem, o mudo mármore ancestral do Pártenon como único testemunho da tempestade que os arrastara para mais além de qualquer outra praia. Que estranho era que esse

sentimento tão antigo como o mundo fosse, por outro lado, tão ligeiro que nem lhe pesava nos pés. Muito pelo contrário, sentia que só nos braços de John era capaz de voar.

R. Cadwallader, com a inusitada delicadeza das suas mãos de cozinheiro paciente, aconchegou Agnes com a manta de viagem e recostou-se no assento, absorto na paisagem que começara a ganhar velocidade.

Quando tinha dez anos, Edward Livingstone queria ser um cavaleiro da King's Troop. Na altura, vivia com os pais em Gloucester Crescent e o pai costumava acordá-lo para que visse passar a guarda montada a cavalgar em direção ao Regent's Park, onde se exercitava. O ressoar dos cascos no pavimento anunciava a sua presença com antecedência e, nas madrugadas de inverno, quando os ginetes se materializavam entre o negrume e o nevoeiro, precedidos pela lanterna do primeiro cavaleiro, originava-se um romantismo avassalador.

Com a realocização do aquartelamento da King's Troop de St John's Wood para Woolwich e o perentório chamamento da literatura, Edward foi-se esquecendo daqueles cavaleiros, retalhos de uma nostalgia que Inglaterra se negava a perder.

Mas, naquela manhã, o senhor Livingstone reencontrara-se com a King's Troop entre as páginas de *The Lady in the Van*, de Alan Bennett, e sofreu uma leve crise profissional. Embora tivesse tirado uma semana de férias, estava na Moonlight Books, como se os anos de prática o tivessem transformado num fantasma local, incapaz de existir fora das paredes da sua livraria. Tentou imaginar-se para lá das mesmas. Tentou imaginar-se no dorso de um cavalo de guerra, com o uniforme de gala da artilharia montada, a surgir da obscuridade a galope com o sabre desembainhado. Não o conseguiu fazer sem que lhe desse vontade de chorar. Se as Parcas o tivessem dotado de uma imaginação tão romântica, teria optado por se tornar deputado.

Preparou uma chaleira, encheu o cachimbo e encontrou refúgio no canto dos românticos, bem reclinado no cadeirão roxo, com uma caixa de livros para acomodar os pés. Sobre a mesinha, as últimas novidades de livros ilustrados; as cócegas da felicidade mais absoluta no coração. Acabara de levar a taça fumegante de *earl grey* aos lábios quando um batuque insistente na porta lhe estragou o momento. Levantou-se com um ou outro impropério na língua picta, dirigiu-se à entrada e olhou através do vidro da montra antes de abrir. Oliver Twist, fazendo jus ao seu nome, desempenhava o papel de menino abandonado à soleira da loja.

— A livraria está fechada — informou o senhor Livingstone mal abriu a porta, indicando-lhe o sinal que assim o atestava.

— Mas o senhor está aí dentro.

— Vieste indicar-me coisas óbvias, astronauta de meia-tigela?

— Vim sozinho.

— Mas a tua mãe sabe que estás aqui — arriscou o livreiro, estreitando os olhos por detrás dos óculos e perscrutando com atenção a atitude do menino. Edward acreditava que a senhora Twist fosse capaz de o acusar de sequestro, e não lhe apetecia nada ser alvo de uma denúncia judicial a esse respeito.

— Sim. Vivemos aqui perto e a Clara está de férias.

— Tu e eu estamos de férias — insistiu o senhor Livingstone.

— Por isso mesmo devíamos fazer coisas de que gostamos.

— Como estar aqui — concluiu Edward. — Está bem, entra. Há bolachas com pepitas de chocolate e caramelo em cima do balcão.

Apenas tivera tempo de desfrutar do primeiro livro da sua pilha de escolhidos e começou a beber a segunda chávena de chá quando alguém voltou a bater à porta.

— Por todos os deuses!

Antes de olhar para o visitante, certificou-se de que o sinal de FECHADO estava claramente visível e colocado do lado correto, e que continuava a ser legível em inglês.

— Desculpe, sei que a livraria não está aberta ao público, mas tinha pensado...

O senhor Livingstone observou aquele indivíduo que acabava de dizer que praticava um dos desportos menos populares da atualidade e perguntou-se de que lhe valia pensar, se acabava de bater à porta de uma livraria fechada.

— Ah, o nosso escritor residente — disse, de cenho franzido. — Não o tinha reconhecido sem a lamparina azul.

— Preciso de um lugar tranquilo onde escrever.

— A livraria está fechada.

— E isso torna-a um lugar mais tranquilo.

— Não se fie nisso.

— Agradeceria se...

— Está bem, entre. Mas não me agradeça por nada. E que nem se lhe ocorra mencionar-me nos agradecimentos finais do seu livro, por favor.

— Ninguém lê os agradecimentos.

— Eu leio, sim senhor — disse, muito convencido, o livreiro. — Para garantir que não apareço em nenhum.

Serviu uma chávena de chá ao escritor, que se apressara a instalar-se sob a apreciada lamparina azul, e regressou ao seu recanto de leitura com uma certa desesperança por causa de um ditado.

— Não há duas sem três — disse ele em voz baixa.

Mas, antes que aparecesse um terceiro visitante na livraria fechada, o livreiro teve de atender uma chamada telefónica. Era a sua boa amiga Alice Shawn, que, além de lhe desejar um feliz ano, lhe transmitiu notícias inquietantes. Não teve tempo de refletir sobre o que a conservadora lhe havia dito porque alguém voltou a bater à porta. Desta vez não eram as batidas tímidas de Oliver nem o soar rítmico de uns dedos ágeis sobre o teclado. A madeira pintada de azul retumbava com o som rotundo de umas mãos fortes e decididas.

— Inspetor Lockwood — saudou-o Edward enquanto abria a porta.

— Senhor Livingstone.

— Entre. E faça-me um favor, arranque-me esse sinal que diz FECHADO e espezinhe-o como fez com as campanhas. Para que é que me serve...

John, que não estava disposto a voltar a pedir desculpa pelas malditas campanhas, encarou-o sombriamente ao passar ao seu lado. Recusou a chávena de chá que lhe oferecia o livreiro e preferiu ficar de pé, junto ao balcão, com cara de quem desejava estar noutro lugar qualquer, como, por exemplo, na boca de um vulcão prestes a entrar em erupção.

— Gostava de...

O senhor Livingstone ficou sem saber do que é que Lockwood gostaria, porque este se

esqueceu de continuar a frase assim que viu que, na vitrina sobre os livros ilustrados, o diário do explorador vitoriano tinha regressado.

— Encontrou-o.

— O quê? — disse Edward, fazendo-se de desentendido. — Ah, sim. O diário.

— Onde estava?

— Já comentara com a Sioban que tinha as minhas dúvidas sobre tratar-se de um roubo.

— Como é que o recuperou?

— E você?

John olhou-o sem compreender.

— Como é que recuperou o que tinha perdido? — insistiu o senhor Livingstone.

— Não sei do que fala.

— Da Agnes.

O inspetor Lockwood fez algo que já não fazia desde o terceiro ano da primária: enrubescceu.

— Não estamos a falar da Agnes, mas sim do diário.

— «Estava perdido e fui encontrado.»¹¹

— Você é impossível, senhor Livingstone.

— Tão impossível que me vou casar com a editora mais incrível de Londres.

— Parabéns — disse John, sem poder evitar um certo tom interrogativo.

— Não me parece muito convencido.

— É que simpatizei com a Sioban.

— Então, vai deixá-lo mais tranquilo saber que foi ela quem me pediu em casamento.

— Todos temos dias maus.

O livreiro levou as mãos ao peito, simulando ter recebido um disparo certoiro.

— Au, inspetor. Veio com a intenção de se vingar.

— Relembro-o de que me castigou sem jantar.

Edward negou com a cabeça, entristecido pelos bárbaros costumes natalícios dos oficiais da Scotland Yard, e regressou ao seu recanto de leitura. O inspetor não teve outro remédio que não segui-lo.

— Vai contar-me sobre o diário?

— Se me relatar sobre o rapto da bela Helena. Diga-me que ela o tornou imortal com um beijo e até lhe tiro o chapéu.

— Digamos que sou imune às balas — rendeu-se John perante o bom humor do seu anfitrião.

— Magnífico! Então, digamos que um amigo levou o diário emprestado e se esqueceu de me avisar que ficaria com ele uns dias para o estudar com mais atenção.

— Quando é que o devolveu?

— Na mesma noite em que lhe foi concedida a imortalidade.

— Já sabia quando veio jantar a casa dos meus pais e não me disse nada?

— Estava ocupado a desafiá-lo para um duelo de honra.

— Sim — disse, pesaroso, o polícia —, ainda estou a tentar esquecer isso.

— John — pronunciou solenemente o senhor Livingstone, depois de ter refletido uns segundos —, vou incumbi-lo de uma missão. Não porque confie em si...

— Obrigadinho.
— O sarcasmo não combina lá muito bem com o seu colete à prova de balas.
— Não sei se já reparou que estou à paisana.
— Bah, você anda sempre armado e é perigoso.
— O que quer?
— A paz no mundo?
— Senhor Livingstone... Acaba de me dizer que, embora não confie em mim...
— Magoou-o.
— ...vai incumbir-me de uma missão.
— Ah, sim. Rápido, antes que a Agatha Dresden bata naquela maldita porta.
— Como é que sabe...?
— Está a observar-nos pela montra.
Não foi preciso mais nada para que John se deixasse contagiar pela urgência do livreiro.
— Diga.
— Tem de dizer à Agnes...
Umhas pancadinhas de ratinho tímido soaram na livraria.

Millicent e Prudence, a avó e a tia-avó de Jasmine, viviam numa pequena *cottage* cor-de-rosa nos arredores de Farnham, uma aldeiazinha de casas georgianas do século XVIII no oeste de Surrey, muito próxima do condado de Hampshire. Apesar de sentirem um certo fraquinho por dar cabo da cabeça aos seus jardineiros, a primeira vez que Agnes contemplou a propriedade cuidada pensou que estava a sonhar; nunca tinha visto um jardim tão belo no pico do inverno. Embora as árvores de fruto, as roseiras e os tojos se mexessem despidos das suas flores e frutos ao compasso do vento, as plantas aromáticas, imunes aos rigores da estação, ostentavam uma saudável paleta de verdes, roxos e cremes. Sobre o telhado escuro da casinha cor-de-rosa, plantas trepadeiras e mais roseiras esperavam pacientemente pela primavera.

Milly revelou-se uma senhora quase tão alta como a neta, de formas volumosas e cabelos brancos encaracolados que contrastavam com a sua tez escura. Sentia uma predileção pelos vestidos de lã e tinha-os em todas as cores do arco-íris, ainda que, por sofrer de daltonismo, não costumasse acertar na altura de os combinar com o resto da indumentária. Os seus olhos, grandes e observadores, tornavam-se com frequência pensativos detrás dos óculos de armação púrpura com brilhantes. Prue era um pouco mais baixa do que a sua irmã e compensava o delírio cromático de Milly com calças cinzentas e camisolas em tons cremes. Doutrinada durante cinquenta anos pelo seu defunto marido — a quem ninguém viu desperdiçar nem um *penny* na taberna da aldeola —, poupava no cabeleireiro utilizando uma peruca escura; cada vez que a sobrinha lhe dizia que, com um adereço daqueles, lhe fazia lembrar as integrantes do grupo The Marvelettes, Prue punha-se a cantar *Please, Mr. Postman*.

Notava-se, nos olhares que lançavam entre si e nos risinhos partilhados de cada vez que cometiam uma indiscrição — como sucedia umas vinte vezes ao dia —, que nutriam um profundo carinho uma pela outra. Juntas faziam frente aos jardineiros desalmados do

o mundo, colecionavam chapéus estrambóticos que só usavam aos domingos e passeavam pelas georgianas ruas de Farnham com a única finalidade de cumprimentar todos os seus conhecidos e coscuvilhar nos sete dias da semana.

Milly e Prue receberam com carinho, beijos sonoros e chi-corações a amiga de Jasmine, a sua predileta, e ficaram impressionadas com o imenso espaço que R. Cadwallader ocupava dentro da pequena *cottage*. Demoraram dias a deixar de sustentar a respiração de cada vez que viam a sua delicada louça de porcelana nas enormes mãos do cozinheiro ou ao vê-lo tropeçar com as suas botifarras na entrada da casa.

Mas, como eram generosas e tinham um certo fraquinho pela desproporção circense — na sua juventude, haviam ficado tão apaixonadas por um malabarista e um domador de leões que somente a intervenção *in extremis* do pai delas, que as apanhou a saltar pela janela a meio da noite, fora capaz de evitar a sua fuga doméstica —, acolheram o gigante com uma ternura nostálgica e viam com bons olhos a discreta relação que mantinha com Jasmine. Depressa se habituaram a que as acompanhasse ao mercado, as escoltasse nos seus passeios pela aldeia ou se juntasse a elas ao pé da lareira enquanto respondia a um sem-fim de perguntas sobre a sua família em Gales. Porém, nada salvava Cadwallader de ser o centro das preocupações das irmãs durante os almoços e jantares na pequena casa de campo.

- Ainda não provaste as coxas de pato confitado.
- Tens de os acompanhar com o molho de laranja e ameixa.
- Sim, é perfeito para combater os maus presságios.
- E a melancolia.
- Pois é, Prue, parece um bocadinho cabisbaixo, o pobrezinho.
- Põe-lhe mais molho.
- Quanto?
- Na medida certa para levantar o ânimo de um homem grande.
- Vai ficar com uma indigestão, e depois...
- Depois devia comer um pouco de fiambre.
- Com a indigestão?
- Com a manteiga de amêndoas.

Jasmine e Agnes quase sufocavam de riso com o rápido intercâmbio de tiradas das idosas e a sossegada amabilidade de R. Cadwallader, que comia em silêncio, agradecia a preocupação das senhoras e tomava nota mentalmente de se encarregar ele mesmo de cozinhar o próximo ágape a ser servido naquela mesa.

Agnes agradeceu o convite da amiga para passar as festividades natalícias no lar acolhedor da sua avó. Ainda desconcertada pela precipitação com a qual John Lockwood lhe abrira o coração, os sentimentos dela transitavam pelos estranhos caminhos da mais absoluta contradição. Tão depressa notava os batimentos acelerados no seu peito e uma sensação de vertigem no estômago, como logo a seguir caía nos braços da melancolia e da tristeza mais inexplicáveis. Desfrutava da companhia das velhotas porque a distraíam dos seus abismos emocionais, mas, muitas vezes, os gestos carinhosos que Jasmine e R. Cadwallader partilhavam relembavam-lhe as mãos do inspetor a afastar-lhe uma madeixa de cabelo da frente, pousando na sua cara com tanta delicadeza, a proximidade dos lábios dele sobre a sua pele... Quando isto acontecia, as paredes e os tetos da casinha estreitavam-

se em seu redor até chegar ao ponto de necessitar de sair para o exterior, sob a chuva ou contra o vento do leste, e praticamente correr pelas paisagens da campina plácida em busca de consolo para a urgência de tal desgosto.

Jasmine, que percebia perfeitamente a inquietude de Agnes mas preferia dar-lhe tempo e espaço em vez de a interrogar, refreava as carícias e os beijos na presença da amiga. O temperamento tranquilo e taciturno de Cadwallader encontrara em Farnham um refúgio familiar onde se sentia à vontade. Cada dia que passava na companhia das duas irmãs consolidava a sua confiança, e ele tropeçava com menor frequência em todos os móveis da casa. Sentia-se feliz ao pé de Jasmine e só franzia levemente a testa sardenta quando Agnes passeava a sua inquietude pela casa para depois fugir como Perséfone perseguida por Hades. Nunca disseram nada em voz alta até que, numa tarde excepcionalmente luminosa e límpida, em que Milly e Prue trabalhavam no jardim, se atreveram a comentar a tristeza da arqueóloga.

— Murcha o alecrim à sua passagem — assegurou a avó.

— E ontem à noite ouvi os lobos uivarem — afirmou a tia Prue.

Jasmine encarou-as com incredulidade.

— Não há lobos em Surrey — disse ela. — E não acho que a Agnes tenha alguma coisa contra o vosso alecrim.

— Oh, a culpa não é dela.

— É da tristeza que arrasta consigo.

— Adicionámos jasmim à sua caneca de chocolate.

— Mas não serviu de muito.

— Se nos sobrasse alguma madressilva...

Jasmine advertiu a avó e a tia que deixassem de envenenar o chocolate quente de Agnes e recomendou que metessem o bedelho nos seus próprios assuntos e deixassem os dos outros em paz. Porém, quando, na terceira noite da visita a Farnham, Agnes tão-pouco deu mostras de querer partilhar as razões do seu desassossego, e visto que o alecrim parecia realmente um pouco murcho — e ela não desejava ter de conduzir até ao hospital mais próximo com um caso grave de intoxicação alimentar caso as irmãs continuassem a insistir nos seus remédios caseiros para a tristeza —, Jasmine esperou que a rapariga se retirasse para o quarto e seguiu-a ao fim de um momento.

— Posso entrar?

— Força.

— Tens assim tantas saudades da comida da Fortnum & Mason? Não podes sentir falta do Darkness & Shadow, porque trouxemos o cozinheiro connosco.

— Desculpa se andei um bocadinho calada nestes últimos dias.

— Só um bocadinho calada? As tumbas dos teus templários são mais eloquentes do que tu. O que aconteceu com o inspetor Lockwood? — perguntou Jasmine, indo direito ao assunto. — Já te dei tempo de sobra para me contares, mesmo estando a morrer de curiosidade.

— Considera-o uma vingança justa. Só fiquei a saber que andavas a sair com o Cadwallader quando vos apanhei no Darkness.

— Não tentes distrair-me. O que se passou com o Lockwood? — insistiu a rapariga. —

Admitiu que tinha acabado de se alistar num barco pirata e que partiria para os mares do Sul em três dias? Tem um passado inconfessável como dentista? Ou como advogado?

Agnes fez cara de quem lhe ia atirar à cabeça as poesias completas de Alfred Tennyson para que se calasse. Mais do que apiedar-se da curiosidade da amiga, compreendeu que, se não lhe contasse alguma coisa do que sucedera, bem podia esquecer o sono reparador no silêncio noturno de Farnham.

— Quase jantámos juntos em casa dos pais dele. Com a Sioban e o senhor Livingstone. Foi um desastre — vacilou a arqueóloga.

— Porquê? O senhor Livingstone recebeu a visita dos três fantasmas?

— Não, ele interpretou esse papel.

— O de fantasma?

— O dos três.

Agnes contou à amiga a confusão ao jantar e a fuga que se seguiu.

— Trocámos os nossos números, suponho que vamos combinar alguma coisa quando regressar a Londres.

— Ofereceu-te uma visita noturna ao British Museum e a única coisa que lhe deste em troca foi o teu número de telefone?

— Beijámo-nos.

— És perversa, Agnes Martí. — Jasmine apercebeu-se do brilho da tristeza nos olhos da amiga. — Foi assim tão mau?

— Foi perfeito — pronunciou num fio de voz.

— Eu percebo-te, a mim também me fazem chorar os beijos perfeitos no British Museum na noite de Natal. Não sei no que estava a pensar aquele homem, a arrancar-te de rastros de um jantar horrível para te jurar amor eterno diante da múmia de Ramsés II.

— Foi ao pé dos mármore do Pártenon e não me jurou amor eterno.

— Mas quando te beijou disse «destas paredes, cem mil séculos nos contemplam».

Agnes rendeu-se à veia cómica da amiga e moveu a cabeça com um sorriso. Jasmine estava de bom humor e não ia desistir tão facilmente, por mais evasivas que usasse.

— Conta-me tudo. Foi um beijo tipo *Casablanca* ou mais ao estilo *E Tudo o Vento Levou*? Não, não me digas, foi mais Tolkien, muito Arwen e Aragorn no Pártenon.

Agnes riu-se e expulsou Jasmine do quarto, garantindo-lhe que apenas estava esgotada e que precisava de dormir depois de tantas emoções.

— Boa noite, arqueóloga.

— Boa noite. — Agnes esperou até a silhueta da amiga ficar recortada no umbral da porta para ocultar o seu sorriso. — Jasmine.

— Sim?

— Foi como o de Anakin e Padmé, mesmo antes de entrarem na arena em Geonosis.

— Porque o John está prestes a passar para o lado negro e ficou-te a matar o apanhado à Amidala que te fiz para a entrega do Prémio Scrooge?

Agnes negou em silêncio, os seus belos olhos castanhos a brilharem na penumbra do quarto.

— Porque foi um instante de rendição, escondido dos olhos do mundo, mesmo antes de regressar à arena.

¹¹ Lucas 15, 32.

Agnes habituou-se às plácidas rotinas da campina inglesa com pasmosa facilidade. Levantava-se tarde pelas manhãs, dava uma mãozinha em casa — porque, por alguma razão misteriosa, as suas anfitriãs não a deixavam trabalhar no jardim — ou ia com Jasmine às compras na aldeia. Lia *A Odisseia de Penélope*, de Margaret Atwood, depois de comer, e dedicava a maior parte da tarde, até ao pôr do sol, a dar longos passeios sozinha pelas formosas paisagens do oeste de Surrey. Caminhava tranquilamente através dos campos nevados, desfrutava do ar frio a encher-lhe os pulmões. Parecia-lhe, quando respirava profundamente na solidão da paisagem, que levava meses constrangida pela contaminação, mas também pelo temor e pela dúvida. Nunca mais se sentira tão livre desde os seus verões em Oxirrinco, quando passeava com calma no meio das tumbas silenciosas de reis esquecidos.

A amplitude do horizonte acabava logo no consolo que eram as altas árvores de folha perene agitadas pelo vento do crepúsculo. Por montes e vales, pequenas cercas indicavam presença humana, mas não costumava cruzar-se com quase ninguém durante os seus longos passeios, e a solidude acentuava-lhe a sensação de paz na alma. Quando sentia que a tristeza lhe ensombrava o ânimo, preferia vaguear pelo bosque de bétulas e carvalhos, velada pela nostalgia e pela recordação imprecisa de uma Arwen a caminho dos Portos Cinzentos, já perdida toda a esperança.

Muitas vezes, alcançava o rio Wey e contemplava o seu curso minguado e tranquilo. Na primavera, o degelo devolveria as suas águas bravas e proveria de frescura as margens verdíssimas que agora dormiam por baixo de um suave manto de neve e turfa. A cerca de um quilómetro e meio do Wey, escondidas numa das curvas suaves, Agnes descobrira as ruínas da abadia de Waverley. Os seus arcos e colunas sobreviventes e o espírito dos altos muros salpicados de hera e musgo datavam do século XII. Fora a primeira construção cisterciense de Inglaterra e a arqueóloga tinha lido teorias respeitáveis sobre a sua importância na linha de defesa britânica durante a Segunda Guerra Mundial. Pouco restava da sua grandeza e, ainda assim, a nostalgia dos respetivos remanescentes impregnava o lugar de romantismo, de mistério tácito. Não lhe ocorria um sítio melhor onde encontrar refúgio para os seus pensamentos e aplacar os batimentos acelerados do seu coração de cada vez que a recordação de John Lockwood lhe alterava a pulsação.

Pensativa entre as ruínas de uma abadia cisterciense, caminhando com a ligeireza dos seus pés de ninfa, Agnes parecia mais do que nunca a fada que o senhor Livingstone sempre imaginara que fosse. Os cabelos agitados pelo vento, o longo cachecol branco a ondear, o corpo gracioso quase suspenso a um palmo do chão graças aos passos suaves entre as colunas derrubadas, sob os eternos arcos ogivais de outro século.

Agnes regressava a casa com os olhos cheios de luz e a melancolia a pisar-lhe os calcanhares. Despia as suas camadas de roupa e enfiava-se na cozinha com cuidado para não esbarrar com ninguém. Preparava uma chaleira e instalava-se em frente da única parede de

vidro da casa, numa das cadeiras de vime da tia Prude, coberta por uma suave manta de ponto de cruz, com a sua chávena de chá entre as mãos e o olhar perdido no jardim adormecido. Adorava aquele muro transparente que tanto destoava do estilo clássico das paredes de pedra da cozinha. Para ela, era como se um arquiteto de Camden na casa dos vinte tivesse passado pela pequena *cottage* cor-de-rosa para tentar integrar a sua arquitetura na natureza circundante, mas tivesse deixado o trabalho a meio. O calor da cozinha, os seus aromas caseiros e o crepitar constante da lareira sempre acesa durante o dia contrastavam agradavelmente com a ajardinada intempérie do outro lado do vidro.

— Um *penny* pelos teus pensamentos — disse-lhe Jasmine ao encontrá-la assim instalada um anoitecer.

Agnes manteve-se em silêncio e puxou outra cadeira de vime para perto de si. A amiga aceitou o convite, serviu-se de uma chávena de chá e sentou-se ao seu lado, também de cara virada para o jardim.

— Há um quadro, no Victoria and Albert Museum, de Frances Danby... Acho que se chama *Amor Desapontado*. — Jasmine sorveu o seu chá e desdobrou a manta dos joelhos de Agnes para tapar as duas. — Se não fosse impossível, por falta de uma máquina do tempo, poderia jurar que Danby se inspirou em ti a olhar para este jardim. Não percebo a tua tristeza — disse em voz baixa — nem as tuas reservas.

— Cobardia, medo.

— Já cruzaste sozinha meio continente para fazer pela vida, não acho que isso te torne uma cobarde.

— Não sou corajosa.

Jasmine deu outro gole no chá e voltou a deixar o olhar perder-se no jardim da avó.

— Gostas desta parede de vidro — refletiu ela em voz alta. — Não tem nada que ver com o resto da cozinha ou da casa, mas...

— É perfeita.

— Pois é produto de um desastre. O tio Robert adorava jogar bilhar, mas a tia Prue não queria ver nem pintada uma dessas mesas enormes a arranhar o chão de madeira, por isso o Robert fez de tudo para convencer a esposa a deixá-lo construir uma sala de jogos privada só para o seu bilhar. O tio não era propriamente um entendido em arquitetura, nem sequer em *bricolage*, mas também não estava disposto a pagar a ninguém por causa das suas predileções lúdicas. Não conheço os detalhes todos, mas sei que ainda só tinha começado as obras de ampliação quando caiu toda a parede este da cozinha.

Agnes soltou uma exclamação de surpresa.

— Sim, esta parede. Um desastre. O tio Robert não só ia ficar sem sala de jogos como também sem poupanças. O arquiteto disse que tinha de reforçar todos os alicerces da casa e criar um apoio na parede norte, além de reconstruir esta parede.

— E o que é que aconteceu?

— Decidiu que nenhum arquiteto londrino ia dizer-lhe o que podia ou não fazer na sua casa. Chamou um amigo que trabalhava em empreitadas públicas e perguntou-lhe se lhe tinha sobrado algum material isolante da última obra. O seu amigo disse que nas últimas semanas só tinha andado a reparar o The Shard of Glass, mas que lhe podia tratar do assunto por um bom preço.

— Não!

— Sim — afirmou Jasmine, rindo-se. — Esta parede que te parece tão romântica, como um poema de Keats à natureza, não é nada mais nada menos do que os restos de uma série de reparações no arranha-céus mais futurista da Europa.

— Esta cozinha, este jardim... não podiam ser mais diferentes do coração de aço e vidro da City londrina.

Jasmine assentiu, procurando o olhar da amiga.

— Que a parede da cozinha tenha caído foi um desastre, mas estive nas mãos do tio Robert transformá-lo numa coisa bela. Podia ter sucumbido ao medo e ficado desanimado, mas não o fez; podia ter-se conformado em pensar que a casa iria cair e ficar deprimido pela sua ousadia e pela perda das poupanças de uma vida.

— Se a vida te dá limões... — comentou Agnes. — Foi corajoso.

— Ser corajoso é não nos rendermos, continuar em frente mesmo quando estamos cheios de medo.

— Não sei como deixar entrar o John na minha vida — confessou finalmente Agnes. — Há tanto tempo que não baixo as minhas defesas, que não partilho a minha vida e a minha intimidade, que tenho medo de me ter esquecido de como se faz. Depois de um século a viver atrás das muralhas e do fosso, tenho medo de não ser capaz de me abrir com ninguém. E, caso isso aconteça, assusta-me a devastação que posso deixar pelo caminho.

— Porque dizes isso?

— Porque o John Lockwood é o único capaz de fazer em frangalhos cada uma das minhas defesas. Porque decidiu que assim seria e já não consigo resistir aos seus avanços. Porque assinei a minha rendição em cada um dos seus beijos. Mas sobretudo — quando se virou para Jasmine, já não lhe tremia a voz — porque não conseguiria perdoar-me se partisse o coração de um homem tão bom.

— Vai correr tudo bem. — Jasmine pegou-lhe na mão e, juntas, contemplaram o reflexo pálido da lua cheia sobre o jardim. Um belo plenilúnio invernal. — Mas mesmo que não corresse, mesmo que derrubasse a tua vida inteira, como aconteceu com a parede desta cozinha, quero que te lembres de que até das ruínas do maior dos desastres podem nascer arquiteturas tão extraordinárias como esta.

John Lockwood disse que chegaria às quatro, mas às três já estava a bater à porta da pequena casa cor-de-rosa. Devido à sua antecipação, não deparou exatamente com as boas-vindas que esperava. Um gigante ruivo com cara de poucos amigos ocupava por inteiro a entrada da porta e não o convidava a entrar.

— Sou o inspetor Lockwood — escapou da boca de John. Intimidado, recorrera à fórmula oficial.

— OK — assentiu R. Cadwallader.

— Conhecemo-nos em Londres, na estação de Waterloo.

— Sim.

— Queria falar com a Agnes.

— Quem é, querido? — Milly assomou, curiosa, arrastando pelo soalho de madeira

escura o longuíssimo vestido cor de lavanda que levava vestido nesse dia. — Ooooooh! — exclamou ao ver John. Tirou os óculos e limpou-os cuidadosamente com a manga antes de os voltar a colocar e comprovar que a sua vista não a tinha enganado.

— Deve ser o novo jardineiro — animou-se Prue, arranjando espaço entre Cadwallader e a irmã. — Pedi especificamente à agência que o enviassem antes que acabassem as férias. Ooooooh.

— Nunca nos tinha calhado um tão jeitoso — escapou a Milly.

— Como se isso tivesse alguma coisa que ver com acertar na quantidade de adubo das hortênsias — queixou-se a sua irmã.

— Boa tarde, jovem. Entre, entre. Já nos vai explicar tudo. Mas não aqui fora, que está frio.

— Com uma chávena de chá, à frente da lareira.

— E explica-nos tudinho.

— O quê? — foi o que John conseguiu perguntar.

— Então, o que haveria de ser? Sobre o adubo.

— O adubo... Não percebo. — John olhou para R. Cadwallader em busca de ajuda. Lera algures que os guerreiros galeses tinham um certo código de honra que os obrigava a ajudar os viajantes em apuros. Ou algo do género.

— O adubo para as hortênsias — deu-lhe uma mãozinha o cozinheiro do Darkness & Shadow, talvez lembrando-se dos costumes dos seus antepassados ou talvez porque o inspetor lhe começava a dar pena.

— Jeitoso mas tolinho. — Prue suspirou. — Estava-se mesmo a ver.

— Não me estás a ajudar — lamentou-se o polícia para Cadwallader. — Senhoras, não sou o novo jardineiro.

— Que parvoíce. Porque haveria de dizer que era o jardineiro se afinal não é?

— Eu não disse que o era.

— E, se não é o jardineiro, porque é que foi enviado pela agência? — estranhou Milly.

— Não fui enviado por nenhuma agência.

— É polícia — clarificou Cadwallader.

— Será que se enganaram? — insistiu a mulher idosa. De repente, caiu-lhe a ficha. — Prue, cometemos alguma infração.

— Já te tinha dito que não foi boa ideia mandar embora o jardineiro da semana passada, tinha cara de quem conhecia imensas manhas legais.

— Não estou de serviço.

— Ah, isso explica tudo — animaram-se as suas anfitriãs. — No seu tempo livre, dedica-se à jardinagem.

— Agnes Martí! — gritou Lockwood, dando um passo atrás na ombreira da porta. — Scotland Yard!

— Veio detê-la? — maravilhou-se Milly, com os olhos brilhantes da emoção por detrás dos óculos violeta.

— Se se meteu nalgum sarilho, agora está em nossa casa e sob o nosso asilo sagrado — devolveu Prue, muito séria.

— Isso é nas igrejas... e uma regra do século dezanove — murmurou John.

Eis que apareceu a fada, vestida com uma camisola branca de gola alta comprida, que lhe dava pelos joelhos, o cabelo solto sobre os ombros, descalça, com umas meias de lã verde-maçã e com as bochechas rosadas de estar ao pé do fogo da lareira. O seu sorriso iluminou o próprio céu e salvou o inspetor Lockwood do mais absoluto desespero.

— O que deseja a Scotland Yard? — perguntou, cravando os olhos nos de John.

— Ajuda — disse ele, a voz subitamente rouca, a pulsação acelerada e o olhar firmemente pousado nos olhos castanhos mais lindos do Universo.

Caminhavam depressa, deixando as suas pegadas na neve, sob um céu tingido de vermelhos e laranjas, de luz evanescente e promessas novas.

— Parecias um bocadinho intimidado pelo R. Cadwallader.

Umas nuvenzinhas brancas dançavam ao som das palavras de Agnes. Ela apressou o passo para acompanhar John.

— Só um bocadinho?

Agnes soltou uma gargalhada e o polícia aproveitou para lhe pegar na mão enluvada. Observou-a, sorridente, e achou que os dias no campo lhe tinham acentuado aquele ar tão seu de estar prestes a desatar a voar.

— Pensava que vinhas armado.

— Não estou de serviço, mas aquele homem é capaz de intimidar um tanque.

— Custou-te encontrar a casa?

— Muito. Mas, assim que desliguei o GPS, encontrei-a logo. Para onde vamos com tanta pressa?

— Já vais ver — respondeu-lhe Agnes, sem revelar o mistério enquanto cruzavam o rio Wey por uma pontezinha de pedra que já vira melhores dias, lá para a época da Muralha de Adriano. — O que era tão urgente que não podia esperar que eu regressasse a Londres?

John deteve-se do outro lado do rio e beijou-a com delicadeza.

— Isto — sussurrou contra os seus lábios. — E uma mensagem do senhor Livingstone — acrescentou com aborrecimento fingido.

Agnes incitou-o a caminhar mais uns metros, até um banco de madeira no meio de nenhures. Mas, quando se sentou, John comoveu-se com a vista impressionante além das colinas. Distintas tonalidades de verde, desenhadas com a geometria dos campos cultivados e salpicadas de ovelhas brancas, fundiam-se no horizonte sob a luz minguante da tarde. Um descanso para os sentidos.

John recuperou o fôlego e estendeu o seu telemóvel a Agnes. De repente, tinha as mãos pesadas e custava-lhe olhar para ela.

— O Edward pediu-me para te dizer que tens de ligar para este número. Foi ele próprio quem guardou o número na memória.

— Agora?

Ele assentiu.

— Pergunta pela Alice Shawn. Diz-lhe quem és e ela conta-te.

— Tu sabes o que ela me vai dizer?

— Liga — disse o inspetor Lockwood, com uma expressão indecifrável.

John manteve-se em silêncio durante todo o tempo que durou a conversa, as mãos enterradas nos bolsos e o olhar fixo na paisagem verde. Quando ela terminou a chamada, criou-se uma estranha pausa no transcorrer do tempo, da própria vida. Ainda que Lockwood não acreditasse no destino, pareceu-lhe ouvir, sob o rumor do vento entre as árvores próximas, como se as engrenagens que ajustavam o dele estivessem a saldar uma bela dívida para com as Parcas.

— A Alice Shawn acaba de me oferecer um trabalho como conservadora de uma coleção egípcia no Ashmolean Museum. Leram no meu currículo que tinha estado nas escavações em Oxirrinco, telefonaram ao meu professor, o doutor Padró, e ele recomendou-me para o cargo. O Ashmolean e a Universidade de Barcelona fizeram parte da mesma equipa de investigadores num projeto comum há uns anos. Tenho de passar por umas quantas entrevistas, mas ela diz que sou a candidata mais adequada para a posição e que aposta a sua em como me contratam em poucas semanas.

— Parabéns.

Agnes abraçou John com força. Tinha vontade de rir, de dançar, de cantar. Podia ter começado a voar nesse preciso instante. Só a presença daquele homem bom a mantinha em terra firme. Sentiu como se a enorme pedra sob a qual se apertavam todos os seus sentimentos se desprendesse e rolasse colina abaixo. Invadiu-a um prazenteiro alívio, uma sensação de leveza e alegria. E a certeza de que estava apaixonada por John Lockwood.

— Obrigada.

— Era o que querias?

— Sim. Foi por isto que vim para Londres. É uma grande oportunidade.

Desta vez foi John quem a abraçou. Manteve-a quase um minuto apertada contra o seu coração. Quando se separaram, pareceu-lhe que o sorriso de Agnes continha toda a luz do mundo.

— O Ashmolean fica muito longe? — sussurrou o inspetor Lockwood com o medo a transparecer no azul dos seus olhos. — O cargo implica viajar muitas vezes e durante longos períodos?

— O museu fica em Oxford. E temo que vá sair poucas vezes do escritório e da oficina de restauração.

John praguejou entre dentes.

— O senhor Livingstone deu-me a entender que a oferta de trabalho era uma espécie de expedição perigosa a zonas inabitadas da Dinamarca. Disse qualquer coisa sobre caçar *trolls*.

— Acabaste de dizer que ficaste feliz por mim.

— Sim.

— Ficavas feliz se eu fosse caçar *trolls* para as remotas terras dinamarquesas?

— Tinha as minhas reservas, mas se é isso que te faz feliz...

— John, o Ashmolean fica em Oxford e a coisa mais perigosa que te pode acontecer se lá fores passar o fim de semana comigo é teres de te esquivar do *Lily Christine* do professor Fen.

— Nada de *trolls*?

— Nem um único *troll*.

— Nem de estepes dinamarquesas desabitadas?

— Apenas Oxford, os seus pináculos de sonho e a recordação dos Inklings.

— Disseste se lá for passar o fim de semana contigo.

— Sim.

E, pela primeira vez desde que John dera o mesmo passo no British Museum, foi Agnes quem o beijou.

— Também teria ido para a Dinamarca — assegurou Lockwood quando os seus lábios se separaram.

— Não sabes nada sobre *trolls*.

— Tu salvavas-me — disse-lhe, ainda inclinado sobre ela, tão perto que podia contar cada uma das sardas que formavam a delicada constelação do seu nariz. — Já me salvaste.

— Do que é que uma livreira descalça teria de te salvar, John Lockwood? — sussurrou Agnes, consciente da covinha escondida na comissura dos seus lábios.

— Do som e da fúria.

Era possível que a restante Inglaterra se preparasse para passar outra noite com temperaturas abaixo de zero, mas, para eles, o frio era algo que ficara relegado à recordação de um tempo em que ainda não caminhavam de mãos dadas, a respirar em unísono no agradável silêncio da campina, com o vento invernal e o aroma das bétulas recém-cortadas para alimentar as lareiras vizinhas. Durante o caminho de regresso à pequena *cottage*, John voltara a pensar no temível guardião galês da respetiva porta e suas compinchas, o tormento de miríades de jardineiros incautos.

— Mas isto é real? Ou não é mais do que um sonho? — interrompeu Agnes os seus pensamentos.

Referiu-lhe os muitos currículos que enviara assim que chegara a Londres, as entrevistas, o cansaço, o esforço e, por último, o desespero e a derrota. Parecia-lhe mentira que, finalmente, pudesse ter ao seu alcance o projeto profissional que sempre desejava.

— Não é nenhum sonho — tranquilizou-a John. — E arriscando voltar a ser confundido com o jardineiro, digo-te que apenas estás a «colher o que semeaste».

— Receio que isto não seja mais do que um daqueles romances *feelgood* que a Jasmine lê, onde há sempre um final feliz, porque de que outra maneira se poderia compensar os leitores por todos os problemas e más notícias com que têm de lidar diariamente fora dos seus livros?

— Então, não me importo se isto for ficção. Desde que não vás para a Dinamarca.

De longe, a pequena casa cor-de-rosa refulgia na obscuridade, todas as suas janelas inferiores alegremente iluminadas, como um farol terrestre na noite, guia para todos os peregrinos perdidos. Agnes estacou um momento, apertou as mãos de John e encarou-o, confiante e sorridente.

— Inspetor Lockwood, é uma honra tê-lo ao meu lado. Escolheria a sua companhia inclusive numa expedição de caça aos *trolls*.

Na quinta-feira, dia dos acontecimentos imprevistos na Moonlight Books, Oliver Twist entrou na livraria com um cachorrinho, um labrador cor de canela. Menino e cão vinham unidos pelos laços invisíveis do amor incondicional que só pode ocorrer entre um ser humano decente de oito anos e uma bola de pelo feliz.

— Não — disse o senhor Livingstone assim que os viu cruzar a porta da sua loja.

— O senhor disse que podia trazer um amigo.

— Isso é um cão.

— Também é meu amigo.

O aludido mexeu alegremente a cauda e pôs-se a morder com entusiasmo as pontas das calças do livreiro. Edward apressou-se a levantá-lo com uma só mão, inspecionou o sujeito esbaforido com um olhar crítico por cima dos óculos e devolveu-o ao seu dono.

— É peludo, caminha sobre quatro patas e baba-se nos livros — sentenciou.

— Não especificou o número de patas quando me disse que podia trazer amigos — defendeu-se Oliver, voltando a pôr o cachorrinho no chão. — E o *Liv* não come livros.

— Chamaste *Liv* ao teu cão?

— É a abreviatura de senhor Livingstone.

— És o miúdo mais descarado do hemisfério, Oliver Twist.

— Sou o único miúdo que conhece em todo o planeta Terra.

— Isso é porque deixo sempre para depois conhecer crianças. É um assunto um bocadinho trabalhoso que vou adiando e adiando, tanto que, quando decido conhecê-las, já se tornaram adultas.

— Não fica contente por eu lhe ter poupado trabalho ao vir para a sua livraria?

— Estou doido de felicidade — pronunciou o livreiro, com absoluta seriedade.

— Não parece.

— Se calhar, é porque estás a tentar entrar com um cão na minha loja.

— Vá! Deixe-o subir de uma vez — barafustou o escritor residente, mal-humorado. — Não há quem consiga trabalhar com tanto falar.

— Gostava mais dele quando não se lhe ouvia um pio — confessou o senhor Livingstone à Oliver em voz muito baixa.

Foi à divisão das traseiras, murmurando alguma coisa sobre o exílio do escritor no Starbucks de Embankment, a maldita lamparina azul e a perentória necessidade de outra chávena de chá, e Oliver despachou-se a interpretar a sua fuga como uma permissão implícita para subir ao piso de cima com *Liv*.

Quando o senhor Livingstone saiu com os catálogos editoriais do trimestre, um par de pessoas pululavam entre as estantes bisbilhotando os livros. Instalou-se atrás do balcão e esperou pacientemente que chegassem as perguntas das hordas bárbaras, como não tardou a suceder.

— Vou levar este para o meu sobrinho — disse um trintão despenteado, colocando nas

mãos de Edward um exemplar de *Tales of the Peculiar*, de Ransom Riggs. — Ele gostou da primeira parte.

— Isto é um livro de contos — avisou-o o senhor Livingstone. — Não tem primeira parte. Nem segunda.

— Tem, sim, fui vê-lo ao cinema e era protagonizado por Eva Green.

— Refere-se ao título *O Lar da Senhora Peregrine para Crianças Peculiares*, do mesmo autor.

— Esse mesmo.

— A segunda parte é *Cidade sem Alma*.

— Mas neste livro também aparecem as tais crianças peculiares.

— Suponho que sim — concedeu o senhor Livingstone, que começava a ficar farto daquela conversa absurda —, mas são contos independentes sobre o universo criado por Riggs.

— Acho que não gosta de contos.

— Quem? Riggs?

— O meu sobrinho.

— Então, duvido de que goste deste livro.

— Mas como é a segunda parte...

— Não é — insistiu o senhor Livingstone com a testa franzida de aborrecimento.

— Acha que se pode ler de maneira independente? Porque estava a pensar...

— Permita-me que duvide.

— Ah, então tem de ler antes o primeiro.

— Referia-me à sua última observação, sobre estar a pensar.

— Ah, estou a ver, é um desses livreiros.

— Desalmados?

— Aqui tem — interveio Agnes Martí, oferecendo ao cliente um exemplar de *Cidade sem Alma*. O senhor Livingstone não a vira entrar na livraria, concentrado como estava em produzir uma réplica ao recalcitrante tipo das crianças peculiares; devia ter chegado há muito pouco tempo, pois ainda tinha vestido o seu longo casaco cinzento, e as bochechas estavam rosadas devido à diferença de temperatura em relação ao exterior. — Ele vai gostar mais deste.

— Ah-ah! Era a isto mesmo que me referia. Muito obrigado, menina. Dá gosto encontrar livreiras como você.

Agnes cobrou-lhe o livro, embrulhou-o para oferecer e esperou que ele saísse da loja para tirar o casaco, o cachecol e os sapatos. Pelo canto do olho, vigiava Edward, que se retirara, em silêncio e rabugento, para o fundo da livraria, onde uma rapariga baixita continuava a olhar para as estantes como se fossem o seu pior inimigo.

— Posso ajudá-la a decidir-se?

Não era hábito o senhor Livingstone falar com os clientes se eles não se dirigissem a ele primeiro, mas Agnes ficou com a sensação de que a sua intervenção com o tipo peculiar o tinha incomodado de alguma maneira e agora tentava demonstrar-lhe que era perfeitamente capaz de lidar com os visitantes mais difíceis.

— Não, não penso comprar nenhum destes livros — respondeu-lhe a aludida. — Não

gosto de ler.

O senhor Livingstone demonstrou o seu transtorno elevando uma única sobrancelha.

— Entrei por causa do aquecimento. Hoje está um frio de rachar.

— Apetece-lhe um chá? — perguntou Agnes a Edward para evitar a réplica mordaz que ele seguramente tinha na ponta da língua.

— Sim, obrigada — respondeu a rapariga baixita que odiava livros.

Agnes fixou-se na veia que começara a palpitar sob o olho esquerdo do livreiro e apressou-se a pegar-lhe suavemente no cotovelo para que a acompanhasse até ao canto dos românticos. Quando regressou, com chá para dois e generosas porções de bolo de chocolate e creme inglês, o senhor Livingstone parecia um pouco mais relaxado no seu cadeirão roxo de grandes apoios.

— Olá — disse-lhe ele, lacónico. — Não lhe vou perguntar como foi a sua estada na bucólica campina inglesa, porque já vi que está radiante.

— Obrigada.

— Recebeu a minha mensagem?

— E o seu mensageiro. — Agnes corou, e o senhor Livingstone deixou escapar um suspiro.

— Quando é que se vai embora?

— A Alice disse que me ia ligar na semana que vem para me informar sobre a data da primeira entrevista.

— O que queria dizer era quando é que está a pensar deixar a Moonlight Books.

Encararam-se em silêncio. O senhor Livingstone esqueceu-se da citação literária que estava prestes a pronunciar em voz alta; nos olhos de Agnes assomava uma tristeza infinita. Embora quisesse ter respondido «nunca», reuniu forças e sussurrou num fio de voz:

— Se lhe parecer bem, vou esperar até ter uma proposta garantida.

— Fique durante o tempo que quiser — disse Edward antes de dar um gole reconfortante na sua chávena de chá. — Oxford pode esperar.

— Porque é que disse ao John que eu ia para a Dinamarca caçar *trolls*?

— Foi uma lamentável confusão. Comentei com ele que tinha acabado de receber uma nova edição do livro *The Story of a Troll-Hunt*, de James McBryde, e ele mostrou interesse por...

— Senhor Livingstone.

— Cáí na tentação de o fazer sofrer um bocadinho — admitiu o livreiro com um brilho travesso no olhar. Esquecera-se de Oliver e do seu cão, do escritor residente, do tipo peculiar e da rapariga do aquecimento. Era essa a magia das fadas na Moonlight Books.

— Ele também me disse que o diário do doutor David Livingstone tinha regressado ao seu lugar.

— Fui eu que o levei — confessou Oliver, irrompendo do canto dos românticos precedido do seu novo amigo. Abraçou Agnes com uma naturalidade que teve o dom de comover a arqueóloga e apresentou-lhe o pequeno labrador: — Este é o *Liv*.

Edward estalou a língua com desaprovação enquanto Agnes despenteava o pelo de ambas as criaturas.

— Vocês fazem-me sentir como se estivesse num romance de Enid Blyton — lamentou-

se ele.

— Ui, sei ao que se refere, a Jasmine obrigou-me a ler *A Arte Perdida de Guardar Segredos*, de Eva Rice.

— A inusual tendência da sua amiga para a ternura mais insuportável deixa-me subjugado.

— O mundo seria um lugar melhor se não tivéssemos vergonha de ter dias amorzeiros.

— O que é amorzeiro? — perguntou Twist enquanto dava conta do pedaço de pastel de chocolate que Agnes partilhara com ele.

— Tu.

— Não confunda o futuro explorador espacial com definições inexatas — repreendeu-a o senhor Livingstone. — Trouxe um cão para a minha livraria, está a devorar o seu pastel e enganou o inspetor Lockwood com os seus dotes de serralheiro do YouTube. Isso não é nada amorzeiro para um miúdo de oito anos.

— Porque não contou ao John que o Oliver tinha levado o diário emprestado?

— Porque era um segredo entre cavalheiros.

— E porque gostávamos de ter o inspetor na livraria — admitiu o menino. — Dava um bocadinho de medo, como aquela história de *The Imaginary* que me estás a ler.

— A Agnes também tinha medo do inspetor Lockwood. Achava que ele a ia comer. — O senhor Livingstone piscou-lhe um olho.

— Pensava que me ia prender pelo roubo do diário.

— Todos sabemos que o índice de criminalidade entre as licenciadas em Arqueologia não faz outra coisa se não aumentar. As estatísticas mais recentes apontam...

— Conte-me o que aconteceu com o diário — cortou Agnes a palavra.

— Antes disso, diga-me do que é que tinha medo. Mas poupe-me a desculpa da detenção policial.

— Era um receio justificado.

— Do que tinha medo, Agnes? Porque é que a assustava a possibilidade de se apaixonar pelo John Lockwood?

— De onde é que tirou essa ideia?

— De uma observação muito inteligente da Sioban.

— Pensei que só estava de passagem por Londres.

O senhor Livingstone encheu a sua chávena de chá e olhou para Agnes por cima dos óculos com a testa franzida. Oliver, que esperava que ela lhe lesse um pouco mais do livro de Harrold, limpou os últimos restos de pastel de chocolate à manga da camisola e instalou-se comodamente à espera aos pés da fada descalça. Apoiou as costas delgadas nas pernas da rapariga e acolheu *Liv* no seu regaço. Estava tão à vontade e quentinho que não tardou a cabecear como um velhinho em frente da lareira.

— Muito bonito — sentenciou Edward depois de considerar a sua resposta. — Pensava abandonar-nos a todos à primeira dificuldade que se apresentasse.

— Não é isso, é que há pessoas que precisam de mais tempo para abrir o seu coração.

— Como se fosse uma ostra?

— Como se fosse um ser humano atribulado longe do seu lar.

— O lar é o lugar onde guardamos os livros. Sir Richard F. Burton.

Agnes desfrutou do peso ligeiro de Twist aos seus pés, da tarde tranquila na Moonlight Books passadas as atarefadas compras natalícias, do aroma a *earl grey* e chocolate. Recostou-se no seu assento, suspirou de felicidade e olhou para o recalcitrante livreiro com um sorriso a dançar-lhe nos olhos.

— O que vai fazer em abril? — perguntou-lhe o senhor Livingstone, partilhando o momento de paz com a sua arqueóloga emprestada.

— Ler.

— É por respostas como essa que se tornou uma das minhas pessoas favoritas no mundo.

— O senhor contagiou-me.

— Em abril, tem de regressar a Londres; não pode deixar de estar presente no meu casamento.

— Oh, senhor Livingstone! As minhas mais sentidas felicidades. Como...?

— Noite de Natal. Quando abalámos da espantosa casa dos seus futuros sogros. Foi aí que Sioban que me pediu — acrescentou o livreiro, orgulhoso —, nos Kensington Gardens.

— Fico muito contente.

— Se eu fosse a si, não teria tanto entusiasmo.

— Porquê?

— Porque lhe vou pedir que seja a minha madrinha.

A tarde passou-se agradavelmente. Poucos clientes se aventuravam a desafiar a neve em busca de um bom livro. Como se se tratasse de uma metáfora para a vida, a maioria das pessoas carecia da coragem necessária para sair durante a intempérie à procura de aventura quando em casa tinha aquecimento e televisão. O lar de um inglês é o seu castelo, ainda que careça de uma biblioteca.

Agnes usufruiu do chá com o senhor Livingstone, leu a Oliver e a *Liv* algumas páginas de *The Imaginary* e de *Histórias ao Telefone*, de Gianni Rodari, fez a reposição das coleções de clássicos que haviam sido despojadas durante as festividades — Edward tinha a teoria de que ninguém sabia o que oferecer ao avozinho no Natal até que uma busca no Google associava as palavras «velhos» e «clássicos» —, organizou as estantes e esforçou-se por manter na memória cada detalhe daquele lugar que a acolhera quando se encontrava mais perdida. Os pavimentos de madeira — que rangiam agradavelmente sob os seus passos descalços —, a bela escada de ferro forjado com as suas volutas vegetais, a cúpula semicoberta de neve, os risos de Oliver Twist na secção de História — nunca mais sozinho ao refúgio do seu telescópio —, o teclado suave do escritor residente, centenas de livros pacientemente à espera de serem descobertos pelos leitores, a mesa dos livros ilustrados do senhor Livingstone, a vitrina com o diário reaparecido...

Quando Roberta Twist passou para vir buscar o filho e lhes desejou um feliz Ano Novo, deixando o senhor Livingstone boquiaberto, este decidiu que já tinha sido o suficiente para um só dia. Despediu-se do menino e do seu homónimo peludo à porta, girou o sinal de FECHADO — que acabara por decidir manter, apesar da sua decepcionante ineficácia no passado — e recordou Agnes de que era hora de voltar a Rivendell.

— Ou onde quer que residam as fadas — grunhiu com o cachimbo entre os dentes.

— Gostaria de ficar aqui para sempre. Este é o único sítio em que me sinto a salvo do mundo.

— Relembro-a de que foi aqui que encontrou John Lockwood.

Agnes sorriu. Colocou os sapatos, o casaco, as luvas e o cachecol e passeou a nostalgia do seu olhar pela bela livraria de pavimentos de madeira e escada em caracol.

— Aqui tudo é possível.

— Vai encontrar o seu caminho, Agnes. Têm-no debaixo dos pés.

O livreiro adivinhou as suas intenções e deteve-a com um gesto. Não tinha a certeza de conseguir manter a sua célebre fachada imperturbável se a fada insistisse em o abraçar.

— Durante toda a minha vida andei à procura de um lugar como este. Um lugar no qual pudesse ser eu própria e sair, sem medo nenhum, ao encontro da felicidade.

Ajustou o cachecol azul de John em redor do pescoço e despediu-se com lágrimas nos olhos.

— Até amanhã, senhor Livingstone.

Perguntou-se durante mais quantos dias teria o privilégio de pronunciar aquelas mesmas palavras e saiu para a rua sem olhar para trás. Dera apenas meia dúzia de passos quando ouviu a voz do livreiro atrás de si:

— Agnes.

Edward saíra da Moonlight Books. Ali estava ele, quieto, no meio do passeio, sob a luz suave dos antigos lampiões de Temple, em mangas de camisa, com o seu casaco cinzento e a corrente do relógio de bolso a desenhar um pequeno sorriso. Agnes, que girara na sua direção ao ouvi-lo chamá-la, quis guardá-lo para sempre na memória precisamente assim, pois não lhe ocorria uma imagem mais próxima do verdadeiro carácter do livreiro do que aquela gravura taciturna e sóbria de *gentleman* vitoriano. Os primeiros flocos da noite começaram a cair, suaves e preguiçosos, sobre as suas cabeças.

— Agnes — repetiu Edward Livingstone —, o lugar que procura não está aqui — fez uma pausa e dedicou-lhe um dos seus sorrisos singulares —, mas sim no seu coração.

E desta vez, sim, ignorando qualquer protesto que ele pudesse ter pronunciado, a rapariga voltou atrás pelo mesmo caminho, através do ar salpicado de branco, postou-se em frente do livreiro e abraçou-o com toda a força de que foi capaz.

Epílogo

Era um dia claro de primavera quando Agnes Martí colocou a mão direita sobre a pluma da maçaneta da Moonlight Books e empurrou a porta para entrar. Já fazia um par de meses desde a última vez que ali estivera, mas, assim que se apercebeu do cheiro a livros novos e sentiu a madeira do pavimento sob os pés, foi como se nunca se tivesse ido embora.

— A livraria está fechada! Ah, é a menina. — Caldecott sorriu, parecendo-se mais do que nunca com o Mr. Magoo. — Chega no pior dos momentos, o Edward não para de citar Tucídides.

Agnes preferiu não dizer ao velho alfaiate que, em bom ou mau momento, tinha sido convidada para o enlace e era sua intenção acompanhar o noivo ao altar. Caldecott parecia angustiado, dando voltas pela livraria sem nenhum destino em particular, como se fossem tantas as tarefas pendentes que não sabia por qual delas começar.

Oliver desceu a escada a correr e lançou-se nos braços da arqueóloga.

— Mas que lindo que estás! — exclamou Agnes depois de estreitar e beijar o pequeno astronauta.

— É um fato de fraque curto — informou o menino. — O senhor Caldecott emprestou-o. Disse que foi um russo misterioso que o usou quando era pequeno.

— O czar Nicolau II, dos Romanov — especificou o alfaiate a partir da estante dos livros de Dickens e Twain.

— Cheirava como se tivesse sido usado durante um jogo de críquete no verão — confessou-lhe Oliver em voz baixa —, mas a minha mãe levou-o à lavandaria e agora não está mau.

— Onde está o senhor Livingstone?

— A Clara levou-o a dar um passeio.

— Estava nervoso?

— Não, tinha de fazer chichi.

Agnes olhou para ele desconcertada.

— Ele está a falar do cão — clarificou o senhor Livingstone original, plantando-se entre os dois e ajustando a gravata de Twist.

— Já sabia — mentiu Agnes.

— O que está aqui a fazer?

— Sou a sua madrinha.

— E trouxe as pistolas?

— Esqueci-me delas.

— E de como chegar à igreja de Temple — deduziu o senhor Livingstone, observando-a com os seus olhinhos azuis por cima dos óculos.

Estava prestes a sorrir quando Agnes teve a delicadeza de assentir e encolher os ombros com um aspeto contrito. Edward contemplou a sua anterior aprendiz de livreira e achou-a tão bela como sempre. Tinha o cabelo repuxado num carrapito alto e luzia magnificamente

num longuíssimo vestido azul-celeste com decote reto e descaídas alças de seda. Quando se movia, o vestido sussurrava em seu redor e acariciava com solenidade a antiga madeira do chão da livraria.

— Se não desconfiasse do seu fraquinho pela Revolução Francesa — disse o senhor Livingstone, arranjando maneira de demonstrar com um trejeito o quanto lhe desagradavam todos os franceses —, até lhe diria que hoje me parece bonita como uma jovem rainha.

— Obrigada.

O livreiro consultou o seu relógio de bolso, numa imitação bastante credível do Coelho Branco de *Alice no País das Maravilhas*, e instou Agnes a acompanhá-lo.

— Temos tempo para uma chávena de chá — sentenciou com seriedade.

Colocou quatro taças de champanhe sobre o balcão, abriu uma garrafa de *Moët & Chandon* e serviu o espumoso e dourado líquido. Encheu a quarta taça de água com gás e ofereceu-a a Oliver. Esperou que Caldecott terminasse as suas imaginárias tarefas urgentes, chamou-o à atenção e brindaram com a solenidade que a ocasião requeria.

— Recordem que o segredo da felicidade está na liberdade, e o segredo da liberdade, na coragem — citou o senhor Livingstone com a sua taça erguida.

— Eu avisei. — O alfaiate suspirou. — Tucídides durante a manhã inteira.

— À felicidade, à liberdade e à coragem — assentiu Agnes antes de beber da sua taça.

— Que boas novas me traz de Oxford, portadora do anel? — perguntou-lhe o livreiro depois de saborear as bolhas.

— Faz-me sentir como o Frodo.

— Por causa do anel? É mesmo a minha madrinha.

— Por causa de Oxford. — Agnes piscou um olho ao seu antigo patrão. — Não há novas, só as antiguidades de sempre, bem guardadas no Ashmolean.

— Circunstância que me parece por demais tranquilizadora.

— Não se fie nisso, os oxfordianos não pensam o mesmo.

— Isso deve-se a terem recebido a visita do inspetor Lockwood.

— Oh, sim. — Agnes riu-se. — Sem dúvida.

— Bem, ficaria de coração partido se não viesse ao meu casamento.

Agnes estava a explicar-lhe que John se oferecera para dar boleia a Sioban até à igreja no seu carro quando um pequeno torvelinho de caracóis violeta, vestido às flores e pantufas ultrapassou a desesperada defesa de Charlie Caldecott e os interrompeu:

— Senhor Livingstone!

— Senhora Dresden!

— Porque é que está tão elegante?

— Um livreiro não pode receber os seus clientes como merecem?

— Vai casar-se daqui a uns quarenta minutos, senhora Dresden — interrompeu o alfaiate, virando os olhos.

Começava a perceber Edward sempre que este se queixava da invisibilidade do sinal que dizia FECHADO, o qual continuava bem colocado e visível na porta da loja.

— E o que é que ainda está a fazer na livraria? Não devia estar a caminho da igreja, da câmara municipal ou de uma floresta ao pé de Atenas, como em *Sonho de Uma Noite de*

Verão?

— A igreja não fica muito longe... acho eu — balbuciou Agnes.

O senhor Livingstone fulminou-a com o olhar.

— Ah, então tenho tempo para levar alguma coisa para ler este fim de semana — disse a senhora antes de desaparecer escada acima com um trote alegre dos seus caracóis violeta.

Nesse momento, a porta da livraria voltou a abrir-se e o escritor residente, com a vista fixa nas estantes ao fundo como um Ulisses a divisar Ítaca, cumprimentou-os com um educado bom-dia antes de se instalar na sua mesinha habitual.

— Desculpe... — começou a dizer-lhe o senhor Caldecott, que, apesar dos recentes fracassos, não se dava por vencido.

— Não vale a pena, Charlie — atalhou Edward. — Deixemo-lo sob o benigno influxo da sua lamparina azul.

— Então eu passo por aqui mais tarde para fechar — ofereceu-se Agnes.

— Aos velhos tempos. — O livreiro levantou a sua taça.

— Aos velhos amigos — fizeram coro Caldecott e Agnes em unísono.

— É melhor subir para dar uma mãozinha à senhora Dresden na escolha da sua nova leitura, ou vão tocar as doze badaladas e a Cinderela vai cá deixar o sapatinho — disse o senhor Livingstone, olhando com atenção para os pés formalmente calçados de Agnes, que apenas espreitavam de baixo do vestido. — Belos sapatos, Watson.

— Obrigada, estimado Holmes.

A rapariga contemplou a livraria na sua quietude pacífica, com o teclar de fundo do escritor residente, a voz abafada da senhora Dresden a embirrar com as sugestões de Edward no andar de cima, as pequenas partículas de pó a dançar com delicadeza num feixe de luz procedente da montra sobre a bela escada, a ordem ateniense de Tucídides nas estantes e um menino louro, impaciente e com um fraque curto, a revolver a mesa dos livros ilustrados.

— Porque não vai andando com o Oliver? — sugeriu Agnes a Caldecott.

— Boa ideia, assim tranquilizo a Sioban em relação às honrosas intenções do seu prometido.

— Porque haveria de ter alguma dúvida a esta altura do campeonato?

— Porque quando está no meio dos livros, o Edward é capaz de se esquecer até do seu próprio casamento — avisou-a o alfaiate da porta. — Vamos, Oliver.

— Prefiro ir com a Agnes.

— Eu vou já a seguir — prometeu ela. — Assim que a senhora Dresden acabar o saque desta semana. — Inclinou-se ao pé do menino quando passou ao seu lado e lhe examinou os olhos vivazes. — Não terás levado mais nenhum livro valioso da mesa preferida do Edward, pois não?

— Mas aqueles nem sequer estão fechados à chave! — indignou-se Oliver.

Uns minutos depois de Caldecott e Twist abandonarem a livraria com destino à igreja, a senhora Dresden desceu a escada, seguida de perto pelo senhor Livingstone. O livreiro foi até ao balcão, colocou uma respeitável pilha de livros num saco de papel, recebeu o pagamento e avisou-a de que não voltasse à loja antes do mês de maio.

— Porque vou estar em lua de mel.

— Em Nárnia?

— Acabou de fazer uma piada, senhora Dresden?

A senhora corou, orgulhosa, e escapou-se-lhe um risinho de rapariguinha.

— Eu e a Sioban vamos durante um par de semanas percorrer as terras de Sir Walter Scott. Já sabe como é, *claymores*, castelos e os rudes homens de Wallace.

— Até maio?

— Até maio — confirmou o livreiro.

A senhora Dresden fez uma careta.

— Não se queixe, senhora minha. Acabo de lhe vender toda a saga de *As Crónicas de Gelo e Fogo*, de George R. R. Martin. Tem leitura que chegue até ao inverno.

A senhora despediu-se de Edward, desejou-lhe uma feliz lua de mel e recomendou que não perdesse Sioban de vista nas Highlands, pois lera alguns romances a respeito da fofosidade amorosa e do descaramento dos respetivos habitantes que tinham despertado a sua suspeita em relação aos homens do Norte. O senhor Livingstone prometeu que estaria atento e que a informaria pontualmente sobre tal questão quando regressasse. A senhora Dresden assegurou que decidiria o destino das suas próximas férias dependendo do relatório que lhe trouxesse Edward sobre os *highlanders*.

— Vou sem o meu marido — pronunciou, sonhadora, antes de sair da livraria.

— Bem — disse o senhor Livingstone quando ficaram a sós (o escritor residente não contava com pessoa enquanto estivesse em pleno processo de criação).

— Bem — repetiu Agnes.

Edward vestiu o casaco do seu fato, alisou as lapelas, ajeitou a rosa branca que Charlie Caldecott tão cuidadosamente lhe posicionara na casa do botão, voltou a consultar o seu relógio de bolso e olhou, sorridente, para Agnes depois de o devolver ao interior do casaco cinzento.

— Pronta?

Agnes assentiu, risonha, enlaçou o seu braço no do senhor Livingstone, pegou com a outra mão na cauda do vestido de gaze e deram ambos quase uma voltinha de dança para encerrar a porta.

— Não tenho a certeza se é totalmente legal ter uma madrinha tão bonita e inteligente — brincou o livreiro antes de sair.

— Ainda nos arriscamos a que o inspetor Lockwood o detenha.

— Tive saudades suas, Agnes.

— E eu suas. — A arqueóloga emocionou-se. — Apesar de ter um soalho de madeira excelente, no Ashmolean não é visto com bons olhos andar descalço no trabalho.

— Malditos *muggles* — resmungou o senhor Livingstone.

Saíram da livraria e desfrutaram da tépida carícia do sol sobre os seus rostos. Era um dia excelente para começar uma nova aventura.

— Igreja de Temple — disse Agnes —, direita ou esquerda?

O senhor Livingstone soltou gargalhadas roucas, que soaram como se estivessem oxidadas pelo tempo que levavam em desuso, e deu umas palmadinhas felizes na mão da fada sobre o seu braço.

— E isso por acaso importa? Desfrute do caminho.